Diário de Lisboa

ANO 55.º/18779 — 4$00

SEGUNDA-FEIRA 2 JUNHO 1975

Fundador **Joaquim Manso** — Director **A. Ruella Ramos** — Director-adjunto **José Cardoso Pires**

COSTA GOMES INAUGURA A CONSTITUINTE

À hora de esta edição começar a circular decorre em S. Bento a cerimónia inaugural da Assembleia Constituinte, com a presença significativa do general Costa Gomes. Há dois discursos: do Presidente da República e, em resposta, do prof. Henrique de Barros, nome, aliás, proposto pelo P. S. para a própria presidência da Assembleia.

Uma alteração de última hora sobreveio na direcção do grupo parlamentar do mesmo Partido: problemas de saúde obrigaram à substituição do dr. José Magalhães Godinho pelo eng.º António Lopes Cardoso como presidente do grupo. Formado em Agronomia, o eng.º Lopes Cardoso participou no malogrado golpe de Beja, tendo-se exilado logo a seguir. Membro da comissão central das J.A.P. (Juntas de Acção Patriótica) antes dessa data, foi mais tarde um dos dirigentes da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Passou longos anos fora do País, nomeadamente em França e no Brasil, de onde regressou no começo desta década.

A COLOCAÇÃO DOS DEPUTADOS

Entretanto foi solucionado o problema da colocação dos 250 deputados no hemiciclo. Na ponta esquerda, à frente, tomará assento o único deputado eleito pela U. D. P., tendo ao lado, numa faixa que cobre grande parte da ala esquerda e do centro, os seus 116 colegas do P. S. Na faixa esquerda, mas atrás, ficarão os 30 deputados do P. C. P., com os 5 do M. D. P. à sua direita. A ala direita é ocupada pelos 81 deputados do P. P. D., com os 16 do C. D. S. no extremo correspondente e, à frente, o solitário representante de Macau.

Muitos milhares de pessoas foram ontem saudar o Primeiro-Ministro no seu regresso de Bruxelas, onde participou na Cimeira da N. A. T. O. Palavras mais repetidas pelos manifestantes ao Conselho da Revolução e a Costa Gomes, ali presentes: «Socialismo só há um, o do povo e mais nenhum.»

VIAGEM AO FIM DO IMPÉRIO

Pelo nosso enviado especial ARMANDO PEREIRA DA SILVA

(Ler na pág. 9)

VALENTINA EM LISBOA

Valentina Tereschkova, a primeira mulher-cosmonauta, está em Portugal a convite do Movimento Democrático das Mulheres. Na gravura, Valentina com Álvaro Cunhal. (Pág. 11).

COMBOIO DO VOUGA (RE)COMEÇA MAL

Feita ontem a viagem inaugural, com máquinas e composições partindo de Aveiro e de Espinho rumo a Viseu, o remoçado e alindado comboio do Vale do Vouga entra em dificuldades. Esta manhã, ainda se encontrava bloqueado em Oliveira de Frades, pois manifestações de populares em duas antigas estações daquele Concelho (Pinheiro de Lafões e Reibeiradio) no de Águeda (Casal d'Alvaro) em Rio Meão, formaram piquetes de protesto contra a reformulação do circuito que fechou algumas estações e apeadeiros. Ao mesmo tempo, o serviço de camionagem que completa a rede de transportes da região, em complemento da via férrea, encontra-se também paralisado por oposição firme dos populares. Contudo a circulação foi iniciada, mais tarde, com uma primeira vitória: a do povo de Ribeiradio. Uma certa falta de esclarecimento e consulta às populações, aliada a manobras oportunistas de tipo reaccionário poderão considerar-se responsáveis por esta agitação. (Reportagem na pág. 10)

ANGOLA

COMBATES EM CARMONA

LUANDA, 2 (especial para o «D.L.») — A Comissão Central do M.P.L.A. e o comandante Iko Carreira, em declarações simultâneas e coincidentes produzidas hoje em Luanda e em Argel, desmentiram categoricamente as notícias surgidas nos últimos dias sobre uma hipotética oposição, no seio do Movimento, entre uma «linha dura» e uma «linha moderada».

«Não há divisões no M.P.L.A.», afirmou Iko Carreira, considerando «especulativas e sem qualquer fundamento» as notícias, de que se fez eco a edição de sábado de um vespertino de Lisboa, e que teriam origem em certos elementos do Exército Português em Angola. Segundo as atoardas, Carreira chefiaria a «linha dura», apoiado pelo comandante Nito Alves e pelo próprio presidente do M.P.L.A., Agostinho Neto. O líder da «linha moderada» seria Lúcio Lara. Outra versão das mesmas notícias, também desmentida, coloca o presidente Neto ao lado de Lara contra a «linha dura» de Carreira e Nito Alves.

Nos círculos políticos de Luanda sublinha-se o efeito divisionista, confusionista e perturbador que semelhantes notícias podem desencadear na actual situação angolana.

Graves incidentes estalaram ontem em Carmona entre tropas do M.P.L.A. e da F.N.L.P., obrigando à intervenção, até agora sem êxito, de uma equipa militar mista composta por forças integradas dos três movimentos de libertação.

A insuficiência desta equipa e o recrudescimento das confrontações armadas determinou uma ordem de marcha, emitida esta manhã, para que segunda força militar integrada siga para Carmona e domine a situação.

Noticia-se entretanto certa melhoria da situação no Negage, onde parece ter terminado o tiroteio entre tropas do M.P.L.A. e da F.N.L.A. A crise militar vai-se acalmando também nos Dembos, em Malanje e no Golungo Alto, mas a população branca, receando novos e mais graves embates, continua a afluir em massa à capital.

GENERAL FABIÃO NA ACADEMIA MILITAR

"AQUI POSSO REALIZAR O SOCIALISMO INTEGRAL"

..«Desejo que esta Academia se transforme tal como a temos encaminhado, numa autêntica universidade e que os homens que aqui se formem, além de uma ciência militar e de uma ciência de qualquer outro ramo da actividade humana criem também uma mentalidade, uma mentalização verdadeira socialista para ser posta ao serviço do povo português. É o povo realmente quem paga e sustenta esta Academia. O povo tem o direito de exigir que os homens que aqui se formam sejam homens aptos para o servirem. O investimento que aqui fazemos é pesado e tem que ser altamente rentável no campo da batalha da produção. Portanto, tudo o que eu aqui vou investir tem que me dar realmente uma produtividade muito grande e um rendimento muito bom. Ou então não tinha razão de ser esta Academia» — afirmou o general Fabião, no acto de posse do general Pinto Soares como comandante da Academia Militar, realizado esta manhã.

..E prosseguiu:

. «Isto passa, com efeito, por uma aplicação muito grande, uma participação muito grande de todos os alunos na sua própria formação. Mas formação autêntica. Temos realmente que produzir aqui os continuadores do processo revolucionário, os homens a ocuparem a médio prazo os lugares-chave de todo este processo. A Academia conta com o

Continua na pág. 16

2.ª EDIÇÃO

Nacional

Dia Internacional da Criança

Dia Internacional da Criança, dia de festa, com teatro, cinema, palhaços, fantoches, música, poesia, pintura, desporto, convívios em jardins, merendas — tudo pensado para a criança, com a criança a participar e a assistir. Dia enternecedor. Maravilhoso. É bom que se festeje assim um dia. Depois? Depois continua a haver crianças ao abandono, sem amor, sem casa, sem escola, sem pão, sem sapatos. Claro — e só para nos referirmos ao que se passa aqui e agora, na nossa terra — esboçam-se, concretizam-se mesmo, vários movimentos em prol sa criança. Mas também é verdade que falta muitíssimo. É necessário que de vez e para sempre se pense muito a sério na Criança e se faça por ela, e para ela, tudo o que pode contribuir para a sua felicidade e o seu crescimento pleno e sadio — físico, psicológico, mental, cívico.

Dia da Criança? Sem dúvida. Que o dia 1 de Junho seja para ela um lindo dia de festa. Mas que seja também, para nós, adultos, um dia de reflexão sobre o que, durante o ano inteiro, fizemos pela Criança, como o fizemos, e o que não chegámos a fazer. Para que os erros e as faltas venham ao de cima. E os planos e as atitudes se revelem, níticos, num acerto cada vez mais perfeito e completo. Contínuo. De todos os dias. De todas as horas.

MARIA LÚCIA NAMORADO

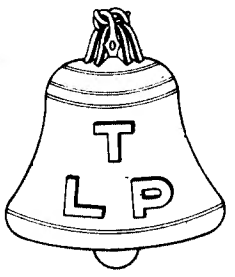
DOENTES DO CURRY CABRAL CONTRA A LIMITAÇÃO DAS VISITAS

. «A saúde pública tem sido encarada com pouco realismo. Pensar que a diminuição das visitas aos doentes internados nos hospitais civis contribui para a solução dos problemas da saúde e hospitalares, é escamotear o fundo da questão» — lê-se num comunicado enviado aos órgãos da Informação por um grupo de doentes do Hospital Curry Cabral, com o qual tentam opôr-se a uma medida tomada pela Comissão de Reforma daquele estabelecimento hospitalar que vem abolir o sistema de aquisição de senhas e limitar as horas de visita, assim consignadas segundo a nova ordem dias úteis: das 14 e 30 às 15 e 30 e das 18 às 19 horas. Domingos e feriados: das 11 e 30 às 12 e 30 e das 18 às 19.

Embora a referida Comissão de Reforma considere que se trata de uma medida «para defender os direitos dos doentes», os mesmos doentes parecem ter razões para pôr em dúvida e até contrariar essa «falsa preocupação». Daí que afirmem no seu comunicado: «É absolutamente criminoso lançar na descrença e na revolta camadas da população, atingindo-as com leis vindas de organismos a que não pertencem e que lhes vão roubar as poucas regalias que usufruem, e imporem medidas arbitrárias acompanhadas de palavras que deturpam e mascaram as verdadeiras e reais necessidades dos doentes, tentando com essas palavras justificar medidas tão incorrectas, tão injustas, que poucos ou nenhuns doentes e familiares com elas concordam». E afirmam ainda os enfermos do Curry Cabral: «Desconhecemos a formação, composição e direcção da dita Comissão de Reforma, mas pela «amostra» parece-nos que o mínimo que se lhe pode exigir é que se *reforme* ela própria». E prosseguem: «É desumano limitar o número e tempo de visitas a quem mais delas necessita... Em que base científica se basearam os elementos que «pariram» tal disparate? Que saibamos, a ciência ensina que os doentes devem ser rodeados daquilo que facilite a sua cura, e nesta conformidade, tenta-se não alterar muito o ambiente familiar. Que ciência especifica que o corte de regalias condu.. à melhoria dos doentes?»

O comunicado cita ambém a diferença mantida entre clinicas e hospitais, entre a assistência na doença «para pobres e para ricos». E depois de alguns considerados sobre este assunto, pergunta-se: «Serão os doentes dos Hospitais Civis animais irracionais que não possam ter visitas livremente como os doentes das clínicas particulares?». E o comunicado, assinado por muitos dos doentes do Curry Cabral, após a apresentação de umas quantas justas reivindicações, termina dizendo: «Sobretudo exigimos que nos restem e que não fabriquem regulamentos ou leis nas nossas costas. Exigimos uma discussão ampla com representantes de doentes e familiares, pois só assim se cumprirão os preceitos democráticos existentes no nosso país e se impedirá o retorno a formas há bem pouco tempo abolidas na nossa pátria».

Seguem-se as assintauras. O documento emitido pelos doentes do Curry Cabral é um documento digno de atenção e que se espera venha a ser atentamente analisado por quem de direito.



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

Com a entrada em vigor da Lista Telefónica n.º 94 do Grupo de Redes de Lisboa, na noite de 30 para 31 de Maio procedeu-se :

1.º — À alteração dos prefixos numéricos dos telefones dos Assinantes das Centrais Automáticas seguintes :

Centrais	De	Para
Algés	21	211
Almada	270	2750
	271	2751
	278	2768
	279	2769
Cascais	284	2864
Montijo	230	2310
	231	2311

EM CONVERSAÇÕES PARA ESTAS ÁREAS MARQUE SEMPRE O NÚMERO COMPLETO

2.º — À alteração dos prefixos numéricos dos telefones dos Assinantes das Centrais Manuais seguintes :

Centrais	De	Para
Abóboda	2479	2440
Malveira	242	2562
Palmela	235	2350
Sesimbra	229	2233

3.º — **Central de Santana** (números iniciados por 2231) devendo ser **marcado sempre o número completo para sua ligação.**

4.º — À alteração de números de P. P. C. nas Centrais de Areeiro, Belém, Norte, Pedrouços e Poço do Bispo.

5.º — E ainda que os Assinantes da Central do Barreiro passaram a ter acesso à rede interurbana (IU).

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

CONSULTE A NOVA LISTA N.º 94

16 e 17 de Junho em Lisboa

16/6 Quadro da gestão financeira da exportação: sistema monetário internacional. Financiamento das exportações pelos métodos clássicos. Enganos a evitar. Técnicas internacionais de financiamento: financiamento sobre o mercado internacional de capitais: as eurodivisas. Caso-exemplo.

17/6 Acórdãos de Troca e acórdãos triangulares. Caso-exemplo.
A utilização do mercado de câmbios.
Cobertura e previsão dos riscos de câmbios.
Escolha duma moeda de facturação.
Caso-exemplo.

Estas jornadas decorrem em regime semi-residencial num hotel de Lisboa. Orientadas pelo "Centre de Formation Continue" sob a responsabilidade de Bodinat, requerem o domínio da língua francesa e são dedicadas a Quadros superiores de Empresas Exportadoras.

Inscrições limitadas -Até 5/6

Contacte a Direcção do Serviço de Pessoal e Formação do F.F.E.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-A - Telf. 77 77 72 - 77 77 68 - Lisboa
Delegação no Norte: R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º-Esq.
Telf. 38 02 14 - Porto

post scriptum

Notícia de Vila Verde

No passado dia 24 de Maio, os trabalhadores rurais da freguesia de Castro Verde, reuniram-se para discussão e resolução de alguns dos problemas que neste momento mais os afecta e que é o desemprego que se verifica nesta altura e pagamentos em atraso aos trabalhadores por parte dos lavradores.

Do resultado dessa reunião e como o lavrador Francisco Vaz Ramos não tem pago a dois trabalhadores que o Sindicato lhes distribuiu, bem como aos tosquiadores de ovelhas, resolveu a Comissão do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas contactar aquele lavrador no sentido de satisfazer os pagamentos em atraso e que se cifram à volta dos 14.000$00.

Pois esse lavrador que se diz democrata e que até foi candidato pelo círculo de Beja nas eleições para a Constituinte pelo Partido Popular Democrático, que possui seis propriedades, ovelhas, cortiça, etc. e ainda tem um emprego onde deve ganhar 14 ou 15 contos mensais, pois é inspector de uma companhia de seguros, disse aos trabalhadores que não pagava porque não tinha dinheiro nem crédito.

Agora perguntamos nós, povo trabalhador, que temos de viver com os quatro mil escudos e que só nos pagam quando querem e lhes apetece, sim, perguntamos nós se de uma Constituição feita com deputados desta natureza poderão sair as leis a favor daqueles que trabalham. Claro que não temos ilusões. Se esses senhores, com todos os grandes rendimentos de que desfrutam, não lhes chega, as leis que certamente quererão fabricar serão leis onde efectivamente possam continuar a exercer sobre nós a mesma exploração, que toda a vida temos tido, e outra sorte não nos pode esperar senão a de continuarmos a ser explorados como escravos.

Estamos fartos de promessas, discursos bonitos e das tais liberdades que propalam, mas como já os conhecemos vamos dizer-lhes que montem a barraca noutra feira, porque os seus produtos já não têm cá compradores.

Explorar a força humana

Para se engalanarem os trabalhadores de vigilância ao serviço da Alarma, Custódia, Grupo 8, Seguricos, estas empresas exploram a força humana (até quando?), vendendo mão-de-obra a outras empresas.

A reunião dos trabalhadores realizada em 26 de Maio, pelo Sindicato Nacional dos Contínuos, Porteiros e Profissões Similares, ocupou-se do contrato colectivo de trabalho, contribuindo deste modo para reforçar a legalidade das referidas empresas ao nível governamental, embora lhes crie algumas obrigações a favor dos trabalhadores. Em boa verdade, toda a acção será pouca para que essas se fechem quanto antes, ficando os trabalhadores nos seus locais de trabalho. Criando-se uma comissão a nível sindical, a fim de legalizar a situação dos mesmos junto das empresas, aniquilando-se as empresas parasitárias.

Não havendo viabilidade pela via já referida, temos a grande linha, a cooperativa, em suma: tudo menos intermediários. A Revolução está a evoluir para que se acabe com a exploração do homem pelo homem.

Tendo assistido a duas assembleias verifiquei que o número de presentes era reduzido, cerca de cinquenta; quando este sector comporta cerca de 1500 trabalhadores. Deduz-se que não há interresse no contrato colectivo de trabalho.

As verbas despendidas em ordenados por uma empresa a favor da outra também origina confusão no vigilante que está a receber 50 por cento e se interroga: afinal para quem trabalho eu?

Outro grande negócio são os dois meses que atribuem ao estágio... e como é ele! Uns dentro, outros fora, sejamos positivos, deixemo-nos destes enganos, sugerindo para que o Sindicato seja o primeiro a contribuir com a sua acção para que tudo isto acabe.(...)

Augusto Lopes — Algés — Lisboa

Sobre a Casa Pia

Já uma vez, quando ainda leitor do jornal «República», vim a público para defender a Casa Pia. Na altura, tratou-se de atacar a direcção que, bem à moda fascista, se aproveitava do colégio como escadote político-social. O objectivo só muito pouco foi atingido, porque a censura, atenta, tornou quase estéril a crítica.

Agora, o caso será outro, há que atacar uma ideia que começa a radicalizar-se no subconsciente de muitos e que não sei se terá partido como função de sapa, de algum centro responsável. Concretamente, trata-se de fazer crer que o problema casapiano, nas suas múltiplas facetas só é susceptível de resolução dissolvendo o colégio e criando, parece, lares de onde os alunos iriam frequentar as escolas urbanas e rurais «normais». Esta ideia pseudo-revolucionária é, com mais coisa menos coisa, a mesma que os directores e provedores fascistas tinham quando a incompetência pedagógica e gestora os fazia quedar junto de dificuldades. Então propagavam demagogicamente, de possíveis autores (burgueses, claro) que tinham lido na véspera, que o problema não era deles, mas derivava do colégio ser um internato em que, ainda por cima, as paredes continham já todo o peso de uma tradição negativa. Serão homens aqueles que, ideologicamente, se vergam às paredes?

É altura de afirmar, bem alto, que o internato não dificulta a acção pedagógica, nem entolhe a formação completa de um rapaz ou rapariga. Mas este colégio interno, como muitos outros, entolhe e degrada os infelizes que lá caem. Porquê? Não por ser interno mas por se ter transformado em asilo e é esta a faceta que tem de desaparecer de uma vez por todas.

Continua na pág. 4

A REACÇÃO ESFREGA AS MÃOS

Por LUÍS DE CARVALHO E OLIVEIRA

A reacção instala-se em Portugal, fundamentalmente no Norte.

As lutas liberais iniciadas há século e meio assinalavam a região como sendo a mais politizada. Os constituci nalistas, liberais, irrompiam com agrupament s civis ou atraves de levantament s militares, p uco significativo tendo sido o Sul na evolução política de então.

As industrias e a agricultura eram mais desenvolvidas ao Norte que ao Sul. O proletariado não tinha nessas revoltas expressã . Antes um p vo indistint de tra alhadores e burgueses, aqueles acolitando estes, lutava contra o a s lutismo, contra uma situação que não permitia a defesa de direit s através de text s constitucionais tão desejados pela classe que neles via a esperança da sua hegemonia.

As deca as seguiram-se e o aspecto das coisas mudou.

O Norte, de população dispersa, de pequena propriedade, tant agrícola como comercial ou industrial, deu sinal de falta de esclarecimento, nas ultimas eleições.

A politização é um fenómeno social próprio dos agrupamentos humanos de maior vulto e de mais íntimas relações com o mundo abert .

Os agrupamentos fechados são p uco p litizáveis. Petrificam arruma os a formas de vida e sistemas recuados nos séculos.

A maior parte do Norte viveu fechado pelas suas serranias e pela P. I. D. E., que controlava os contact s, as saídas e as entradas das vilas pelos seus informadores, cada um em sua aldeia e até nos lugarejos e quintas.

Era um domíni completo da p pulação.

A dispersão pelos camp s ja de si pouco facilita, ou melhor imp ssibilita, os contact s. Os h mens que vivem nas quintas, nas casas construídas à beira das hortas ou das vinhas, findo o dia de trabalho, fatigados, têm ainda tarefas da acomoda ã dos animais, contas a fazer, se é que as fazem, nã procuram outrem, que nem sequer está à mão.

As aldeias e a mai r parte das vilas não têm sequer uma sala de convívi com televisão ou radi que leve a essa gente entre serras, ou dispersa pelos vales e raras planícies, a luz de outros mundos por vezes a distância tão curta que um automóvel a galgaria em menos temp do que o aldeão leva a aparelhar os bois, jungindo- s com s ga molhelha, ou correame aos cornos e canga à espádua.

P lítica? Palavra excomunga a no dizer do senh r a a e no de um outro senh r qualquer, p r vezes medico ou advogado, que não apenas um daqueles a quem t da a gente deve briga ões.

E claro que agora, depois do 25 de Abril, continuando-se a procurar afastar as populações da política, vai-se-lhe sugerindo um partido e, se a sugestão não chega, p e-se-lhe mesmo o problema: «ou votas no meu partido ou vais porta fora. E nunca mais me apare as».

O caciquismo e um fact que deveria ter sido puni o, fosse qual fosse o numero de julgament s a fazer e de penas a aplicar, após este perí do experimental de eleições.

Mas não aconteceu assim e por isso a reacção lá está firme com os seus caciques a esfregar as mãos à espera das eleições para as Juntas de Freguesia, para as Casas do Povo, para as Câmaras Municipais, na certeza de que as suas manobras conduzirão, pelo menos no local, a antes do 25 de Abril.

Não são eles pecos na proclamação de que as coisas tem que voltar ou «seu lugar».

O seu lugar e o temp do fascismo.

E aquela gente inculta, que ainda não foi toca a por mínima informa ão p lítica séria, lá está pronta a apoiar o cacique que aguarda o moment de ganhar o poleiro por via eleitoral.

Ate ja se lhes ouve, de onde em onde: «O que devíamos de fazer era ir para o partido de Mari Soares para o ajudarmos a defender as eleições das Câmaras e das Juntas de Freguesia e depois tinhamos isto no papo».

Não falam no partido de Mário Soares pelo que o seu programa tenha de progressivo. O programa ignoram-no ou odeiam-no. Mas falam no Mari Soares pela esperança de poder levar-lhes novamente à mão o domíni sobre aquelas populações que, já o sabem, não deixarão de votar a seu favor.

A seu favor, melhor explicando, deles caciques, não de Mário Soares, no programa do Partido Socialista.

Os caciques da reacção querem aproveitar a sua campanha por eleições nas autarquias para nas autarquias se meterem. E é-lhes fácil. Muito fácil.

Eles até já se pensam lá, se as eleições vierem.

A Mário Soares não deve ser agradável que isso venha a acontecer, pois que tal poderá contrariar grandemente a realização dos pontos fundamentais do seu programa.

E eu, que ainda creio na seriedade dos homens, penso que o programa do Partido Socialista foi elaborado e apresentado ao público para ser cumprido. Cumprido e para já.

É mesmo no tempo de cumprimento que reside a boa-fé do programa.

Mas os caciques lá continuam e as suas boas esperanças bem estão a ser cultivadas com forte adubação da sua pseudodemocracia (agora falam muito em democracia), sem se lembrarem uns e outros de que a democracia exige antes de mais, um profundo esclareciment daqueles que, nela, quiserem usar os direitos essenciais do homem, nomeadamente o de escolher outros homens para a sua representação e Governo.

A campanha de esclareciment, para além da acção das Forças Armadas, é que não surgiu.

Pouco ou nada se fez neste sentido.

Os caciques estão à vontade entre os seus ignorantes. Reizetes e abades continuam a dizer cobras e lagart s contra o Governo Provisóri , o M. F. A., o socialismo e as vias socializantes, mas abençoam a ideia das eleições nas autarquias. Por isso, amaldiçoando o s cialismo, abençoam Mári Soares.

Ilogismos criados pelos caciques e não sei por quem mais.

ARGENTINA: O FIM DA ILUSÃO

O NOVO PAIS QUE PERON ENCONTROU

Por JUAN CARLOS RODRIGUEZ

No dia 20 de Junho de 1973, Perón regressava definitivamente ao seu país. Uma multidão nunca vista na história da Argentina, três a quatro milhões de pessoas aguardava-o no aeroporto internacional de Ezeiza situado nos arredores de Buenos Aires.

A Argentina que Perón encontrou no dia 20 de Junho de 1973 era substancialmente diferente daquela que abandonara precipitadamente em 1955. Haviam-se produzido mudanças qualitativas fundamentais.

— Um novo grupo industrial, muito dinâmico, monopolizado por capitais multinacionais, em combinação com núcleos comerciais e financeiros igualmente «internacionalizados», havia-se convertido no sector decisivo da economia.

— A burguesia nacional (indústria vegetativa, pequenos comerciantes, cooperativas de crédito, etc.) passara a ser um sector secundário. As poucas empresas argentinas de importância combinavam cada vez mais os seus interesses com o capital estrangeiro.

— O poderoso capitalismo de Estado, surgido do primeiro Governo peronista (telefones, caminhos-de-ferro, siderurgia, electricidade, etc.), geralmente deficitário e tecnologicamente dependente, já não era o baluarte da «soberania nacional», mas sim um associado menor do capital monopolista estrangeiro. (Isto expressou-se, não só através de dados económicos objectivos, mas também pela crescente integração «ideológica» da burocracia estatal aos objectivos do capitalismo multinacional).

— A tradicional oligarquia latifundista conservou o seu monopólio sobre a pampa húmida, isto é, sobre o sector-chave da produção agro-pecuária. O seu papel estratégico, decisivo no comércio externo argentino, permitiu-lhe continuar a manter altos níveis de rendimento. Contudo, teve que se ir adaptando progressivamente à hegemonia das empresas multinacionais (2).

— O estreitamento da aliança hegemónica **capitalismo de Estado-monopólios**, em sucessivos acordos com a oligarquia rural e conservando a burguesia nacional como sector secundário, implicou uma veloz aceleração da concentração económica e uma crescente depauperização dos trabalhadores.

Em 1955 os assalariados absorviam cerca de 50 por cento do rendimento nacional; em 1972 essa percentagem descera para 35 por cento.

Isto deveu-se não a uma redução relativa da massa assalariada mas sim a um incremento directo da exploração. Os grandes aumentos na produtividade do trabalho nos anos 60, devidos à modernização da estrutura industrial, vieram a beneficiar em quase 100 por cento o sector empresarial.

— O processo de concentração desencadeou a crise de importantes sectores da classe média urbana, sector tradicionalmente moderado e liberal.

Profissionais desempregados, comerciantes e pequenos industriais arruinados, estudantes sem destino, etc., formarão uma massa crescente, marginalizada pelo capitalismo monopolista. Da sua antiga mentalidade conformista, de pequenos proprietários, resta apenas a memória. Agora será um sector inconformista, «raivoso», impulsionado pela publicidade para entrar na sociedade de consumo, mas sem possibilidades de o fazer realmente. A aristocratização de uma sociedade que lhe escapa das mãos torna-a histérica. Compraram o seu automóvel e o seu pequeno apartamento a prestações, à custa de verdadeiros sacrifícios. Toda a sua velha escala de valores liberal-burguesa se afunda. Os seus velhos dirigentes políticos, os seus intelectuais, etc., revelam-se caricaturas mesquinhas.

Também a classe operária tinha mudado. Novos sectores, surgidos da moderna indústria monopolística (automóvel, petroquímica, etc.) estavam muito longe dos antigos núcleos pertencentes à indústria nacional (primitiva, atrasada), mais próximos do conservadorismo pequeno-burguês do que do anticapitalismo.

OS SINDICATOS

Os grandes sindicatos de massas, criados sob o primeiro Governo peronista, estiveram sempre dominados por uma forte burocracia solidamente ligada ao Governo. Depois da queda de Perón e passados os primeiros anos da resistência, os dirigentes sindicais afastaram-se cada vez mais de uma massa marginalizada e inconformista, passando a participar das sucessivas combinações do Poder.

Rogelio Cora, posteriormente executado pelos montoneros, dirigente máximo do Grémio da Construção, era, ao mesmo tempo, um importante empresário do sector. Augusto Vandor, dirigente máximo dos metalúrgicos (o sindicato mais importante), executado em 1969 por um comando da esquerda peronista, esbanjava somas gigantescas no jogo e mantinha estreitas relações com o embaixador dos Estados Unidos.

March, dirigente da Federação de Empregados do Comércio, preso durante a ditadura militar, possuia uma das pinacotecas mais valiosas do

Continua na pág. 18

FITZGERALD EM LISBOA

PORTUGAL E C.E.E. REVÊEM ACORDO

A revisão do acordo entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia, que data de 1972, terá dominado as conversações efectuadas esta manhã nas Necessidades entre o ministro Melo Antunes e o sr. Garret Fitzgerald, chanceler da República da Irlanda e actual presidente do Conselho daquela organização.

Chegado ontem a Lisboa, Fitzgerald declarou aos jornalistas que a revolução portuguesa surgiu «numa altura difícil» da nossa economia e «também da economia mundial», para acrescentar que os problemas conjunturais não são fáceis de resolver.

«No entanto estamos aqui para ajudar-vos» — salientou.

O presidente do Conselho da C.E.E. desloca-se pela primeira vez a Portugal, sendo natural — como aliás disse expressamente — a sua curiosidade pelo processo revolucionário em curso desde o 25 de Abril.

Quanto às relações Portugal-Irlanda, Fitzgerald usou uma fórmula curiosa:

. «Esperamos neste momento tanto de Portugal como o vosso país espera de nós».

Concretamente adiantou ainda:

. «Estamos esperançados no desenvolvimento das nossas relações em todos os campos especialmente no industrial e no da amizade.

Gostaríamos de exportar para Portugal tanto como, por certo, vocês gostariam de exportat para a Irlanda. Mas acima de tudo gostaríamos de estreitar cada vez mais os nossos laços de amizade e colaboração recíproca».

Às 19 horas o visitante dá uma conferência de Imprensa no Ministério dos Negócios Estrangeiros, estando presentes o ministro Melo Antunes e muito provavelmente o secretário de Estado Jorge Sampaio, da Cooperação Externa.

De ontem para hoje

Ferreira de Castro repousa em Sintra

Desde anteontem Ferreira de Castro repousa em Sintra, na encosta do Castelo dos Mouros, conforme foi sua vontade expressa de vir a ser inumado no lugar onde longamente viveu e escreveu. O túmulo cavado na rocha, com um banco ao lado, «mais perto da Lua e das estrelas suas amigas», como escreveu no testamento, recebeu os restos mortais do escritor, que pediu o anonimato, a ausência de lápides.

A cerimónia da inumação realizou-se às 16 e 30, tendo o féretro deixado Lisboa, pelas 14 horas.

O secretário de Estado da Cultura e Investigação Científica, dr. Freitas Branco, e bem assim a Academia de Ciências de Lisboa, faziam-se representar pelo prof. Jacinto Prado Coelho, um dos testamenteiros. A certo passo, ao traçar o perfil de Ferreira de Castro, como homem e escritor, disse aquele catedrático: «Impregna a sua literatura uma estrutural confiança no homem. A alegria do 25 de Abril iluminou ainda os derradeiros meses da sua vida».

Falou também, frente ao túmulo cavado na rocha («se Ferreira de Castro tivesse escolhido o local para a inumação teria certamente escolhido este» — disse o presidente da comissão administrativa da Câmara de Sintra), a escritora Matilde Rosa Araújo, igualmente testamenteira do autor da «Selva».

Maria Lamas não pôde estar presente: a comoção de assistir à cerimónia seria para ela demasiado forte.

«Mais perto da Lua e das estrelas suas amigas», os restos mortais de Ferreira de Castro foram acompanhados por centenas de pessoas, amigos, o Zé Alfredo da Vila Velha, colegas de ofício, gente do povo a que ele esteve ligado, pela origem, pela vida e pela obra.

■ CAMPINOS NA ROMÉNIA

Partiu ontem para Bucareste o prof. Jorge Campinos, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, sendo o «principal objectivo desta viagem o de preparar, juntamente com a delegação que me acompanha, a visita que o Presidente Costa Gomes fará à Roménia, ainda no decurso deste ano» — como disse no aeroporto. A comitiva integra o dr. Vilas Boas, adjunto do director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e o dr. Neves Ferreira, adjunto do gabinete do secretário de Estado.

Entrando com mais pormenor nos objectivos da visita à Roménia, o secretário de Estado adiantou:

«Serão certamente assinados tratados de importância particular, nomeadamente um de amizade e cooperação entre a Roménia e Portugal, de significado muito especial na medida em que vai unir, num determinado domínio, dois países que praticam, no seio dos blocos políticos e militares diferentes, uma política de independência nacional. Daí a importância fundamental deste tratado e também da minha visita, para eliminar os últimos problemas relativos a certos pontos de pormenor, nomeadamente no que respeita à existência de zonas desnuclearizadas em certas partes do Globo».

A cooperação comercial e técnica e outra, visto que se trata de dois países em desenvolvimento, fazem parte da agenda de trabalhos da delegação portuguesa.

■ A PORNOGRAFIA E A CRISE ECONÓMICA

Pornografia, degradação moral da sociedade e crise económica foram preocupações dos fiéis de Deus que ontem estiveram reunidos na praça de touros do Campo Pequeno para o encerramento do seu XI Congresso Juvenil Pentecostal.

Recorde-se que o grafismo de cartaz que publicitava esta comemoração mereceu suspeitas e especulações, tendo mesmo o Copcon começado a averiguar, «não fosse o diabo tecê-las».

A Assembleia de Deus tem como figura de renome, o pastor Bily Graham, assistente espiritual do ex-presidente Nixon, e que já por várias vezes se deslocou ao nosso país, tendo mesmo, segundo foi dito, realizado «curas milagrosas».

Desta vez não as houve. Apenas transe colectivo numa assistência que orçava entre a meia idade e idade avançada, no encerramento de um Congresso Juvenil.

■ DOIS MORTOS NUM CAMIÃO MILITAR

Um camião militar que transportava alunos do curso de Electricidade da Escola Técnica de Vila Real, voltou-se quando regressava a esta cidade, vindo de Santa Emeres (Valpaços), onde os estudantes colaborando numa iniciativa da F.A.O.J., procederam à electrificação da aldeia.

No desastre, que se pensa tenha sido motivado por um encadeamento de luzes, registou-se a morte dos estudantes Vítor Manuel Anjos Ribeiro, de 17 anos, e Adérito José da Silva Carvalho, de 18, ambos naturais e residentes em Vila Real.

Ficaram feridos com gravidade o condutor do camião Manuel Henriques, de 21 anos, natural de Barca de Alva, e os estudantes Manuel Agostinho Gonçalves Escoleira e Maximino Fernando Passos Gonçalves, ambos de 18 anos. Ficou ainda ferido o soldado do RI 13 daquela cidade Domingos Lourenço Machado.

O Dia Mundial da Criança comemorado em todo o País

..O Dia Mundial da Criança foi assinalado em Portugal por uma série de comemorações, das quais a maior terá tido lugar no Estádio 1.º de Maio, em Lisboa, onde, desde pintura a provas de atletismo, passando por «canto livre» e teatro infantil, houve de tudo um pouco.

..Também no çmercado do Povo, em Belém, a pintura infantil foi ponto alto. Temas: o soldado, a pomba, os cartazes, as palavras de ordem, a foice e o martelo, as manifestações.

..Na Gulbenkian, o anfiteatro ao ar livre foi cenário de uma outra festa, que decorreu durante todo o dia, e na qual a música, coral e cantigueira, foi cartaz.

..Outras realizações em Lisboa e arredores verificaram-se no Dafundo (Comissão de Moradores do Dafundo e Cruz Quebrada), Santo António dos Cavaleiros (Associação de Moradores), Belas, Sacavém, Queluz, Vila Franca de Xira, Barreiro (com o Ballet Nacional de Cuba), etc.

..De assinalar, ainda, que no Campo Grande, em Lisboa, houve pintura e cinema para crianças, numa iniciativa dos artistas plásticos.

..O Dia Mundial da Criança foi comemorado, ainda, noutros pontos do País, como no Porto, em Coimbra, em Vila Real de Santo António e em Setúbal.

1.º CONGRESSO DA J.S.D.:

Indício de viragem à esquerda no P.P.D.?

. Como se previa, nomeadamente depois da conferência de Imprensa que o anunciara, o 1.º Congresso da Juventude Social-Domocrática constituiu a afirmação de uma «viragem à esquerda» daquela organização de jovens do P.P.D. Essa preocupação esteve patente nas intervenções de diversos oradores, nomeadamente António Rebelo de Sousa, Guilherme Oliveira Martins. e sobretudo na de Emídio Guerreiro, o novo secretário-geral do P.P.D.

Ao mesmo tempo, através das mesmas declarações, tomou força a impressão de que dentro em breve se assistira à manifestação de uma certa clivagem no P.P.D. Com efeito, Emídio Guerreiro não só afirmou que não se pode dizer que se está no P.P.D. e «simultaneamente ter um pé no C.D.S. ou noutro partido saudosista», como declarou:

«Ao afirmar-se no nosso programa que o P.P.D. deseja para Portugal uma sociedade socialista humanista, alguns não compreendem bem o que isso significa. Parece mesmo que certos militantes e dirigentes do nosso partido se mostram bastante preocupados quando se afirma que pretendemos uma sociedade socialista e, portanto, uma sociedade sem classes.» Depois de recordar que, só «quando não houver apropriação individual do excedente da riqueza produzida pela força do trabalho» e deixar de haver homens «obrigados a vender a força do seu trabalho e outros que a comprem» se chegará de facto a uma sociedade socialista, o secretário-geral do P.P.D. prosseguiu:

. «Dizemos claramente no nosso programa que os meios de produção que não são socialmente úteis devem ser nacionalizados. Sendo assim, que espécie de preocupação será a que parece existir em alguns elementos do P.P.D. quando se fala de nacionalização dos meios de produção? Toda a gente sabe que é a propriedade individual dos meios de produção que é a causa da exploração dos trabalhadores.» Emídio Guerreiro defendeu então as nacionalizações, mas considerou que, uma vez postos ao serviço do povo os meios de produção, sobretudo o capital financeiro, industrial e agrário, «resta uma sociedade onde fica apenas a pequena e média industria, comércio e propriedade. Ora, esta sociedade não é uma sociedade socialista, embora já tenha ouvido a um dirigente de um partido socialista em Portugal afirmar que nessa pequena e média propriedade não se tocaria nem com um dedo. Podemos pois estar tranquilos: esse partido não deseja o socialismo em Portugal».

Na sua intervenção de encerramento António Rebelo de Sousa, que representa a J.S.D. na comissão central do P.P.D., referiu-se às nacionalizações mais ou menos nos mesmos termos em que o fizera Emídio Guerreiro, mas acentuando a necessidade de impedir que se caminhe para «formas de estatização corporatizante». Afirmou igualmente que a maior parte das sociais-democracias europeias não têm evoluído para o socialismo, mas sim para o neocapitalismo — o que, no entanto, segundo António Rebelo de Sousa, não lhes tira o mérito de influenciar o desenvolvimento do capitalismo para uma futura via socializante.

Foi também afirmado que a Juventude Social Democrática rejeita as vias parlamentaristas de acesso ao poder, preferindo a via da «ampla participação das bases, em termos democráticos, nos órgãos do Poder». O voto continua a ser considerado pela J.S.D. como a única via justa da vontade popular.

Assistiram ao Congresso delegações de diversas organizações de juventude estrangeiras, nomeadamente da União Social Democrática Espanhola, do Partido Social Democrata da Galiza, da Babian Society, organismo ligado ao Partido Trabalhista britânico, e da U.N.I.T.A. de Angola.

M.R.P.P.: DE CAXIAS PARA PINHEIRO DA CRUZ

. Cerca de duzentos indivíduos identificados como militantes do M.R.P.P. foram já transferidos de Caxias para a Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, em Grândola, continuando as operações tendentes a apurar o grau de responsabilidade dos restantes detidos — à volta de centena e meia — nas acções de sequestro e tortura denunciadas pelo Copcon.

Entretanto o M.R.P.P. organizou um comício no sábado à noite, no Pavilhão de Paço de Arcos, no qual foram feitas alusões à situação decorrente da prisão de centenas de militantes. Tudo correu em boa ordem e, pelas afirmações feitas, os membros do M.R.P.P. continuam dispostos a manter a sua luta. Disse um jovem de 13 anos recém-libertado de Caxias: «O facto de me terem prendido não significa que eu mude de ideias».

Por outro lado, e ainda a propósito dos acontecimentos de 28 de Maio — de 1975, como é evidente — o Comité Martins Soares, célula do M.R.P.P., divulgou um comunicado no qual se afirma que a repressão se abateu em primeiro lugar sobre «a cabeça da classe operária e do povo — o M.R.P.P». Ainda segundo esse comunicado, o M.R.P.P. é como que o «Estado-Maior do povo», afirmando-se também que «as classes operárias têm o seu partido nascendo como uma aurora de liberdade e paz».

Como já foi divulgado o M.R.P.P. convocou para hoje, às 19 e 30, no Rossio, uma manifestação para libertação imediata do seu secretário-geral, bem como de todos os antifascistas presos. A esta manifestação associou-se desde logo a Associação da Amizade Portugal-China, que, num comunicado, afirma que «com os acontecimentos da noite de 28 de Maio de 1975 caíu a máscara que encobria os inimigos da China e isso constitui para o nosso povo um passo em frente na grande via da revolução democrática e popular».

U.D.P. AVISA

A União Democrática Popular, a propósito dos mesmos acontecimentos emitiu também um comunicado alertando contra as manobras do grupo do M.R.P.P., da burguesia e do Governo, «que pretendem desviar as atenções do povo português para quem são neste momento os seus verdadeiros inimigos: os fascistas que continuam a reorganizar-se activamente e que são libertos às centenas». Noutro passo desse comunicado diz ainda a U.D.P. que, como sempre tem feito «lutará para que apareça claro às massas que as acções de bando desencadeadas pelo M.R.P.P., além de não servirem a luta das massas populares, acabam sempre por servir os inimigos do povo e voltar-se contra as próprias massas populares».

POSIÇÃO DA U.E.C.

O Secretariado da célula da U.E.C. dos candidatos ao 1.º ano emitiu um comunicado em que analisa a actuação do M.R.P.P., nomeadamente face ao problema do Serviço Cívico. A U.E.C., que considera o M.R.P.P. contra-revolucionário, apela «a todos os estudantes portugueses para a vigilância contra todo o tipo de manobras semelhantes às que o M.R.P.P. levou a cabo em torno do S.C.E. e para que se organizem em todos os locais do País, de acordo com a divisão das brigadas e com o tipo de tarefas que vão realizar no sentido de rapidamente passarem à concretização do Serviço Cívico Estudantil».

post scriptum

Continuação da pág. 3

A Casa Pia pode, já para o próximo ano lectivo, transformar-se num centro de formação de homens e mulheres normais. Talvez pudesse até ser um solo pedagógico de vanguarda, pois reúne condições excelentes para se tornar uma escola activa, semi-trabalho, semi-estudo, uma escola verdadeiramente integrada na vida, faceta que nem as outras escolas e colégios possuem, pois os rapazes e raparigas estão junto das famílias todos os dias, mas afastadíssimos dos meios de produção industriais e rurais, do povo trabalhador, da realidade [illegible] vezes, afastados também da família de quem só fisicamente estão juntos.

Um Ganso (indentificado...) — Lisboa

RELAÇÕES COM A GUIANA

GEORGETOWN, 2 — (FP) — O Governo da Guiana decidiu oficialmente restabelecer as relações comerciais com Portugal, que haviam sido interrompidas em 1970, em sinal de protesto contra a política de Lisboa nos seus territórios africanos.

O ministro do Comércio, George King, revogou agora as disposições que proíbiam o intercâmbio comercial com Portugal.

Nacional

CORREIA JESUÍNO E A IMPRENSA

Descentralização pode ser a chave

ÉVORA, 2 — No decorrer de uma reunião que teve lugar ontem nesta cidade com os representantes dos órgãos de informação, o ministro da Comunicação Social, comandante Correia Jesuíno, analisou a situação da Imprensa portuguesa e indicou os princípios que presidirão à sua reestruturação. Referindo-se à situação económica dos órgãos de Informação, o ministro esclareceu que o Estado não nacionalizou a banca para ter os jornais, mas que estes lhe tinham aparecido como consequência dessa nacionalização.

«Com raríssimas excepções — essas excepções aliás são conhecidas: é a «República», «O Primeiro de Janeiro», do Porto, o «Expresso», o «Jornal Novo» e o «Tempo» — a restante Imprensa é uma Imprensa que se acha automaticamente nacionalizada pelo facto de a Banca o ter sido — afirmou.

— Mas toda essa Imprensa herdada traz consigo uma herança muito pesada, que é um pouco o símbolo de toda a vida portuguesa, que é o passivo. Todos esses jornais têm às costas um passivo de milhares e milhares de contos. Se não estou em erro, «O Século» tem um passivo de 250 mil contos e «A Capital» orça também por um passivo desta natureza. Quer dizer, «A Capital» tem uma dívida ao Banco Espírito Santo da ordem dos 220 mil contos. São situações muito graves, tanto mais que os jornais, na sua vida quotidiana, perdem dinheiro. Neste momento era mais económico nós pagarmos os vencimentos a todos os trabalhadores da Informação e que eles estivessem em casa, não saindo os jornais. Esta situação é uma situação grave e há, evidentemente, que tomar medidas».

Depois de afirmar que as medidas a tomar não terão um carácter tecnocrático, tanto mais que a política do País é uma política de pleno emprego e que ninguém pensa em resolver o problema despedindo trabalhadores, o ministro lembrou a criação de um grupo que engloba representantes dos Ministérios das Finanças, Economia e Comunicação Social, sindicatos, administrações, etc., com capacidade para fazer um inventário do problema da Imprensa diária, nacional e regional, incumbida de apresentar sugestões que permitam enfrentar, imediatamente, sobretudo o problema da Imprensa diária.

Duas sugestões já feitas referir-se-iam à redução do número de páginas dos jornais e à moralização dos hábitos de trabalho. Sobre este último ponto afirmou o comandante Correia Jesuíno, que atendendo à necessidade de assegurar trabalho a todos, se não compreendem certas situações de duplo emprego que levam redactores a acumular ordenados de 60 ou 70 contos por mês, andando de secretária em secretária ou de microfone em microfone.

O M.F.A. E A INFORMAÇÃO

Sintetizando o que se passa presentemente no País, em matéria de Informação, o comandante Correia Jesuíno disse que temos «por um lado uma Imprensa regional, que não existe e deveria existir; por outro lado a situação de uma Imprensa nacional que está muito concentrada e é excessiva e que desde logo aponta, pensamos nós, para uma solução que talvez possa conciliar os vários interesses em presença, que pode ser a seguinte: se existem vários jornais em excesso em Lisboa, e se não existem verdadeiramente órgãos regionais, por que razão é que nós não havemos de descentralizar a nossa Imprensa?

. De acordo com o ministro, esta medida não seria uma medida de recurso por corresponder à política geral do Governo, a qual põe o acento tónico na descentralização.

«A cultura tem de ser descentralizada. O País tem de ser descentralizado. Essa é uma das ideias básicas que passa pela Revolução do 25 de Abril» — disse a propósito.

Prosseguindo, o comandante Correia Jesuíno afirmou:

. «Assim, se nós vamos ter Universidades regionais, a regionalização não pode significar, para nós, a exportação das incompetências, ficando com a nata nos tais centros privilegiados; se vamos ter universidades, terão de ser boas, descentralizadas; se abordamos um problema da Saúde, pensamos que o problema da Súde é mais bem resolvido caminhando da periferia para o centro do que do centro para a periferia; se pensamos que há uma reforma agrária, esta tem que estar atenta à diversidade dos problemas que surgem aqui e acolá»

. Integrando na política de descentralização, as soluções apontadas para o problema da Imprensa, o comandante Correia Jesuíno, disse ainda:

. «Vamos chutar com os jornais para a província por que em Lisboa e no Porto há a mais e a gente precisa de assegurar empregos? Não. A ideia não é essa, pois isso não seria feito se não correspondesse a uma necessidade real das Regiões. Estamos aqui no distrito de Évora. Pois se o distrito de Évora começar a ter a sua individualidade própria (já a tem), se ele foi reforçado com meios, passa a ter meios financeiros próprios, passa a ter uma capacidade de decisão através de dados que a governam mas através, também, da população global. É muito natural que eu veja aqui, com muito prazer, a um prazo — vamos a ser optimistas — de um ano, se tal for possível, um jornal diário em Évora, com umas doze páginas, com um correspondente em Lisboa, e não o contrário.

PRIMEIRO ATENTADO DO E.L.P. EM LISBOA?

CARGA PLÁSTICA EXPLODIU NUM AUTOMÓVEL

. Apesar das investigações intensas que o Copcon e a Polícia Judiciária estão a efectuar, ainda não foi possível descobrir os responsáveis pela explosão de uma carga plástica de fraca intensidade que se verificou durante a madrugada, cerca das 2 e 45, num automóvel estacionado na Rua Correia Teles, a Campo de Ourique. O explosivo, colocado no interior do «capot» destroçou parcialmente o motor e causou alguns danos na carroçaria do veículo, um Renault 4, matrícula IC-97-63, que se encontrava ali estacionado desde Setembro do ano findo, impossibilitado de circular devido a um acidente.

Numa parede próxima do local os autores do atentado escreveram a tinta azul «M.F.A.igual a P.C.P.», «O E.L.P. vencerá» e «A Vitória já não tarda», aparecendo também, em letras maiores, a sigla E.L.P.

O dono do automóvel, sr. José Filipe Dias de Sousa Cardoso, residente no Monte Abraão, Queluz, só teve conhecimento do sucedido através da Polícia, não encontrando explicaçao para o caso.

No local compareceram militares do quartel de Sapadores dos Caminhos de Ferro, que se situa nas proximidades, vinte homens da Polícia Militar, que isolaram a zona, e ainda uma brigada especial de minas e armadilhas da P.S.P. que procedeu a exames do veiculo e fragmentos do motor, após o que o carro foi rebocado para a sede do Copcon a fim de ser submetido a uma análise minuciosa.

Entre a vizinhança, que foi alertada pelo barulho da explosão e veio para a rua em alvoroço, constava que tinham sido vistos, minutos antes, dois indivíduos em correria desordenada nas proximidades, mas até ao momento nada de concreto se conseguiu apurar.

FUGIDOS DA PENITENCIÁRIA

OS DOIS "PIDES" CONTINUAM A MONTE

. Os Serviços Prisionais Militares estão a averiguar as condições — estranhas — em que dois «pides», que se encontravam detidos na Cadeia Penitenciária, conseguiram evadir-se na noite de sábado. De acordo com informações que nos foram prestadas esta manhã pelo director daquela cadeia, tenente Lopes, aqueles indivíduos continuaram a monte, não se sabendo do seu paradeiro. A fuga deve ter sido planeada com muito cuidado, aproveitando-se os dois «pides» — Valdemiro Tavares Ribeiro, de 38 anos, natural de Ribeiradio (Oliveira de Frandes) e Domingos Gonçalves Dias, de 34, natural de S. Vicente de Chã, Montalegre — da circunstância de haver consultas médicas na enfermaria onde um deles se encontrava.

— «Os dois evadidos estavam detidos em locais separados, mas enquanto o Domingos se encontrava internado numa enfermaria, o outro, o Valdemiro, estava numa cela individual, como os restantes colegas. No entanto, é possível que pudessem entrar em contacto através de enfermeiros ou de visitas à enfermaria» — disse-nos ainda aquele oficial.

Os dois agentes da sinistra P.I.D.E. conseguiram evadir-se depois de se terem introduzido na antiga casa do director (actualmente abandonada), que se situa dentro da Penitenciária e sem portas para o exterior. No entanto, tiveram tempo de serrar uma grade e fugir calmamente, fuga que só foi detectada bastante mais tarde quando um guarda viu a grade serrada. De acordo com investigações feitas logo de seguida a única coisa que se conseguiu apurar foi a hora provável da fuga: entre as 21 e 24 horas de sábado.

Na Cadeia Penitenciária de Lisboa encontram-se detidos cerca de 600 agentes e informadores da ex-P.I.D.E., tendo agora — como nos afirmou o tenente Lopes — sido tomadas rigorosas medidas de segurança.

Cortiça em chamas no Montijo

. «A suspeita de fogo posto ainda se mantém — esta a informação colhida às 9 horas nos Bombeiros do Montijo, relativamente ao incêndio que destriuiu totalmente uma fábrica de cortiça naquela vila, causando mais de cem mil contos de prejuízo e atirando para o desemprego com mais de 420 operários.

Apurámos também naquela corporação que não houvera ainda tempo para uma análise completa dos destroços. Mas segundo quem nos atendeu «é opinião de todas as corporações presentes parecer tratar-se de um caso de fogo posto».

A situação da firma (Soeiro e Guerreiro, Lda) era estável e estava assegurada a sua laboração até 1976, em face de encomandas já firmadas. Hoje mesmo devia seguir um carregamento de 5000 caixas de aglomerados para o Japão — e para Julho estava previsto um grande fornecimento para Espanha, Japão, Brasil, França e Canadá.

Às 10 e 30, e de acordo com outra informação obtida junto dos Bombeiros do Montijo, «o rescaldo ainda continuava».

Calvão Borges preside o Grupo Mediterrânico do Conselho Mundial da Paz

. ESTOCOLMO, 2 — (A.N.I.) — Está reunida nesta capital a presidência do Conselho Mundial da Paz para comemorar, os vinte e cinco anos do apelo de Estocolmo, que pedia a proibição absoluta da bomba atómica e de todas as armas de terror e de destruição maciça de populações e para analisar o problema do desarmamento.

A reunião, iniciada no sábado e que termina amanhã de manhã, decorre sob a presidência do secretário -geral do Conselho Mundial da Paz e reune delegações de organizações de paz dos mais diversos países de todos os continentes.

Portugal está representado pelos tenente-coronel Calvão Borges, presidente da Emissora Nacional e segundo-tenente Lopes Fernandes, ambos do Movimento das Forças Armadas e pelo dr. Silas Cerqueira e padre Soares Martins, do Conselho Português para a Paz e Cooperação e do Conselho Mundial da Paz.

Os trabalhos prosseguiram ontem com a discussão em comissões do fim da corrida aos armamentos e desanuviamento internacional, desarmamento e desenvolvimento, consequências sociais e económicas da corrida aos armamentos e do desarmamento.

O documento introdutório afirma que o caminho da humanidade para a paz passa pelo desarmamento universal e completo, para sublinhar que, apesar dos progressos verificados, ainda permanece o colonialismo, o neocolonialismo, o fascismo e o imperialismo e continuam a aperfeiçoar-se as armas em proporções sem precedentes. Por outro lado, o que já se conseguiu a favor do desarmamento completo e generalizado, não são mais do que os primeiros passos e permanecem as organizações e os grupos sociais bem definidos que se opõem ao desarmamento generalizado. A paragem na corrida aos armamentos diz o documento, seria um grande contributo para a solução dos problemas económicos que afectam muito particularmente milhões de trabalhadores em todo o mundo.

Em face desta situação, preconiza-se o apoio da opinião pública à proposta da O. N. U. para a rápida convocação da conferência mundial para o desarmamento em que todos os Estados pudessem exprimir o seu ponto de vista e na qual fossem tratados os problemas a surgir com o desarmamento completo e total, finalidade última de todas as negociações para o desarmamento. O Conselho Mundial da Paz pronuncia-se pela necessidade histórica da convocação da conferência.

O documento introduzia ainda no debate questões como a não-utilização da força nas relações internacionais e a proibição permanente do uso das armas nucleares, a não proliferação das armas nucleares, a proibição das experiências atómicas, das armas bacteriológicas e químicas, napalm e outras armas incendiárias, as consequências económicas e sociais da corrida aos armamentos, desarmamento e desenvolvimento, redução dos orçamentos militares e reconversão.

A discussão destes temas distribuiu-se, na tarde de ontem, por grupos regionais, tendo a delegação portuguesa participado activamente nos grupos mediterrânico e no que englobava a Europa e a América do Norte. A reunião do primeiro grupo presidiu o tenente-coronel Calvão Borges.

No decorrer das discussões está a ser frequentemente citado Portugal como Estado cuja Revolução em muito está a contribuir para uma política de paz no mundo, especialmente na Europa e na África.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS DE LISBOA, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores das **TINTURARIAS E LAVANDARIAS**, independentemente da sua profissão e categoria, já que o Contrato é **VERTICAL**, para um **GRANDE PLENÁRIO** a realizar na Terça-feira, dia 3 de Junho, pelas 21 horas nos Bombeiros Voluntários Lisbonenses (Rua Camilo Castelo Branco, ao Marquês de Pombal).

NÃO FALTES !

A DIRECÇÃO

MÉDICOS

Para grande empresa no Nordeste de Angola

ADMITEM-SE :

— Para o Quadro Permanente.
— Para contratos de curta duração.

Remuneração a combinar, conforme curriculo profissional.
Resposta a este jornal ao n.º 1569.

Medicina

A HIPERTENSÃO ARTERIAL É UMA AFECÇÃO MUITO PERIGOSA

O director do programa de investigação da doença hipertensiva no centro cardíaco alemão, dr. Donald Hall qualificou a hipertensão arterial de «assassino furtivo». Definiu assim a afecção de que sofrem entre 15 a 20 por cento das pessoas de mais de 40 anos, segundo as estatísticas, porque ela consegue instalar-se sem que o próprio se aperceba disso.

Num simpósio celebrado recentemente em Montecerlo, onde se reuniram cerca de 400 especialistas sobre hipertensão wrterial, para uma troca de análise das suas experiências, o cientista afirmou que a hipertensão arterial é a causa principal das doenças cardíacas incuráveis.

Uma hipertensão arterial ligeira não é sentida pelo doente, acrescentou o dr. Hall. No entanto o coração tem que fazer mais esforços do que na pessoa com tensão arterial normal, o que com o decorrer dos anos leva a um aumento do seu volume. Quando este aumento é de tal ordem que o doente começa a registar os primeiros sintomas, tais como falta de ar, então já não é possível fazer regredir os danos causados no coração. A esperança de vida do doente fica consideravelmente reduzida.

O único método para o reconhecimento precoce da hipertensão arterial é a medição da pressão arterial preventivamente em cada visita que se tenha de fazer ao médico recomendou o dr. Hall. Não existem características físicas ou pessoais através das quais se possam enquadrar as pessoas com tendência para a hipertensão arterial.

Experiências realizadas no centro cardíaco alemão indicam que as pessoas filhas de pais hipertensos parecem estar mais em risco do que outras cujos pais não eram hipertensos.

Os resultados da investigação da hipertensão arterial psicos somática permitem chegar à conclusão de que, por exemplo, a dor de cabeça como consequência de uma actividade intelectual, perturbações de sono, sensação de desmaio, reduzida tolerância ao calor ou ao zumbido, dor de ouvidos, podem ser sintomas precoces da perigosa afecção.

OS HOMENS QUEREM SEXO

As mulheres interessa menos a atractividade sexual, do que aos homens. Segundo uma pesquisa recém-divulgada pelo Instituto de Demoscopia de Allensbach a característica masculina predilecta das mulheres é a fidelidade (62 por cento), a que se seguem calor humano e cordialidade (51 por cento). A atractividade sexual está em terceiro lugar (45 por cento).

No que diz respeito aos homens, 65 por cento dos inquiridos, revelaram preferir nas mulheres a atractividade sexual. Vem a seguir a fidelidade (54 por cento), economia e naturalidade (com 53 por cento para cada uma) e limpeza (49 por cento).

Uma comparação feita com o resultado das pesquisas empreendidas em 1964 e 1970 revela estarem em constante decréscimo as antigas «virtudes domésticas»: diligência, economia, amor pela ordem e limpeza.

SISTEMA HERDADO DEFENDE CONTRA VÍRUS

Já ao nascer, o homem está armado para a luta contra bactérias, vírus e venenos. Cerca de 5000 genes comandam a defesa do próprio corpo contra os invasores inimigos, segundo um especialista em Química Imunológica.

Até há bem pouco, uma série de biológicos defendia a tese de que moléculas estranhas tinham de informar o sistema defensivo sobre que «armas» moleculares defensivas ele deveria exibir com rapidez.

O prof. Nobert Hilschmann, director do departamento de Química Imunológica demonstrou agora que as informações contidas no complexo hereditário só precisam ser chamadas para a defesa do organismo. Segundo ele, o homem teria desenvolvido no decorrer da sua história evolutiva, sempre novas reacções contra novos causadores de doenças. «Para cada molécula estranha está disponível pelo menos uma célula especial adequada». Seriam cerca de um milhão de diferentes células imunizadoras, segundo os trabalhos do prof. Hilschmann.

Uma vez que as células imunizadoras estimuladas produzem anticorpos, isso significa também que o contacto de uma molécula com a célula certa provoca uma produção rápida e crescente de anticorpos.

Segundo o relatório do cientista, anticorpos de alta eficácia juntam as moléculas inimigas numa espécie de estrutura esquelética. As moléculas assim juntas permanecem como sedimento indissolúvel nos «órgãos filtradores» do corpo, por exemplo, no baço, e são ali destruídos lentamente.

CONTRA O VÍRUS DO ESGOTO

Os vírus existentes no lodo das águas residuais podem ser destruídos em 90 por cento mediante radiações gama de cobalto, e o conteúdo de parasitas humanos pode inclusivamente ser reduzido para um milionésimo. Este foi o resultado dos testes de um ano e meio de um equipamento experimental, instalado numa estação de clarificação de água em Munique. Com estas experiências pensa-se obter a certeza quanto à possibilidade de esterilizar a tal ponto a lama residual, que ela possa ser espalhada sem perigo sobre áreas agrícolas. Na opinião de um cientista, a radiação não é apenas mais barata e mais simples que o tratamento por calor, mas também tem a vantagem de ficarem preservadas substâncias, importantes para o solo e as plantas.

MSD Colaboração dos Serviços Profissionais da MERCK SHARP E DOHME

SERÁ A ESCLEROSE MULTIPLA UMA AFECÇÃO VIRAL?

As investigações efectuadas nos últimos anos acerca do mecanismo de origem de uma neuropatia frequente, esclerose multipla (com 50 a 80 doentes por cada 100 000 habitantes), conseguiram surpreendentes e fascinantes resultados em muitos aspectos. Apesar disso, desconhecem-se ao certo, ainda hoje, os fenómenos que provocam a doença.

A evolução da esclerose multipla leva anos e até mesmo décadas. A medicina torna-se impotente para tratar esta afecção que perturba aos doentes os melhores anos da sua vida e que, finalmente, lhes provoca a morte. Nos focos da afecção irregularmente repartidos entre o cérebro e a medula espinal, destroem-se as bainhas de mielina de alguns nervos o que reduz a capacidade de transmissão das excitações destes nervos até chegar a sua total anulação.

Em consequencia desta acção aparece abatimento psíquico e físico. Progressivamente apresentam-se perturbações visuais, na fala, na sensibilidade, bem como paralísia e modificações psíquicas. A terapeutica é limitada, na actualidade, ao tratamento de cada um dos sintomas.

Pode-se ajudar os doentes com esclerose multipla pela profilaxia das infecções, ginástica e redução das tarefas físicas e psíquicas. Os cientistas que se dedicam a este tipo de investigação, suspeitam que esta afecção terá origem numa infecção viral. Mas, o quadro clínico é consideravelmente diferenciado de outras infecções virais já conhecidas. Nas doenças virais tais como rubéola, sarampo e paralísia infantil, produz-se a infecção e depois de um curto período de incubação, desenvolve-se uma reprodução rápida dos vírus semelhante a uma explosão, contra a qual o corpo mobiliza imediatamente as suas defesas naturais.

Na esclerose multipla a afecção parece reger-se por leis muito diferentes. Depois da infecção com um vírus suspeito de provocar a doença acontece que não ocorre absolutamente nada durante anos. É como se os agentes provocadores da doença se tivessem escondido no corpo e «dormissem». Até que, de repente, se inicia o processo destrutivo no tecido nervoso. Os cientistas classificam esta forma de infecção, desde a extensa fase inactiva até ao desaparecimento da afecção de «slow-vírus-infection».

Já, há mais de 15 anos que se conhecem doenças que se julga originadas por esta infecção lenta. Os períodos de incubação podem ser de vários anos. Todas as afecções deste grupo se caracterizam por uma lenta destruição, impossível de controlar, do sistema nervoso central. Os danos físicos e psíquicos provocados por estas afecções são muito semelhantes entre si. O exemplo clássico destas infecções virais «em camara lenta» é a doença de Kuru. Apresenta-se como uma afecção nervosa, contagiosa, que produz a morte no espaço de poucos meses, entre os membros de uma tribo de nativos, que habita as montanhas da Nova Guiné.

Os investigadores suspeitam que os agentes desta afecção são vírus com propriedades desconhecidas até agora. Comparando-os com os vírus conhecidos, são extremamente pequenos, insensíveis ao calor, aos raios ultravioleta e outras substancias que atacam normalmente os vírus.

Supõe-se que se trata de vírus «nus», de ácidos ribonucleicos (portadores da informação hereditária) sem a cobertura de albumina. A medicina não dispõe de qualquer arma contra estas fracções de material hereditário que se encontra nas células e, posteriormente (ainda que todavia não se saiba porquê) provocam uma acção destrutiva.

O contágio efectua-se através dos vasos sanguíneos. Para que se produza infecção é suficiente uma simples ferida na pele na qual se introduz tecido nervoso de uma pessoa que morreu com a doença de Kuru (esta tribo pratica o canibalismo).

Durante a preparação do cérebro de uma vítima de Kuru é muito provável que se produza uma infecção.

Se se compara o período da incubação, a evolução da doença, os sintomas e os danos produzidos no tecido nervoso pelas infecções virais lentas tais como o Kuru e a esclerose múltipla, chega-se à conclusão de que existe nítido paralelismo. Pode dizer-se o mesmo de outras afecções crónicas degenerativas do cérebro, semelhantes à esclerose múltipla; por exemplo uma afecção pediátrica pouco frequente, a pan-encefalite esclerosante subaguda (PEES).

São muitos os sintomas que indicam que estas e outras afecções semelhantes se devem classificar nas infecções virais lentas.

Os investigadores encontraram no tecido de ovelhas com a doença de Visna e em cérebros de crianças falecidas em consequencia de PEES, vírus normais. No caso da PEES trata-se vírus semelhantes aos do sarampo. Na pesquisa de um possível agente da esclerose múltipla. Admite-se a suspeita de que também o vírus do sarampo contribui originalmente para o aparecimento desta doença. Por outro lado, os professores Meulen e Koprowski demonstraram em 1972 a existencia de vírus no cérebro de doentes falecidos em consequencia de esclerose múltipla que terão de classificar-se no grupo dos vírus da paragripe. Os vírus da paragripe produzem, entre outras as infecções das vias respiratórias.

Como se representa o mecanismo das afecções provocadas por infecções virais lentas especialmente da esclerose múltipla? É este o ponto de partida de uma vasta investigação básica.

Reunem-se constantemente conhecidos virulogistas, imunologistas, geneticistas, bioquímicos, investigadores do cérebro e epidemiologistas para fazer um balanço dos resultados obtidos com as investigações até agora efectuadas e discutir novos métodos nos futuros planos de investigação no sector das infecções virais lentas.

Confia-se que, por meio da investigação básica, se chegue a solucionar o problema da luta contra a esclerose múltipla, bem como na obtenção de conhecimentos mais exactos no campo da biologia celular, e de igual modo a dados de importancia geral na investigação virulógica. Parece que os virus desempenham um papel muito mais importante do que se supunha até há pouco tempo, inclusivamente no que diz respeito ao cancro e ao envelhecimento.

São inumeráveis as perguntas pendentes:

Como actuam os virus responsáveis pela infecção viral lenta em relação às células?

Perturbam ou falsificam o programa de trabalho fixado hereditariamente na célula danificada?

É possível que estes virus não sejam mais que uma ajuda inicial, modificando, por exemplo, de tal maneira a estrutura bioquímica da superfície das células que o corpo deixa de reconhecê-las como próprias (à semelhança da transplantação de tecidos estranhos) pondo em acção as suas próprias defesas contra elas?

Representam certos idiotipos um papel de grande importancia na origem das afecções?

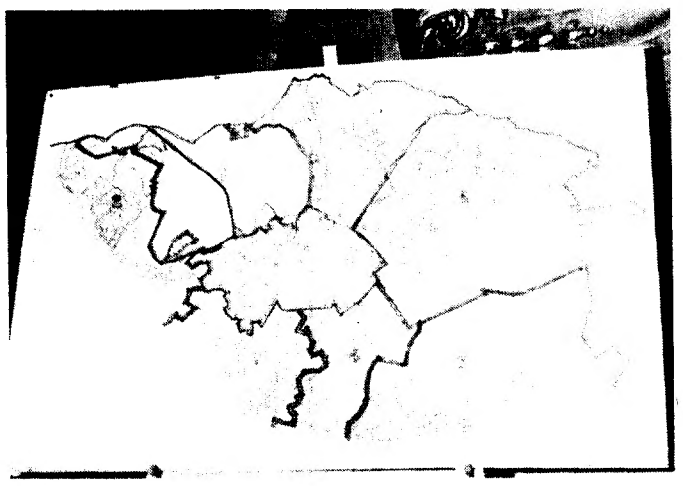
É defeituosa a defesa contra infecções do corpo?

É possível que no caso dos agentes da esclerose múltipla se trate de mutações de virus correntes?

Muitas perguntas para as quais, de momento, não se conhecem respostas. Os cientistas que se dedicam à investigação das infecções virais lentas, acreditam contudo poder vaticinar com os dados de que dispõem actualmente, que cada vez será maior o número de afecções crónicas de origem desconhecida, até agora, que acabarão por traduzir-se por doenças infecciosas.

Nacional

SETE CAMARAS EM LISBOA?



Divisão de Lisboa em sete zonas — eis a proposta da Comissão Administrativa da Câmara Municipal apreciada no decurso de um plenário de representantes de algumas juntas de freguesia e trabalhadores municipais, efectuado sábado no Teatro S. Luis.

Objectivo da reunião: estudar a criação de câmaras locais e estruturar a descentralização das autarquias.

Dentro desta ordem de ideias, um dos membros da mesa iniciou a sessão com a discussão de uma proposta da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Santiago, que, no seu essencial, apresentava sugestões para a reforma administrativa da Câmara de Lisboa.

«Deve caber um papel importante às Juntas de Freguesia — acentuou — Elas devem funcionar como motor principal na orientação e reorganização do Município lisboeta».

Em resumo: a inoperância da C.M.L. é a razão da sua reestruturação. Para obstar a essa inoperância foram adoptadas duas espécies de medidas: a curto prazo e a longo prazo. As primeiras dizem respeito à divisão de Lisboa em zonas; e as segundas englobam a criação de várias câmaras. Estas câmaras disporiam de capacidade técnica e humana que lhes permitiria satisfazer as carências de cada zona, sem dependência do poder central.

ENFERMEIROS DO SUL

O Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul convoca os delegados sindiciais para uma assembleia a realizar no dia 5 de Junho, quarta-feira, pelas 21 horas no Hospital D. Estefânia.

Da ordem de trabalhos constam dois pontos: informações e eleição de uma comissão de redacção dos Estatutos.

COMPLEXO INDUSTRIAL

ENTREPOSTO INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS, SARL

CAPITAL SOCIAL 110.000 contos
ÁREA COBERTA 80.000 m²

Além da linha de Montagem, dispõe ainda de:

GABINETE DE ESTUDOS E PROJECTOS

DISPONDO DE UM CORPO TÉCNICO APTO AO ESTUDO E PROJECTO DE TODOS OS TRABALHOS A SEREM EXECUTADOS NOS SEUS SECTORES DE:

METALOMECÂNICA

Dispondo das seguintes potencialidades em equipamento:

GUILHOTINAS até 13 mm em 6 m
QUINADEIRAS hidráulicas até 6 m
CALANDRAS até 8 mm em 3 m
PRENSAS MECÂNICAS até 120 ton.
PRENSAS HIDRÁULICAS para embutiçagem até 350 ton.
TORNOS MECÂNICOS até 2,5 m entre pontos
FREZADORAS, LIMADORES
SOLDADURA autogénia, eléctrica por arco, resistência (pontos) e semi-automática (co2)
PINTURA com tratamento químico de superfícies, cabine de pintura c/ forno de secagem acoplado para 140°C e cabine de pintura para secagem ao ar com 13 m de comprimento

ESPUMAS

DE POLIURETANO MOLDADO EM:
flexível
semi-rígido
pele integral

PLÁSTICOS REFORÇADOS

apto a executar todos os trabalhos neste domínio

ESTOFARIA

preparada para a execução de quaisquer trabalhos dentro da especialidade industrial

somos 900 TRABALHADORES tecnicamente aptos a desempenhar todos os trabalhos

CONTACTE-NOS EM SETÚBAL — ESTRADA VALE DA ROSA — APART. 104
TELEFONES 26096/7/8/9 26103
PBX 26126/7 29051/3

MARCA

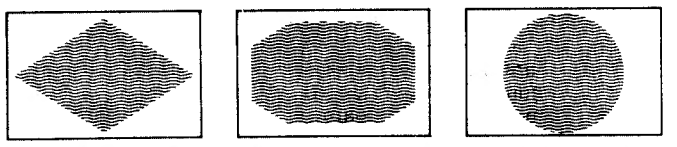
Cimex Matador
capacho reversível
com uma acção de limpeza higiénica

Se você considerar que 80 % de toda a sujidade que se encontra dentro de uma casa ou nas salas de um edifício é trazida da rua nas solas dos sapatos, vale a pena pensar em alguma coisa para evitar isso e para reduzir o desgaste normal dos revestimentos do chão — sem falar, claro, no seu aspecto limpo e higiénico.

O capacho industrial CIMEX MATADOR é qualquer coisa de notável. Compõe-se de tiras onduladas de borracha com a espessura de 1" × 1/8", alternadas com outras de alumínio de 1/2" × 1/8". O intervalo entre as tiras e a elasticidade das mesmas estão estudadas para que a sujidade seja pura e simplesmente captada dos sapatos pela acção normal do andar.

É de facto eficiente ao contrário dos capachos vulgares — de cairo, de juta ou mesmo de fibra — que ficam sujos, pegajosos e de aspecto desagradável. MATADOR permite que a sujidade caia entre as tiras onduladas, ficando retida na base do capacho, donde pode ser posteriormente retirada, facilmente, com um aspirador.

GEOMETRIA VARIÁVEL



Se não conhece suficientemente o capacho MATADOR deixe que lhe enviemos uma amostra.

Um produto de concepção reconhecida pelo Design Centre of London
Aceitam-se Agentes para a Província

Distribuidores gerais para Portugal: EXPRESSO, LDA
Rua Tomaz Ribeiro, 41-7.°, Dt.° - Telefs. 55 69 78-53 54 62 - LISBOA

E favor enviar amostra gratuita.

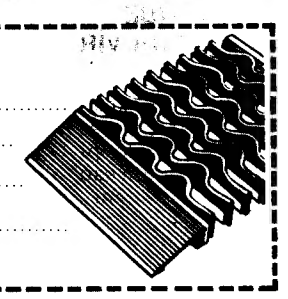
Nome .....

.....

Actividade .....

Morada .....

.....



SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

Av.ª 5 de Outubro, 121-1.º — Telef. 22047 — SETÚBAL

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal ex-Sindicato dos Caixeiros e Profissionais em Armazém do Distrito de Setúbal, leva a efeito no próximo dia 20/6/75, pelas 21 horas, no salão da INATEL (EX-FNAT), em Setúbal, uma assembleia geral extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discussão e aprovação dos novos estatutos do Sindicato;
2 — Eleição da Comissão Eleitoral;
3 — Marcação das Eleições;
4 — Informações.

Nota: Só podem intervir nas votações e discussão dos trabalhos, os sócios portadores dos respectivos cartões de identificação de sócios do Sindicato.

Pel'A COMISSÃO DIRECTIVA
(Ilegível)

MÁQUINAS DE ESCREVER «BROTHER»

Fabricadas em Portugal. Total garantia e assistência. A preços populares. Pedidos a

«GALERIAS ROLDÃO»
Av. Almirante Reis, 10-C

Nacional

GOVERNO DESMENTE RACIONAMENTO

Relativamente a uma notícia, segundo a qual estaria previsto um sistema de racionamento para alguns produtos, designadamente carne, gasolina e energia eléctrica, o Governo desmente, categoricamente, aquela informação.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Informam-se os profissionais de escritório que a Assembleia Geral convocada para o dia 19.5.75, continua os seus trabalhos no dia

2 de Junho de 1975
pelas 21 horas

no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Mandato dos Corpos Gerentes
2 — Novos Estatutos
3 — Roseiral

Lisboa, 23 de Maio de 1975

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Álvaro de Campos Marçal

NOTA: — Para entrada no Pavilhão é necessário a apresentação do novo cartão de sócio, ou, na impossibilidade, o Bilhete de Identidade.

OS PERIGOS DA FALTA DE FIRMEZA REVOLUCIONÁRIA

— apontados pelo boletim do M.F.A.

A necessidade de «ganhar mais revolucionários para a revolução» é posta em destaque num artigo publicado no número 20 do «Boletim do M.F.A.» que hoje estará à venda. No mesmo artigo chama-se a atenção para os perigos resultantes da falta de firmeza revolucionária para com as classes ainda dominantes e privilegiadas, apontando-se a necessidade de os revolucionários se manterem vigilantes e tomarem, na altura oportuna, as medidas para neutralizarem a reacção, evitando que esta reagrupe forças para se lançar em assaltos ao novo poder.

«As vias mais eficazes para as transformações socialistas não podem deixar de reflectir as particularidades históricas concretas de cada país» começa por referir o artigo inserto no «Boletim do M.F.A». E prossegue:

«No entanto, as forças hostis ao socialismo desde os sociólogos e historiadores burgueses aos reaccionários da direita e da esquerda, não cessam de enveredar teorias que apesar da diferença de métodos utilizados têm um único e mesmo objectivo que é destruir a unidade e dividir confundindo os que o pretendem atingir.

«Os defensores destas concepções ou negam pura e simplesmente ou deformam as leis gerais do socialismo, afirmando mesmo a legitimidade de socialismos diferentes. Assim, alguns teóricos proclamam que certos modelos utilizados por outros países não são aplicáveis nos nossos dias senão em países subdesenvolvidos (coloniais e semicoloniais), opondo-lhe um modelo industrial, de acordo com países altamente desenvolvidos.

«Do mesmo modo e não esquecendo as concepções metafísicas esquerdistas que fazem divisões no sistema socialista mundial, nada têm a ver com uma autêntica compreensão científica da dialéctica na edificação de uma sociedade nova, as múltiplas lucubrações do socialismo ultimamente surgidas: cristão, humanista, democrata ou nacional. Atrás destas criações encontram-se forças sociais cuja atitude para com o socialismo, é diferente e contraditória.

«É pois, necessário ter bem presente que a via para o socialismo passa por uma etapa de transformações revolucionárias, democráticas populares objectivamente necessária para exterminar as raízes do fascismo. Só a análise científica e rigorosa nos poderá levar ao objectivo fundamental, a compreensão científica que evidencia, por exemplo, o que distingue um país capitalista de outro, e da importância de criar uma aliança de classe sólida, pronta e apta a seguir com convicção o proletariado na via das transformações socialistas.

«Outro ponto que parece importante frisar neste momento é o da unidade. Parece-nos indispensável que as forças políticas que têm como objectivo comum a luta anti-imperialista, o desenvolvimento da democracia antimonopolista, se unam numa vasta aliança democrática. O potencial revolucionário deste género de alianças políticas e sociais é muito grande, não parecendo historicamente viável a construção do socialismo sem a sua efectivação, dado que em caso contrário emergirá a contradição de termos uma forma política de acção proletária e um conteúdo de reforma burguesa.

«A condição de sucesso para uma revolução como a nossa deverá ser a tomada concreta de medidas políticas, económicas e sociais que não obriguem a passividades no processo de transformação, quase sempre sinal de falta de maturidade, e da sua vulnerabilidade aos golpes da reacção. Aparecem então os perigos resultantes da falta de firmeza revolucionária, para com as classes ainda dominantes e privilegiadas.

«É por esta razão que é dever dos revolucionários estarem vigilantes, e de tomarem na altura oportuna as medidas para neutralizarem a reacção, evitando que esta reagrupe forças para se lançar em assaltos ao novo poder. Em cada revolução existe, portanto, um limite para além do qual o desejo do movimento triunfante, de evitar vítimas e destruições inúteis, se pode transformar em complacência directa para com as forças contra-revolucionárias.

«Outra ameaça vem do lado oposto, das pressas e exageros esquerdistas, ao tentarem ultrapassar etapas de desenvolvimento objectivamente necessárias, e de acabar explosivamente com as instituições do regime derrubado sem que criem condições para a sua substituição. Isto poderá aumentar e precipitar as crises económicas, originar confrontações de poder e minar a sua base social. Temos perante os nossos olhos casos concretos bem elucidativos do que acima se disse.

«Necessita-se, pois, de encontrar a justa dimensão das acções revolucionárias que visem a destruição das posições que mantêm os exploradores no mecanismo de Estado e na vida pública.

«Antes de mais deve procurar-se a razão fundamental da nossa luta, que é garantia de um modo decisivo da solidez das conquistas revolucionárias, no caminho da mudança política. O poder dos trabalhadores não deverá assumir funções destrutivas e defensivas senão na medida em que as condições concretas da luta contra o inimigo de classe o obrigarem.»

Hermesetas Extra-doce
A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

"O COMÉRCIO DO PORTO"

Completa hoje 121 anos o nosso prezado colega «O Comércio do Porto». Ao seu director, José Miguel Seara Cardoso, e a todos quanto ali trabalham, endereçamos as nossas sinceras saudações.

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

«JORNAL DE NOTÍCIAS»

Também passa hoje mais um aniversário, o 88.º, do «Jornal de Notícias». Assinalando a data, apresentamos ao director, Manuel Pacheco de Miranda, felicitações sinceras, extensivas a todos os seus colaboradores.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos para uma reunião a realizar na próxima terça-feira, dia 3 de Junho de 1975, pelas 21.30 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, na Av. da República, 29, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Informações
— Lei Sindical

Lisboa, 30 de Maio de 1975.

A Comissão Instaladora
Armando Bastos Santos Silva

Encontro com a Escandinávia

Quatro programas à sua escolha, um só objectivo: a Escandinávia.

- AS CAPITAIS ESCANDINAVAS
  Duração 11 dias
  Partidas diárias de Lisboa.
- TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO
  Duração 14 dias
  Partidas de Lisboa: todas as 2.as Feiras.
- UMA SEMANA NA ESCANDINÁVIA
  Partida de Lisboa: todos os dias.
- ESCANDINÁVIA E OS FIORDES DA NORUEGA
  Duração 14 dias
  Partidas de Lisboa: 2.as, 5.as e Sábados, de Junho a Agosto.

Consulte o seu Agente de Viagens habitual ou

SAS Av.ª da Liberdade n.º 236 - A Lisboa Tel. 557116

TAP Galerias Estoril Sol, 3 Cascais Tel. 283359 285250
Rua D. Francisco Gomes, 8 Faro Tel. 22141
Praça Marquês de Pombal, 3 Lisboa Tel. 538852
Av.ª Guerra Junqueiro, 15 C - D Lisboa Tel. 716073 / 4
Praça Filipa de Lencastre, 1 Porto Tel. 28371

Envie este cupão à sua Agência de Viagens, à SAS ou à TAP, e receba o folheto "ENCONTRO COM A ESCANDINÁVIA".
Nome:
Morada:
Localidade:

BRASIL
VIAGENS ESPECIAIS TODOS OS MESES
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6

Geral

1

VIAGEM AO FIM DO IMPÉRIO

Pelo nosso enviado especial

ARMANDO PEREIRA DA SILVA

TIMOR: UMA VIDA DIFÍCIL

Entramos suavemente em Timor, a baixa altitude, no avião da Força Aérea que partira de Lisboa 24 horas antes. «Timur», igual a oriente, a última e mais longínqua parcela do império sonhado por muita gente, incluindo Salazar dos anos quarenta. Timor, a ilha grande do arquipélago de Sonda, talvez em nossos dias a mais esquecida e legendária das terras a que os portugueses de século XVI chegaram. De avião, entramos na ilha repartida, pelo enclave português que resta na parte indonésia mercê de desastroso negócio feito por um «inábil» (segundo a Enciclopédia Portuguesa e Brasileira) governador português do século passado que vendeu por tuta-e-meia duas ilhas da zona aos holandeses. Ficaram os 16 mil e tantos quilómetros quadrados do Timor Leste e o enclave. Área essa que vimos recortada, na costa norte, junto a um mar sereno que beija algumas — poucas praias aos pés de rápidas e abruptas montanhas que se seguem em cordilheiras sucessivas: a «montanha». A montanha é a outra Timor, a quase misteriosa terra de climas variados e costumes ancestrais onde talvez viva a parte determinante da população timorense na dura luta que vai ser a dos próximos e decisivos tempos para o futuro do país. Porque a outra parte, quase se resume a Dili, capital construída à beira-mar junto da melhor e mais apetecível baía da ilha, cidade espraiada numa pequena planície, meio escondida em luxuriosa vegetação tropical que vimos do ar, pela primeira vez, na rota do aeroporto internacional de Baucau — a Vila Salazar que o fascismo quis impor mas que nunca pegou, a exemplo de tantos outros pequenos centros urbanos que mantêm a sua original denominação timorense.

A NOSSA PRESENÇA

Após fugazes contactos com capitais como Karachi, onde o subdesenvolvimento paquistanês poucas hipóteses tem de ser ocultado, e Djakarta, orgulhosa sede de um certo tipo de colonização javanesa sobre todo o arquipélogo indonésio, o contacto com Dili tem aspectos à primeira vista tranquilizantes. E, numa primeira abordagem, a presença colonial não é muito visível no meio ambiente, na própria arquitectura. Pequena cidade de 20 mil habitantes, que sentiu um certo progresso após a viragem para a derradeira fase do colonialismo, a partir do início da década de sessenta, Dili é um centro humano da pequena burguesia administrativa e militar, onde se misturam sem grandes choques a população portuguesa e a nativa mais desenvolvida. Ali toda a gente se conhece, basta dizer ao motorista de táxi o nome da pessoa que queremos visitar.

E, contudo, sente-se desde logo, nesta altura, um fervilhar político de enorme consistência. Os reflexos locais da revolução portuguesa tiveram quase os mesmos efeitos que aqui, em Portugal: as contradições do sistema vieram rapidamente ao de cima, as pessoas suportaram um grande banho de liberdade que, também ali, tornou irreversível o caminho para uma solução libertadora. «Um dos grandes problemas da ilha é o económico, agora agravado por uma acentuada baixa de produção» — disse-nos o governador português, coronel Lemos Pires, ao falar-nos das questões locais. «A entrada repentina na vida política levantou problemas reais que desviaram as pessoas da sua rotina produtiva. Agora, é urgente acertar de novo as agulhas antes que o muito possível espectro da fome paire sobre esta terra».

Em Dili, todavia, não é desde já muito notória essa eventualidade. Há diversos hoteis, virados para o turismo australiano e indonésio, cafés, restaurantes e cervejarias ao nível de uma cidade portuguesa. Para um português e europeu, comparsa activo da eufórica época de recuperação humana e do sentido de justiça que aqui vivemos, é assinalável a bonomia confiante que encontramos na longínqua capital timorense — a 20 mil quilómetros de Lisboa — o reencontro de problemas afins, o idioma português falado correctamente, o mesmo gosto pela má língua política, a ironia campestre, a manha, a crítica acerba — um pouco de todo o nosso quotidiano ibérico reencontrado.

É evidente que outros aspectos não fogem a uma primeira visão: um dado paternalismo colonial, a facilidade de convivência, mas a presença soberana dos europeus nos postos chave, a evidente subalternização dos nativos nas tarefas diárias, a existência de um certo número de marginais timorenses vagueando nas horas mortas da cidade, o pontapé no rabo que, aqui e além, os vai sacudindo de porta em porta.

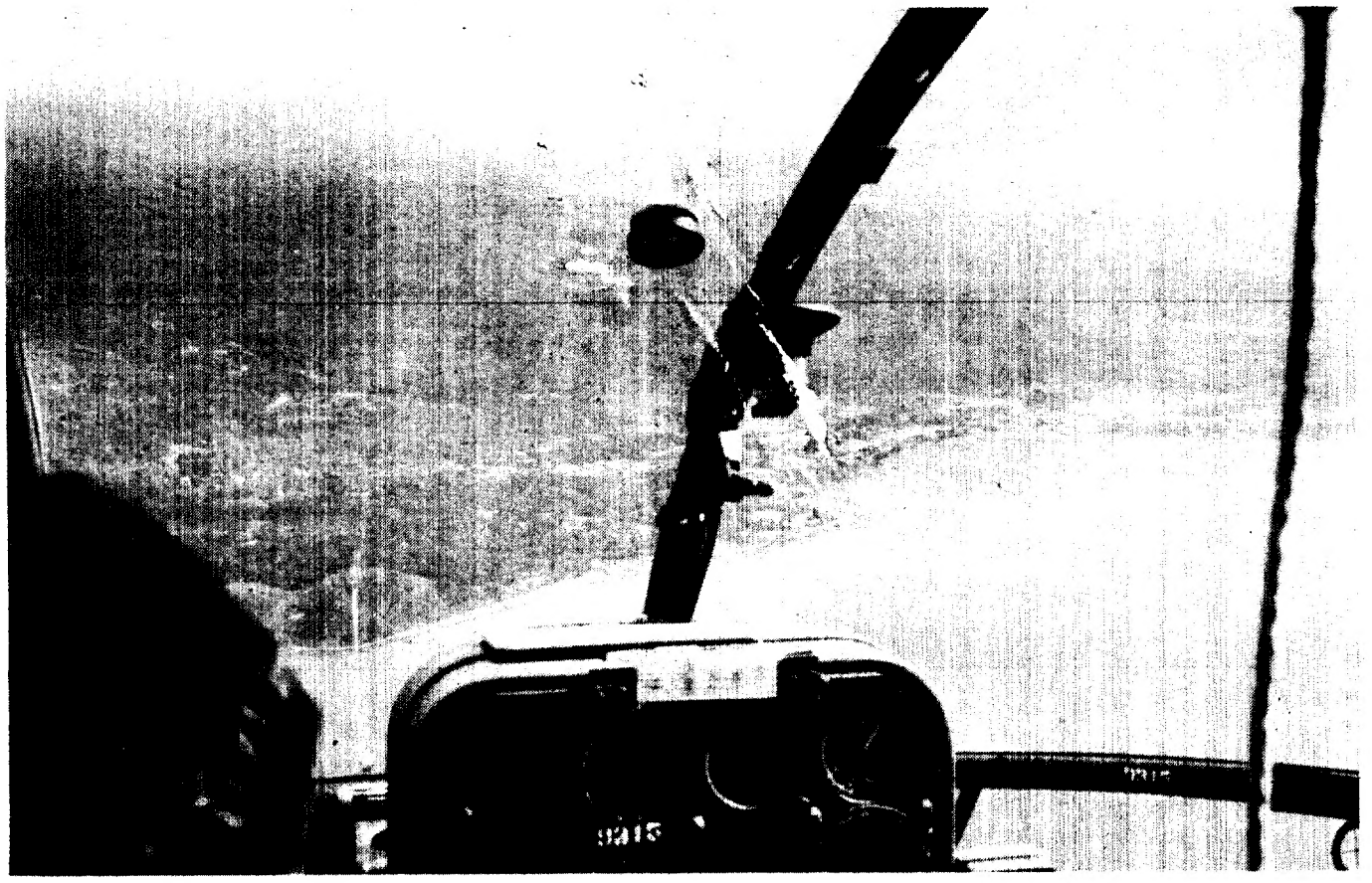
Incidentes marginais, contudo: neste momento, toda a gente sabe e admite que as coisas vão mudar a muito curto prazo. O processo de descolonização é irreverssível, apoiado e motivado. A população de Timor agita-se quase freneticamente na procura de soluções políticas para a liberdade ao alcance da mão. Formam-se partidos políticos. Os estudantes organizam-se e reivindicam a sua missão e vocação revolucionárias. O que acontece no meio disto tudo, porém, é que para a maior e mais original das ilhas de Sonda, última parcela de um império colonial de cinco séculos, foram transportadas por nossas virtudes e defeitos as contradições, problemas e divergências que nos são próprias em Portugal: os partidos políticos organizaram-se de acordo com a dinâmica das classes sociais, dos interesses que lhes são próprios não conseguindo unir-se num único e forte movimento de libertação. E, como reflexo dessas classes, os mesmos problemas partidários foram transportados, a breve trecho, para as próprias escolas. Hoje, em Timor Leste, onde o idioma português convive com três dezenas de línguas e dialectos locais que não perderam vigor, os estabelecimentos de ensino tiveram já de ser fechados por ordem do governador, após incidentes graves provocados pela dialéctica própria das forças do progresso contra as reaccionárias: à iniciativa dos jovens timores progressistas para a constituição de uma associação de estudantes contrapôs a parte conservadora outra solução, apoiada por forças afins e pelo próprio clero, dando lugar a uma situação explosiva que ultrapassou a própria vontade do Governo interessado em admitir e apoiar uma organização estudantil unitária e democrática.

A OUTRA PRESENÇA

Infelizmente, nesta altura, não é só soberana a presença portuguesa. Tanto como ela — ou talvez mais, com a rápida evolução dos acontecimentos — existe outra, mais sob a forma de espectro ameaçador: a vizinha Indonésia, dominada actualmente por um regime ditatorial, expansionista e claramente comprometido no jogo do imperialismo internacional.

Derrubado o regime colonialista português, mercê do nosso 25 de Abril, abrem-se ao processo de descolonização timorense duas vias únicas, nesta altura: a independência desejada pela maioria da população, ou a integração, voluntária ou forçada, na potência vizinha onde várias centenas de milhares de comunistas foram assassinados, anos atrás, com a queda de Sukarno. Independência total advoga a Fretilin, único partido revolucionário que parece ter maior implantação junto dos 600 mil naturais de Timor; independência simples advoga a U.D.T., partido criado por pessoas mais ligadas aos sectores-chave da débil economia local e às estruturas políticas que durante cinquenta anos reinaram em Lisboa. Uma terceira força, de capacidade ainda mal definida, defende a integração na Indonésia; é o APODETI pomo de discórdia no actual contexto político de Timor Leste. Uma outra organização de índole monárquica, defendendo o regresso ao poderio dos régulos, não parece ter qualquer influência significativa.

A debilidade organizativa das forças políticas locais, nascidas de facto há cerca de um ano, as mais antigas, por tradição de resistência ao regime colonial ou por oportunismo, permite nesta altura uma evidente influência, directa e indirectamente, clara e obscura, de forças estranhas, sobretudo indonésias. Com a evolução sociopolítica na zona — der rota americana no Vietnam, Camboja e Laos — abrem-se melhores perspectivas para os verdadeiros nacionalistas de Timor português, convictos de que nada teriam a ganhar com a solução aparentemente mais fácil — a sua ligação pura e simples à outra metade da ilha e, portanto, à Indonésia deixada independente pela Holanda. Mas a limpidez das margens de coral encobre perigos e ameaças que os vivos, audaciosos e inteligentes timores terão dificuldades em ultrapassar, até pelas suas dificuldades económicas imediatas. Por isso preferem uma descolonização cuidadosa e não apressada. A presença dos portugueses por mais alguns anos, em novas condições, constitui para eles a segurança necessária à ultrapassagem dos seus próprios problemas e contradições, até à definição de uma linha nacional virada ao futuro de independência nacional. É importante que sejam eles próprios a encontrar esse caminho.



A Dili, capital de Timor Leste, chegou uma inovação fundamental: o helicóptero, forma de compensar a quase ausência de estradas

C. C. T. — CASAS DE SAÚDE ASSOCIAÇÕES SOCORROS MÚTUOS E ORDENS RELIGIOSAS

Convocam-se os trabalhadores destas actividades a reunirem-se em Plenário no próximo dia 3-6-75 na Rua do Alecrim, 46, 1.º — Lisboa, pelas 21.30 horas, a fim de tomarem conhecimento do andamento das negociações do C. C. T.

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Informações
2 — Tomar posição face à atitude assumida pelo patronato.

FEDERAÇÃO SUL DOS EMP. DE ESCRITÓRIO

SINDICATOS:

ENFERMEIROS
CONTÍNUOS, PORTEIROS, etc.
RODOVIÁRIOS
AJUDANTES FARMÁCIA
TELEFONISTAS
INDÚSTRIA HOTELEIRA
ELECTRICISTAS
FOGUEIROS

AGÊNCIA DE VIAGENS

SOC. COM.
OREY, ANTUNES, S.A.R.L.

4, PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA
LISBOA 2 Tel. 36 93 46

— LONDRES, 8 maravilhosos dias na velha capital inglesa
Saídas todos os domingos.

— AÇORES e MADEIRA, 8 ou 15 dias
Saídas frequentes.

— ROMA, 8 dias, visitas guiadas.

— CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA, incluem transporte, estadia e aulas.

— CRUZEIROS NO RENO, viagens de sonho.

— FÉRIAS para Inglaterra e Norte de Africa. Comodidade.

— MAR BÁLTICO e MAR NEGRO, magníficos cruzeiros no «Infante D. Henrique».

— LAPÓNIA e CABO NORTE, pela S. A. S. O Sol da Meia-Noite para além do Círculo Polar Ártico.

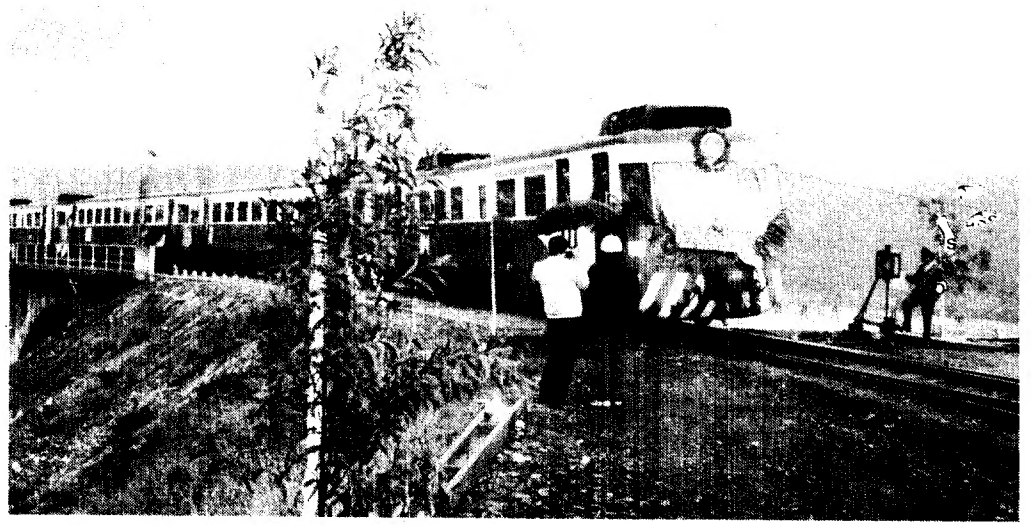
— TURISMO INTERNO.

— PASSAPORTES.

Nacional

VALE DO VOUGA: O "COMBOIO DA REVOLUÇÃO"

REABERTURA DA LINHA MARCADA POR INCIDENTES



AVEIRO, 2 — Eram pouco mais de sete horas da manhã de sábado quando, no meio do estralejar de foguetes e dos acordes musicais da «Grândola, Vila Morena», quatro carruagens do comboio do Vale do Vouga, transportando cerca de meio milhar de pessoas, se puseram em marcha em direcção à cidade de Viseu, voltando assim aquele comboio a circular ao fim de quase dois anos de paralisação.

— «Mas, para que tal acontecesse, foram necessárias dezenas de reuniões e de exposições. A nossa luta começou ainda com o comboio em circulação, pois víamos as máquinas a «morrer» e, como não havia qualquer renovação, nem na via nem no material circulante, sentíamos que se caminhava para o fim. O povo não queria as máquinas a vapor: era o pânico. E esse pânico traduziu-se no fecho do comboio. Que seria para sempre se não tem surgido o 25 de Abril. O dr. Vale Guimarães, então governador civil de Aveiro, com as suas palavras mansas, dizia sempre que o comboio voltaria a circular, pois estava-se a estudar o caso. Mas, quando a Imprensa reagia, conjuntamente com o povo e com as Juntas de Freguesia, ele imediatamente mandava ofícios, com rótulos de confidencial, para que não se fizesse barulho. Como se vê o comboio era um caso arrumado para o fascismo».

Esta a panorâmica que nos foi dada sobre o encerramento do Vale do Vouga e da luta pela sua reabertura pelo jornalista Daniel Rodrigues, da Comissão do Regresso do Vale do Vouga e autor do livro «Vouga Arriba», em que trata, com variada soma de pormenores, o drama de todo o povo vouguense, que ficaria mais pobre e mais só com o encerramento do comboio, o qual, mesmo em deficientes e incómodas condições de tráfego, ainda o ia pondo em contacto mais rápido e directo com os melhores e maiores centros populacionais desta região.

O «Diário de Lisboa», na sua edição de sexta-feira, deu conta de um caso existente com a reabertura da linha. Mais concretamente: Rio Meão, localidade próxima da Vila da Feira, e uma das estações que não figura no esquema actual das paragens do comboio, reagiu, de certa maneira violentamente, a essa determinação da C.P. e não se conforma com o encerramento da estação. Sabíamos, entretanto, que havia mais casos, como Casal de Álvaro, Ribeiradio e Pinheiro de Lafões, para citarmos apenas localidades mais conhecidas do grande público.

E aconteceu que o comboio que transportava desde Aveiro o governador civil, e jornalistas, aos quais se juntariam mais tarde o vice-presidente da Câmara de Águeda, presidente e vice-presidente do Município de Sever do Vouga e ainda, em Oliveira de Frades, o governador civil, de Viseu, notando-se, todavia, a falta de qualquer responsável pela C.P. e ainda do M.F.A. (convidados uns e outros pela organização daquele comboio inaugural), teve de fazer várias paragens que não estavam no programa, pois a isso o obrigou o povo de muitas estações que se não conforma, de maneira alguma, com a supressão dessas paragens, pois não se sente amparado pelo esquema rodoviário que lhe deram após o fecho da linha.

Já depois de ultrapassado o primeiro «obstáculo», que foi Casal de Álvaro, onde havia, entre outros, um grande dístico onde se lia «comboios fascistas não servem o povo» e onde o governador civil de Aveiro

teve de usar de toda a sua diplomacia e influência para acalmar aquela pequena multidão que obrigou o comboio a parar, chegou-se a Sernada do Vouga, onde estava outro comboio vindo de Espinho, com centenas de pessoas que engrossariam a excursão inaugural do Vale do Vouga.

Importa ainda salientar que em Casal de Álvaro uma mulher do povo, em termos correctos mas bastante firmes, se dirigiu ao dr. Neto Brandão e lhe fez sentir o seu desgosto, e o de toda a freguesia, por lhe retirarem a paragem do comboio, dizendo:

— «Em 1908 autorizámos que a casa de meus avós fosse cortada para que fosse feita a estação, e agora esquecem-nos, não vendo que as camionetas passam às 8 e 22 e a maior parte das vezes dão a volta ao lugar e vão-se embora por virem completas, não podendo nós governar a nossa vida e os nossos filhos irem para a escola».

A isto responderia o dr. Neto Brandão «que as pessoas estão a olhar mais para o passado do que para o futuro, o que é pena, pois o sistema de camionagem que irá ser posto em prática é completamente diferente do anterior».

Mas, continuando com estes problemas das paragens e não paragens, o padre Orlando Ferreira, da Comissão de Reabertura do comboio, e um dos grandes conhecedores daquela região, onde nasceu e viveu desde sempre, dir-nos-ia:

— «A C.P. andou mal neste caso da reabertura do comboio. Quase se esqueceu de que já é uma empresa nacionalizada e agiu como se ainda fosse uma empresa privada. Fez reuniões com os presidentes das Câmaras sem ouvir o povo, sem ouvir a Comissão, vindo logo, nas reuniões públicas, com planos de circulação e horários elaborados. Não deveria ter agido assim para que os problemas se não agudizassem desta maneira».

«FASCISTAS»

Era com uma certa apreensão e um misto de curiosidade que toda a comitiva via aproximar o comboio de Ribeiradio. E aconteceu o que se previa: muita gente no meio da linha e o maquenista, sr. Deolindo Fernandes da Costa, que desde há dezanove anos tripulava as velhas máquinas a vapor, teve mesmo de travar. O comboio parou. Ainda ninguém tinha tido tempo de se levantar dos lugares e já lá fora os gritos de «fascistas» de um mar de gente se elevavam no ar.

Ouviam-se expressões como estas: «Somos 4000 pessoas e o comboio tem de parar senão pomos travessas no meio da linha e o comboio não andará mais». Bem se gritava do comboio que «não se deviam fazer protestos daquele género, que só favorecem a reacção». Mas, feridas nos seus interesses, as gentes de Ribeiradio não se importavam com isso.

Nespereira do Vouga foi cenário dos mesmos protestos e das mesmas reivindicações. E viam-se painéis com frases pouco abonatórias para as empresas de camionagem, dizendo-se ainda que «não queremos o comboio só para vista» e «Nespereira também é Portugal».

A gente dos jornais abordou o dr. Neto Brandão. Queria ouvir a sua palavra sobre o que se passava e se haveria qualquer coisa a fazer para solução de problemas que anteontem não passaram de protestos, as que a todos deixaram a sensação de ir mais além quando o comboio começasse com as suas carreiras normais e não fizesse as paragens reclamadas. O governador civil de Aveiro, que aos órgãos de Informação prestou todas as atenções, informou-nos:

— «Há determinado tipo de oposição que estes homens fazem por falta de esclarecimento, tanto por banda da C.P. como das Câmaras Municipais, não fazendo ideia de que a camionagem tem um esquema excelente que poderá até, sem favor, levar as pessoas a optar por ela para os vários trajectos. Como no caso do Rio-Meão. Desconhecem os seus habitantes que o troço Sernada-Espinho estava para ser encerrado no Verão de 1974, como todas as vias reduzidas do País. Mas os industriais, afectos ao C.D.S., é que estão também a complicar as coisas, não querendo ver que será a camionagem a fazer o transporte das mercadorias, pois o comboio será só para passageiros. E segundo os números oficiais a quantidade de passageiros embarcados e desembarcados em Rio Meão não justifica uma grande unidade, tudo isso fizemos. Fomos dos primeiros a dar o exemplo e os pagos estão bem à vista. Mas isto não fica assim. Iremos pôr uma bandeira a um quilómetro de distância e o comboio terá de parar mesmo. Não se brinca assim com este bom povo serrano, que é são até mais não poder, mas que, se o traem, então será o bom e o bonito.»

Um componente do comboio, que em quase todas as estações gritava «o povo está com o M.F.A.» tentou aqui a mesma «jogada» mas foi mal sucedido, pois a esse «slogan» o povo gritou: «Estaremos com o M.F.A. se o comboio parar.»

Uma comissão avistou-se na carruagem com o dr. Neto Brandão a dar-lhe conta do seu desgosto, prometendo o governador civil de Aveiro que iria transmitir ao seu colega de Viseu esses desejos. Uma vez mais o padre Orlando Ferreira lamentaria que não viajasse naquele comboio um representante credenciado da C.P. para auscultar os desejos do povo, em vez de tudo se tratar nas secretárias dos gabinetes lisboetas.

Em Travanca de Bodiosa uma rapariga, em altos berros, gritou: «Cuidado, o comboio amanhã tem de parar».

Como se verifica, não só houve foguetes, nem flores, nem bandas de música, nem beijinhos das crianças. Houve luta rija do povo para satisfação dos seus desejos. O povo quer ser mesmo ele a ordenar, para seu bem e de toda a comunidade. Quer ser ouvido. Quer deixar de ser manipulado. Quer deixar de ser um rebanho. Quer ter voz própria. Ou então continuaremos como até aqui: pode dar-se-lhe melhoria de vida, mas sem a participação activa e desejada do povo português.

Chovia torrencialmente em Viseu quando, após cinco horas de uma viagem que está calculada para pouco mais de três, os comboios chegaram à capital da Beira-Alta. Ali o sr. José Manuel Marques do Rego, membro da Comissão, pronunciou uma saudação onde salientaria:

— «A comissão não se sente satisfeita com a exploração adoptada, mas crê que de momento é a solução que melhor se poderia arranjar. Mas a C.P. e o Governo terão de rever as suas posições para melhor servirem o povo, pois este sistema irá ser inoperante, chovendo já contra ele uma onda de protestos, e por isso há que rever todo este sistema, incluindo o da Linha do Dão, já que essa também não nos serve. Precisamos que ela seja rapidamente reconvertida. Nós, os de Viseu, olhamos em frente, pois queremos construir um Portugal melhor».

«O POVO ESTARÁ COM O M.F.A. SE O COMBOIO PARAR»

Cinco freguesias — Destriz, Reigosa, Pinheiro de Lafões, Sejães e Campia — com uma população a rondar os 10 000 habitantes eram servidas pela estação de Lafões, a tal onde se dizia que iria ser o bom e o bonito quando o comboio ali passasse. Mais gente e mais cartazes do que em Casal de Álvaro ou Ribeiradio. Os mesmos protestos, igualdade nas aspirações: paragem do comboio naquela estação.

— «Nós queremos que se lembrem que vivemos para aqui para o meio da serra e que a camionagem não nos satisfaz nunca. Queremos que o comboio pare aqui também. Mas fiquem sabendo que, se ele não parar, vai haver muita asneira, pois há sempre gente que não podemos controlar. São bem capazes de arrancar os carris. A C.P. continua a fazer os mesmos disparates e as mesmas promessas: pediu-nos para limparmos a via, para cortarmos as sebes. Com sacrifício, e numa jornada de paragem. Terão razão quando fazem um paralelismo com Arrifana, que está a dois passos de S. João da Madeira, e vê, no entanto, o comboio ali parar. O estudo da G.P., neste pormenor, não é lá muito mas tudo se irá rever com certeza».

INCIDENTES ONTEM DE MANHÃ

Tal como atrás, dissemos o povo de algumas localidades cujas estações foram encerradas avisou que o comboio não passaria se não se observasse a paragem desejada. Assim, o primeiro comboio que transitava em direcção a Viseu foi obrigado a interromper a sua marcha em Casal de Álvaro, pois aí uma pequena multidão a isso obrigou. Entraram passageiros que se apeariam em Ribeiradio e até em Pinheiro de Lafões. Mais adiante e que já o caso mudou um tanto de figura, quando o comboio atingia Ribeiradio. Uma camioneta que faz o serviço de acordo com a C.P. não parou no local próprio, temendo o condutor comcerteza, segundo nos disse o sr. Ermelindo Santos, toda aquela gente que se postou no meio da estrada e lhe deu sinal de paragem. Tentou ultrapassar aquela barreira humana, sendo o veículo apedrejado, do que resultaram alguns estragos materiais. Uma outra camioneta que seguia logo atrás foi intimada também a parar para que os passageiros viessem para a estação tomar o comboio. Quando este chegou, teve mesmo de parar e logo ali embarcaram muitas pessoas. Igual incidente se registaria em Pinheiro de Lafões. Temia-se agora o regresso dos comboios, embora houvesse quem opinasse que já nada de grave se registaria.

No entanto, cerca das 14 horas, um comboio de Viseu foi obrigado a parar em Ribeiradio, gerando-se viva discussão pelo modo como a composição foi obrigada a parar, com muitos toros atravessados na via e pondo em perigo as pessoas que vinham no comboio. E da discussão acesa passou-se à retenção do comboio, que «dali só sairá quando alguém nos der um documento em que nos afirmem que futuramente o comboio parará mesmo em Ribeirdio». Esta afirmação foi-nos feita pelo telefone, cerca das 21 horas de ontem, pelo sr. Américo Lopes Bento, e confirmada pela G.N.R. de Oliveira de Frades, que para o local tinha mandado soldados seus, ao mesmo tempo que nos diria ainda que mais duas camionetas da carreira Aveiro-Viseu tinham sido retidas e não podiam prosseguir a sua marcha.

Havia quem reclamasse a presença do M.F.A. e do governador civil de Viseu para que aquelas garantias, pedidas pelos muitos milhares de pessoas que ali se juntaram, fossem autenticadas.

Durante todo o resto do dia não houve, assim, mais circulação do Vale do Vouga, o qual regressou sob o signo da contestação quando, também é certo, se poderia equacionar melhor o problema. Isto nos afirmou o nosso leitor, sr. Helder de Figueiredo, de Casal de Álvaro. Segundo ele, a C.P. poderia ter posto a rolar comboios de manhã e à tarde para transporte de estudantes e operários, a parar em todas as estações, e durante o resto do dia, para as pessoas que desejam ir para Aveiro, Espinho ou Viseu em viagem de negócios, poria a circular um serviço rápido.

JOSÉ NAIA

MÓVEIS

MODERNOS
NÓRDICOS
SÉCULO XVII
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
IMPÉRIO
D. JOÃO V
RENASCENÇA

Grande variedade em exposição
TROCAMOS MÓVEIS USADOS
FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
(Junto igreja dos Anjos)

Nacional

MEMBROS DO GOVERNO NO NORTE

VENCER DIVERGÊNCIAS PARTIDÁRIAS

PORTO, 2 — Em visita a fábricas do Norte, com vista a preparar a «batalha da produção», o secretário de Estado do Emprego e o subsecretário da Administração Industrial tiveram encontros de trabalho com dirigentes sindicais. Falando nas instalações da Companhia Industrial de Fibras Artificiais, o responsável pela Administração Industrial, dr. Cardoso da Silva, apelou aos trabalhadores para vencerem as divergências partidárias que, nos locais de trabalho, tornariam impossível o cumprimento da «batalha da produção» e pediu mais um esforço aos assalariados para se vencerem as dificuldades por que atravessa a firma (em que o Estado interveio). O brigadeiro Eurico Corvacho, que acompanhava aqueles membros do Governo, falou igualmente aos trabalhadores para quem segundo disse, depois do 11 de Março a economia nacional teria deixado de lhes ser estranha, pelo que, mais do que nunca, a unidade se torna necessária. Pediu ainda vigilância activa contra as manobras contra-revolucionárias.

«Integração de novos elementos, ajuda financeira e planos de produção em que os trabalhadores têm um papel importante a desempenhar», foram os aspectos salientados pelo subsecretário da Indústria, dr. Cardoso da Silva, durante a visita feita às instalações da Companhia Industrial de Fibras Artificiais CIFA, em Valongo. A empresa é gerida pelos trabalhadores e conta com dois administradores nomeados recentemente pelo Estado, drs. Carlos Bravo e Fernando Teixeira. Empregando 1700 operários, a empresa possui vastas instalações, podendo aumentar a sua produção com a maquinaria actualmente existente. Deficiências administrativas resultaram em seu prejuízo e da economia do País, dado que da produção dependem 30 000 trabalhadores têxteis doutras empresas que recebem matéria-prima da CIFA.

UMA ASTRONAUTA EM PORTUGAL

GRÂNDOLA APLAUDIU VALENTINA

Para uma visita de seis dias, e como temos noticiado, encontra-se em Portugal Valentina Terechkova, a primeira e, até agora, única mulher que voou no Cosmos. Terechkova, que é membro do Soviete Supremo, do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e presidente do Comité das Mulheres Soviéticas, está no nosso país a convite do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas.

À chegada ao aeroporto, a astronauta soviética afirmou:

. . «Os soviéticos seguem atentamente e com amor o processo revolucionário português e desejam os maiores êxitos a este povo na construção do novo Portugal».

Para receber Valentina, deslocaram-se ao aeroporto Álvaro Cunhal e outros elementos do Comité Central do P.C.P., Luísa Amorim e outras dirigentes do M.D.M., uma delegação da Força Aérea (com um elemento feminino do Batalhão de Pára-Quedistas), o brigadeiro Corval, em representação do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, o embaixador da U.R.S.S. e o conselheiro da Embaixada soviética em Lisboa.

À saída do aeroporto, Terechkova foi alvo de uma calorosa manifestação popular, o mesmo acontecendo a Álvaro Cunhal.

EM SETÚBAL E GRÂNDOLA

Em 1963, Terechkova deu 48 voltas à Terra, num voo que durou quatro dias. Ontem deslocou-se a Grândola, passando por Setúbal e, nesta cidade, foi recebida nos Paços do Concelho, depois de saudada por uma pequena multidão na Praça do Bocage. Na cidade do Sado, depois das palavras que lhe foram dirigidas por Maria Isabel Velez, em representação do M.D.M. de Palmela, pelo capitão-de-fragata António Carlos Fuzeta da Ponte e pelo presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Setúbal, Victor Zacarias, Valentina disse:

. «Trouxemos para vós saudações calorosas do povo da União Soviética. Os soviéticos desejam ao povo português grandes êxitos na construção de um Portugal democrático e livre. Na União Soviética, todo o povo saudou com agrado a derrocada do fascismo em Portugal».

Em seguida, a astronauta rumou a AGrândola, onde almoçou com camponeses e operários mineiros e corticeiros, tendo depois participado num comício que reuniu, no campo de futebol local, cerca de cinco mil pessoas.

Usaram da palavra o alferes Botas, em representação do M.F.A., Américo Leal, do Comité Central do Partido Comunista Português, uma operária corticeira, em representação do M.D.M. de Grândola, um elemento da União dos Sindicatos do Sul, António Mendes, da Comissão Administrativa da Câmara local e, por último, Valentina, que agradeceu a recepção, falou do papel da mulher na U.R.S.S., da sua possibilidade de ascender a qualquer profissão e da sua satisfação por estar em Grândola, que conhecia como símbolo da resistência antifascista em Portugal.

Para hoje, Valentina tem um programa sobrecarregado, de onde ressaltam as visitas oficiais ao Presidente da República (confirmada) e ao Primeiro-Ministro (a confirmar) e um jantar na Embaixada da U.R.S.S. em Lisboa.

PLENÁRIO AGITADO NA CASA DO DOURO

Comissão de Gestão contestada e manobras partidárias

Reportagem de JOSÉ GOMES BANDEIRA

. PORTO, 2 — Foi de enorme tensão o dia vivido ontem na Casa do Douro, na Régua, onde teve lugar um plenário de vinicultores para discussão do despacho do Ministério do Planeamento e da Coordenação Económica que criou uma comissão de gestão encarregada de proceder à liquidação total da Federação dos Vinicultores da Região do Douro (que duas comissões anteriores, nomeadas para esse fim, não efectuaram) e de tomar medidas concretas, incluindo propostas de legislação, com vista a enfrentar os graves problemas que ali se vivem desde há bastante tempo e que dia a dia se agudizam.

O plenário tinha ainda por objectivo a eleição (nos termos do mesmo despacho) de «representantes dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores da região demarcada» que integrariam, com um delegado do M. F. A. e mais quatro técnicos de outros tantos Ministérios, a referida comissão de gestão da Casa do Douro.

Estes dois objectivos do plenário efectuado implicavam, todavia, uma vasta gama de problemas que motivaram uma enorme discussão (ou a impossibilidade dela), apesar dos esforços dos elementos do M. F. A. em conter, nos momentos mais difíceis, os ânimos exaltados de centenas de trabalhadores e agricultores presentes (estes últimos em larga maioria). O clima de tensão nasceu com o próprio plenário que decorreu, desde as 10 horas até às 22, com sucessivos momentos de impasse. Na origem destes e de todo o clima vivido estavam, segundo nos afirmaram inúmeros agricultores, a discordância quanto ao facto de a presidência da comissão ser confiada ao capitão Pardal (delegado do M. F. A. na campanha de dinamização em curso na região) e ainda a ideia de que na verdadeira comissão de gestão deviam estar os agricultores da região eleitos, ficando para os quatro técnicos ministeriais um papel «de apoio», como técnicos.

Aliás, neste mesmo sentido foi apresentada uma proposta que, apesar do clima em que decorriam os trabalhos, nos disseram ter sido aprovada.

RESTITUIR O DOURO ÀS SUAS GENTES

Em torno destes dois problemas (presidência e função dos agricultores eleitos) se centrou toda a efervescência durante o plenário.

O denominador comum à defesa daquelas posições era o de que, segundo a generalidade das pessoas, «tinha de ser gente da região e não vinda de fora» a tomar conta da Casa do Douro.

Para este plenário tinham sido previamente escolhidos representantes nas 171 freguesias da região demarcada que vieram devidamente credenciados.

Ora, verdadeiramente, o plenário de ontem servia para esses representantes (um trabalhador e um pequeno agricultor por cada freguesia) elegerem os cinco elementos que integrariam a comissão de gestão da Casa do Douro. Simplesmente, com esses credenciados vieram centenas e centenas de pessoas da região (muitas delas em camionetas de carga) que se concentraram logo de manhã no centro da vila, diante da Casa do Douro. (Algumas das convocatórias para essa concentração foram distribuídas pelo P. S. em toda a região e nelas se apelava para a colaboração «na construção de um Douro livre, independente e socialista», segundo exemplares trazidos pelas pessoas). Os problemas começaram com a entrada no edifício (acabaram por entrar mesmo...), continuaram com a abertura do plenário e repetiram-se ao longo de todo o dia. Ainda cá fora, houve manifestações de hostilidade para com uma carrinha do Rádio Clube Português, em cujo emissor da Régua (Rádio Alto Douro) se difundem os programas de dinamização. A carrinha chegou a ser empurrada em direcção ao rio, que passa muito perto, por detrás das casas. Logo no início do plenário o major Delgado Fonseca que orienta as campanhas de dinamização no Norte, foi interrompido com barulho que o impediu de falar. Entretanto, os ânimos vieram a serenar depois, tendo aquele oficial garantido aos presentes que o M. F. A. não vinha tirar o Douro aos agricultores mas, pelo contrário, restituí-lo às suas gentes.

DEZ LISTAS

Tornou-se então possível, apesar da excitação da sala, iniciar a discussão do despacho ministerial. Todavia, a breve trecho se tornou nítida a oposição à presidência da comissão por parte do capitão Pardal e a recusa em permitir que a Casa do Douro fosse dirigida por «estranhos» à região. Neste clima, em que nada avançava nem ninguém se ouvia, recomeçaram os trabalhos cerca das 15 horas, depois de uma hora de intervalo para o almoço. Nessa altura, após algumas intervenções, o major Delgado Fonseca interrompeu as palavras que já não se ouviam e abandonou a sala. Entre empurrões e discussão generalizada, dentro e fora da sala, saíram os representantes credenciados pelas freguesias para uma dependência do andar superior onde iniciaram, finalmente, a eleição dos cinco elementos para a comissão de gestão. Nessa reunião, foram apresentadas dez listas e escolhidas três numa primeira volta (quatro dos cinco nomes a votar eram já iguais nessas três listas). Foram, assim, escolhidos os seguintes representantes dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores (termos do despacho): José Alberto Sampaio (arquitecto, residente no Porto), António Augusto dos Santos Grácio (solicitador e presidente da Adega Cooperativa de Sanfins), António José Mesquita Montes (regente agrícola e presidente da Adega Cooperativa da Régua), Jorge Santos Silva (tesoureiro da Adega Cooperativa de Santa Marta de Penaguião e representante das adegas na comissão eleita) e José da Silva Gouveia trabalhador rural). Com excepção do último (que disse «não ter outra profissão nem outros bens») três dos restantes elementos recolhem apenas umas escassas pipas de vinho anuais.

QUEM REPRESENTA OS TRABALHADORES

O ministro da Agricultura e Pescas, eng.º Fernando Baptista, chegara durante a tarde à Casa do Douro e aguardou num gabinete o termo daquela eleição. Acompanharam-no o secretário de Estado da Reestruturação Agrária, eng.º Agostinho Carvalho, dois vice-presidentes do I. R. A., um responsável pelo sector das indústrias agrárias do Ministério e um técnico daquela Secretaria de Estado.

Foi perante o ministro que a comissão eleita tomou posse.

O ministro afirmou nomeadamente: «Viemos a convite do M. F. A. para contactar com os elementos eleitos. Ninguém porá em dúvida que, mais do que qualquer força partidária é o M. F. A. que conduz o processo e é ele que assumirá a presidência desta comissão. Os representantes dos Ministérios, por outro lado, devem estar na comissão de seu pleno direito e não pretendem substituir-se a quem cá está, antes representam e comprometem os Ministérios no esforço que tem de ser aqui desenvolvido.» E mais adiante, disse: «Não posso deixar de ficar um pouco surpreendido que pessoas que não são trabalhadores daqui, mas um tanto de fora, arquitectos e técnicos, os estejam a representar. Não devemos pretender prolongar situações deste género em que outros se substituem aos trabalhadores e pequenos agricultores. Esperemos que, numa próxima comissão, isso seja corrigido. Espero também que esta comissão apresente muito em breve aos Ministérios as suas linhas programáticas sobre as soluções que urgem aqui. E ainda que se liguem ao M. F. A. no processo que se desenvolve. O clima de serenidade teria sido talvez mais propício a uma reflexão. Isso não foi possível, porque outro processo se enxertou no meio das questões, mas conto agora com uma verdadeira harmonia para enfrentar os problemas da região.»

. Entretanto, com as 22 horas já próximas, esse momento, pareceu acalmar os ânimos dos presentes. Mas se antes alguém circulava entre as pessoas, a nosso lado e dizia «o que é preciso é que isto aqueça» e o barulho prosseguisse no corredor de acesso ao gabinete onde o ministro recebia a comissão, a verdade é que de novo, recomeçaram as vozes que então gritavam «ocupação» e «ditadura não». A maior parte das pessoas tinham já abandonado a Casa do Douro e, cá fora, viaturas militares cortaram o trânsito. Escassas dezenas de manifestantes prosseguiam, no interior, as palavras de ordem. O ministro atravessou esse local e saiu, regressando ao Porto com o secretário de Estado e restantes elementos.

MANOBRAS PARTIDÁRIAS

Durante todo o dia, foi-nos possível recolher junto de inúmeras pessoas, afirmações sobre os motivos da sua presença no local. Efectivamente, a situação da lavoura é bastante grave e resume-se, nas suas linhas mais claras, a dois ou três problemas que se avolumam: dificuldades financeiras para manter a vida agrícola da região, preços do vinho e impossibilidade de escoamento da colheita do ano passado e de armazenagem da próxima. Dizia-nos uma professora primária de Alijó: «Temos as adegas cheias, o vinho mal pago e a vindima daqui a pouco. As pessoas esperam as vindimas para fazer as suas contas, não têm outros recursos. Como vai ser agora? O sulfato, o enxofre, os pestecidas subiram para o dobro, o vinho não se vende, é barato e ainda o fazem «a martelo»... O M. F. A. está aqui a favor do povo, mas o povo está desesperado e tem razão, por isso veio tanta gente. Mas também há aí quem manobre o povo, quem o empurre. O povo é sempre uma escada para os grandes subirem», concluiu.

A propósito, destas manobras de que falava a professora de Alijó, interrogámos elementos do M. F. A. sobre as informações que recolheram durante a sua estadia. Disseram-nos um oficial: «O povo tem graves dificuldades, é um facto. Mas alguém se aproveita para criar os problemas que aqui sentimos. Distribuiram papéis ao povo para se concentrar aqui hoje e, em alguns lugares, diziam também que viessem porque os comunistas queriam ocupar a Casa do Douro. Quem ajuda o povo desta maneira?».

A verdade, portanto, é que à trágica situação de milhares de trabalhadores e pequenos agricultores (fala-se mesmo em fome) se juntam as manobras partidárias que fazem com que o M. F. A. não se faça ouvir no plenário, acusando-o de defender este ou aquele partido e «ajudam» o povo, fazendo-o correr atrás de supostos assaltos dos comunistas à Casa do Douro. Um produtor da região (que não é dos mais pequenos) dizia-nos, curiosamente: «Esta gente não quer os comunistas, viu-se nas eleições...»

. O resultado destas «ajudas» viu-se ontem na Régua. Entretanto, os verdadeiros problemas continuam vivos: Quem escoa o vinho? Por que preço é pago? Ninguém duvida que é isso (foi isso) que mobiliza o povo da Régua. Ninguém duvida que é isso (foi isso) que abre as portas a manobras partidárias numa altura em que o M. F. A. se encontra empenhado num esforço concreto em favor de toda esta região.

O I.R.A. pode arrendar as terras utilizáveis em culturas

O Instituto de Reorganização Agrária poderá arrendar as terras utilizáveis em culturas de campanha, de acordo com um despacho do ministro da Agricultura e Pescas. O despacho é motivado pelas prementes necessidades de aumento da produção agrícola do País, nomeadamente no que se refere à cultura do milho.

De acordo com aquele despacho, o I.R.A. tem o direito de «tomar de arrendamento as terras utilizáveis em culturas de campanha, a fim de converter tal forma de exploração noutras, económica e socialmente mais adequadas, seja através de cooperativas de produção de pequenos agricultores e trabalhadores rurais, seja por meio de sub-rendeiros».

O despacho determina que «a Secção de Arrendamento Rural, com a colaboração das delegações do I.R.A. e centros de reforma agrária tome durante o corrente ano agrícola as providências necessárias (...) para que sejam efectivamente aproveitadas as terras nas condições já referidas. Além disto, deve ainda ser prestada a assistência que se mostre necessária, devendo ser sempre dada preferência aos agricultores e trabalhadores rurais que decidam explorar as terras em regime de associação».

DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no MINI-GOLFE

Estrangeiro

VIOLÊNCIA EM SALISBURY APÓS A MORTE DE ONZE NEGROS

SALISBURY, 2 (R.) — Africanos enfurecidos andavam, às primeiras horas de hoje, empenhados numa orgia de violência nas localidades habitadas por negros na zona de Salisbury, após onze africanos serem mortos a tiro e mais quinze feridos pela polícia rodesiana.

As localidades foram isoladas por barreiras erigidas pela polícia nas estradas. Dentro delas, grupos de africanos enfurecidos largavam fogo a estabelecimentos, cervejarias e a automóveis.

A vaga de violência foi provocada quando a polícia matou cinco africanos e feriu mais cinco ao tentar pôr cobro à luta que ocorreu durante todo o dia, na localidade de Highfield, entre 2000 membros de organizações militantes nacionalistas africanas rivais — a União Africana Zimbabwe (ZANU) e a União do Povo Africano Zimbabwe (ZAPU).

A polícia matou a tiro mais seis africanos e feriu outros sete numa batalha nas localidades de Harari e Glen Norah, onde se lutava ainda na madrugada de hoje.

Elementos das facções ZANU e ZAPU envolveram-se em desordem quando aguardavam fora de uma sala onde estava reunida em sessão o executivo do Conselho Nacional Africano (CNA).

«GOVERNO DA MAIORIA AGORA»

A primeira reacção nacionalista ao tiroteio partiu de Joshua Nkomo, antigo dirigente da ZAPU e actualmente membro do executivo do CNA.

Declarou a jornalistas que, embora deplorando a acção da polícia, «penso também que os esforços de certas facções do CNA, que organizaram as manifestações de hoje, estão a ser mal dirigidos».

Durante a desordem fora da sala onde estava reunida em sessão a CNA, partidários da ZAPU, a organização mais moderada, tentaram arrancar cartazes colados por jovens da ZANU.

Em dois cartazes lia-se «Governo de maioria agora ou para a frente com Chimurenga (guerra de libertação)» e «O êxodo branco em 1975 é a génese negra».

No princípio deste ano, o reverendo Ndabaningi Sithole, antigo dirigente da ZANU, explicou a jornalistas que a diferença básica entre a ZANU e outros elementos no CNA era de que a ZANU apoiava um conflito armado se falhassem todos os meios constitucionais de conseguir Governo negro.

ULTIMATO DE SMITH

O CNA foi criado como organização de cúpula para representar agrupamentos como a ZANU e a ZAPU nas negociações para uma transferência de poder da minoria branca para a maioria negra.

A sessão do executivo do CNA, efectuada para discutir o ultimato do primeiro-ministro Ian Smith àquele conselho para assistir a uma conferência constitucional, foi caracterizada também pela violência. Um dirigente da ZANU, Enos Nkala, foi atirado de uma janela, do primeiro andar, para a rua.

Foi emitido um breve comunicado oficial anunciando que o CNA decidira realizar «conversações preliminares» com Smith conduzindo a uma conferência constitucional com a Grã-Bretanha, baseada em Governo imediato da maioria.

Segundo fontes bem informadas espera-se que essa fórmula seja rejeitada pelo Governo rodesiano, que tem afirmado, no passado, que os nacionalistas devem efectuar uma conferência constitucional com o gabinete de Salisbury e sem condições prévias.

PONTO DE CRISE

O Governo rodesiano tem-se agarrado firmemente à sua posição contra um Governo negro imediato e a fórmula de «um homem, um voto», pretende observar a evolução dos africanos, através da educação.

O ultimato de Smith — asseverou que se o CNA não participasse depressa em conversações constitucionais se voltaria para outra organização africana — parece ter levado a situação a um ponto de crise.

Aguarda-se que o encontro crucial entre elementos do CNA e Smith se realize no fim da semana, após o regresso de um dirigente nacionalista, o bispo Abel Muzorewa, que assistiu à cimeira da Comunidade Britânica na Jamaica e visitou, depois, outros países. Deverá chegar a Salisbury na quarta-feira.

O argumento do CNA de que uma conferência constitucional apenas se pode efectuar com a presença de representantes do Governo britânico é inaceitável para Ian Smith e parece haver poucas hipóteses de se chegar a acordo na reunião desta semana.

A disputa constitucional começou em 1965, quando a Rodésia declarou unilateralmente a independência da Grã-Bretanha.

Se as conversações fracassarem totalmente, é provável que surja nova atitude de dureza, após um congresso do CNA em Salisbury, ainda este mês.

Há receios que possa intensificar-se a luta de guerrilhas dos nacionalistas africanos.

OS MOTINS ALASTRAM

Em Dezembro passado, Smith anunciou que o seu Governo estava disposto a libertar presos políticos e a pôr termo à luta no Noroeste da Rodésia, que durava há dois anos, a fim de abrir caminho para uma conferência constitucional sobre um Governo de maioria.

Contudo, em Janeiro, o Governo suspendeu a libertação de presos africanos, afirmando que os guerrilheiros não estavam a respeitar o cessar-fogo.

A luta de guerrilhas custou já cerca de 700 vidas.

Salisbury acha-se hoje tensa enquanto os motins nas localidades africanas alastram. No entanto, não se registou, até agora, violência entre civis brancos e negros.

FORÇA DE MERCENÁRIOS RECRUTADA EM LONDRES

LONDRES, 2 (R.) — O «Daily Telegraph» anuncia hoje que está a ser formada na Grã-Bretanha, com antigos pára-quedistas e comandos do Exército inglês, uma força de mercenários para realizar actos de sabotagem e ataques de surpresa na Rodésia.

O jornal diz que a força, que se encontraria em estado operacional em Agosto, estava a ser formada pelo antigo pára-quedista John Banks, que criou a denominada Organização de Segurança Internacional.

Esta organização já efectuou algumas sessões de recrutamento em Londres. Anúncios publicados em jornais ingleses são dirigidos a antigos comandos, pára-quedistas e homens de serviços aéreos especiais que «pretendam trabalho interessante no estrangeiro».

Indivíduos que assistiram a uma dessas sessões no Regent Center Hotel, nesta capital, foram avisados, logo de início: «Se têm qualquer aversão a combater por negros contra brancos devem abandonar imediatamente a sala». Assim o fizeram alguns dos homens que compareceram.

Segundo o «Daily Telegraph», foi mostrado um grande mapa durante a sessão e «tornou-se óbvio para todos que a Rodésia era o país a ser atacado».

Banks, entrevistado pelo jornal, foi citado como declarando que os homens assinariam um contrato por seis meses. «A sua tarefa seria a de sabotar instalações e de cortar linhas de comunicação.»

Banks recusou-se a revelar a fonte do apoio financeiro para a sua organização.

«Sabemos que na sessão do hotel em Londres se achavam agentes dos serviços secretos rodesianos e sul-africanos entre os homens que apareceram. Esses agentes exercem apertada vigilância sobre nós.»

«Contudo, a política não entra nisto. Fazemo-lo apenas por dinheiro» — teria Banks dito aos jornalistas que apareceram no seu escritório por cima de uma lavandaria em Camberley Surrey, defronte da Academia Militar de Sandhurst.

Aos mercenários foi prometido o salário de 150 libras por semana (cerca de nove contos), importância que seria depositada de duas em duas semanas num banco suíço.

Banks acrescentou, segundo o «Daily Telegraph»: «Não posso revelar a partir de que país vamos operar. Se pensam que se trata de Moçambique ou da Zâmbia, isso é convosco. Estamos a enviar homens em voos de carreiras regulares».

O MAIOR NEGÓCIO DE ARMAMENTO

WASHINGTON, 2 (R.) — O ministro belga da Defesa, Paul Vanden Boeynant, trava hoje conversações com o secretário norte-americano da Defesa, James Schlesinger, que poderiam conduzir ao que tem sido descrito como «o negócio de armamento do século».

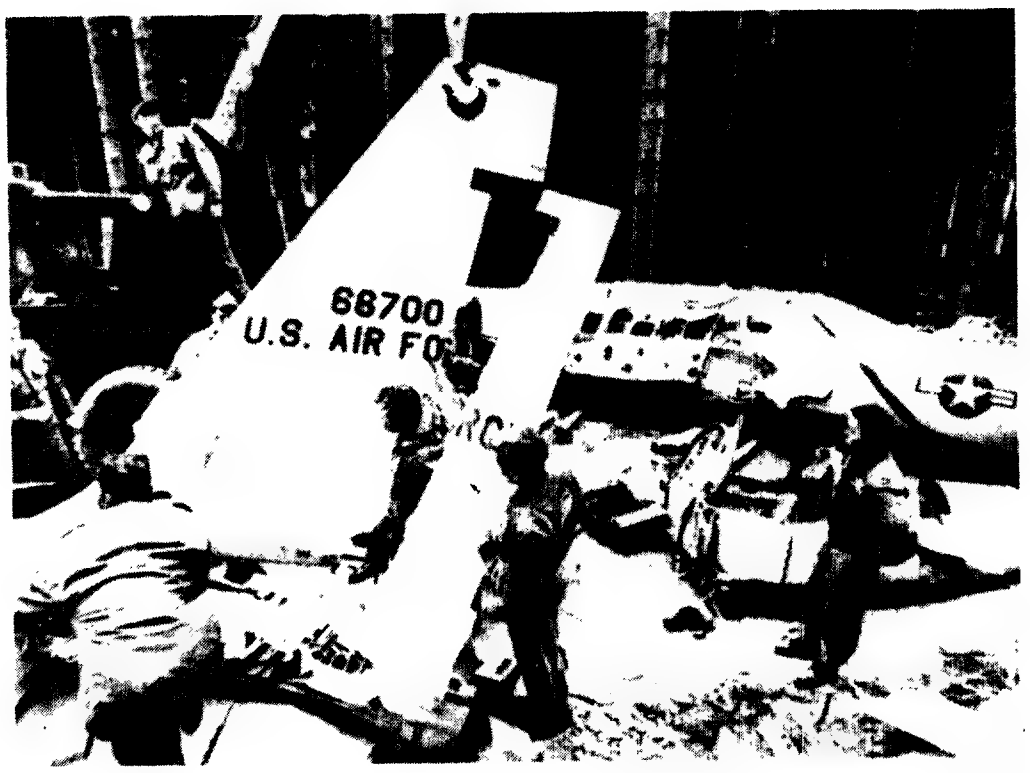
Dependerá dessa conferência saber-se se um consórcio de quatro países da N.A.T.O., que inclui a Bélgica, comprará o caça a jacto norte-americano F-16 ou o rival Mirage FI-1, de fabrico francês, para substituir o obsoleto Starfighter.

A compra do avião pelos quatro países poderia conduzir a vendas no valor de 15 000 milhões de dólares (cerca de 360 milhões de contos).

Os outros três países do consórcio, a Holanda, Dinamarca e Noruega, têm afirmado que optarão pelo jacto norte-americano, se a Bélgica decidir comprá-lo.

Funcionários norte-americanos mostram-se confiantes em que a Bélgica escolherá o F-16, mas não se sabia quando se podia aguardar uma comunicação sobre o acordo ou que detalhes faltavam para ser solucionado.

Uma fonte de Washington disse que os belgas pretendiam que os Estados Unidos comprassem metralhadoras fabricadas na Bélgica, como parte da transacção.



Pessoal militar ajuda a carregar destroços das asas do avião-espião norte-americano, U-2, que caiu em território da Alemanha Ocidental dia 29 de Maio. Esta é a primeira foto do aparelho depois da queda. A área do acidente está interdita à Imprensa. (Telefoto UPI-Telimprensa)

PAÍS BASCO

VAGA DE TERROR DENUNCIADA PELA JUNTA DEMOCRÁTICA

«O regime franquista desencadeou uma impressionante vaga de terror em todo o território de Euzkadi, especialmente na Biscaia e Guipuzcoa, criando um clima de autêntica guerra civil, que faz perigar a conveniência pacífica entre os cidadãos» — informa um comunicado da Junta Democrática de Espanha, datado do dia 28. No documento acusam-se a Brigada de Investigação Social (BIS), a Guarda Civil e organizações parapoliciais como os «Guerrilheiros de Cristo-Rei» de espancarem brutalmente os militantes progressistas, quando não os torturam ou assassinam.

Na Biscaia já foram presas mais de mil pessoas, havendo neste momento umas 300 pessoas na prisão.

Desde o dia 8 de Maio, os maus tratos, espancamentos e torturas têm sido regra geral. No dia 12, três presos foram transportados para o hospital de Basurto, onde se encontram em tendas de oxigénio. Há sérias suspeitas de que certos médicos estão conluiados com a polícia. O padre Anastasio Erquicia, de Bilbau, preso no dia 8 de Maio, foi torturado de tal modo que, no dia seguinte, era conduzido ao hospital com os rins e o baço destroçados.

A repressão não se abate apenas sobre os militantes da E.T.A., mas sim sobre todas as organizações democráticas, incluindo as comissões de bairro. Um elemento pertencente a uma comissão de bairro foi sujeito durante nove dias, duas vezes por dia, a tortura, que consistiu em o estender numa mesa curta e estreita, que lhe deixava a cabeça e as pernas de fora. Era obrigado a manter-se numa posição rigidamente horizontal: mal mexia a cabeça ou as pernas era espancado.

Destacados elementos do movimento operário e militantes suspeitos do Partido Comunista Basco têm sido sistematicamente perseguidos e presos.

Em muitos casos as autoridades judiciais mandam pôr em liberdade indivíduos presos pela polícia, que logo volta a prendê-los.

Depois do dia 8, as ruas de Bilbau foram percorridas por brigadas especiais armadas até aos dentes, que procederam à detenção de todos os indivíduos encontrados sem bilhete de identidade. Os detidos foram transportados para a praça de toiros, onde 370 pessoas passaram a noite.

Lojas diversas, escritórios de advogados, edifícios públicos são metralhados por grupos armados que se transportam em automóveis. As denúncias feitas à polícia não surtem qualquer efeito.

«COMECEMOS A MATAR»

No dia 12 de Maio, efectuou-se um «acto de afirmação patriótica»: às 8 da noite, duas a três mil pessoas concentraram-se diante do governo civil, havendo umas 500 que se manifestaram pelas ruas, prendendo 71 pessoas e desencadeando uma onda de actos terroristas, como deitar fogo a automóveis de matrícula francesa. Todos os meios de informação fizeram convocatórias para essa manifestação, entre cujos «slogans» figurava um bastante elucidativo: «Comecemos a matar».

A hierarquia eclesiástica mantém um silêncio sepulcral perante todos estes factos, apesar da repressão que se tem abatido sobre numerosos sacerdotes.

Em Guipuzcoa há neste momento 150 presos. A maioria dos detidos tem sido torturada. A polícia provoca os transeuntes, desaloja violentamente as pessoas que se encontram em estabelecimento públicos. Mas o caso mais grave dos últimos dias — e que foi amplamente noticiado — foi o do assassínio a sangue frio de um jovem estudante de Ondarroa que ia a cantar canções bascas, em companhia de amigos, comemorando a passagem nos exames.

Em face de tudo isto, a Junta Democrática de Espanha, (na qual se encontram associados o Partido Socialista Popular, as Alianças Socialistas de Castela, Baleares, Aragão, Canárias e Andaluzia, o Partido do Trabalho de Espanha, a Organização Bandeira Vermelha, o Partido Comunista de Espanha e numerosas personalidades prestigiadas da vida espanhola) pede a todas as organizações políticas, sindicais, estudantis e profissionais, a todos quantos estejam interessados pela luta antifascista em Espanha, que se solidarizem por todos os meios com o Povo mártir do país Basco.

CIMEIRA FORD-SADAT

DOIS DIAS DE CONVERSAÇÕES SOBRE O MÉDIO ORIENTE

SALZBURGO (ÁUSTRIA), 2 (ANI) — O presidente egípcio Anwar Sadat pediu ao chefe do executivo norte-americano que exerça a sua «poderosa influência» para obter a retirada israelita dos territórios árabes ocupados.

«Julgo que nenhum de nós evitará as suas responsabilidades» — sublinhou Sadat no início das suas conversações de dois dias com o presidente Gerald Ford.

Adoptando uma linha dura durante as suas declarações públicas, em relação ao Estado de Israel, Sadat afirmou que o Estado de «beligerância» só pode findar se aquele país reconhecer os legítimos direitos do povo palestiniano a «constituir a sua própria pátria» e se Israel voltar às fronteiras que tinha antes da guerra de 1967.

O presidente Sadat parece ter ficado bastante satisfeito por poder conferenciar directamente com o presidente Gerald Ford e não apenas com o secretário de Estado Henry Kissinger, cuja diplomacia «de etapas» não surtiu qualquer efeito em Março passado nas suas tentativas de mediação entre árabes e israelitas.

«Apreciamos muito o esforço desenvolvido pelo senhor Kissinger, mas também estamos satisfeitos por poder levar as discussões sobre a crise do Médio Oriente a um nível mais elevado» — declarou um informador egípcio na conferência de Imprensa.

Sadat pretende uma tomada de posição decisiva que conduza à paz e não acções apenas a nível diplomático».

«Entre as acções práticas que o Egipto gostaria de ver realizadas conta-se a retirada das tropas israelitas das frentes egípcias e sírias e a realização da conferência de Genebra, onde seja negociado o acordo de paz, sem se tornar um instrumento de pressões políticas» — acrescentou o informador egípcio.

Entretanto, o presidente Ford renovou o seu convite ao presidente egípcio para este visitar Washington, o que poderá acontecer no fim do corrente ano se as iniciativas tomadas pelo chefe do executivo norte-americano para reactivar as negociações israelo-árabes sairem da actual situação de impasse.

O anterior presidente, Richard Nixon, tinha já convidado Sadat a visitar os Estados Unidos, quando fez a sua viagem ao Médio Oriente em Junho passado. Contudo, a posterior resignação de Nixon impediu Sadat de concretizar a visita.

Esta viagem de Ford a Salzburgo fica marcada por uma queda, logo ao sair do avião, escorregando nos degraus molhados pela chuva e caíndo quase aos pés do chanceler Bruno Kreisky que o aguardava.

O tenente-coronel Robert Blake, adjunto de Ford, declarou que o presidente sofre de uma doença crónica num joelho devido à prática do futebol nos seus tempos de universitário.

Mais tarde, Ford claudicou por mais duas vezes, uma das quais quando acompanhando Sadat, se preparavam para sair da residência onde decorreram as conversações.

Sadat segurou Ford, evitando assim que o presidente norte-americano caisse pelas escadas.

o presidente Gerald Ford dos E.U.A. escorregou e caiu quando descia do avião que o conduziu de Espanha à Austria. Se fosse em tempos de superstição diríamos que se tratou de um **mau pressígio para as conversações que o aguardavam em Salsburgo com o presidente egípcio Anwar Sadat. Na telefoto: o chanceler austríaco Bruno Kreisky ajuda o presidente norte-americano a levantar-se depois da queda. (Telefoto UPI-Telimprensa)**

Caleidoscópio

SITUAÇÃO «INSTÁVEL»

TÓQUIO, 2 — (ANI) — a agência Nova China comenta hoje o facto de a visita do presidente norte-americano a Espanha surgir numa altura em que a rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética na Europa está a tornar-se «cada vez mais tensa».

Em notícia datada de Madrid, a Agência Nova China afirma que as conversações de Gerald Ford com o generalíssimo Francisco Franco se realizaram nume altura em que «a situação na Europa merodional é instável».

«CONSPIRAÇÃO IMPERIALISTA»

TÓQUIO, 2 — (ANI) — O presidente norte-coreano Kim Il Sung declarou que o povo coreano «esmagará a conspiração imperialista das duas Coreias» com o apoio do Mundo — informou hoje a Agência Central de Notícias da Coreia do Norte.

Esta afirmação foi proferida na sexta-feira durante um banquete oferecido em sua honra em Nouak Chott, Mauritânia, que Kim Il Sung visitou.

Kim Il Sung acrescentou que o povo coreano esmagará também «as manobras dos imperialistas para a divisão permanente da nossa nação e conseguirá a reunificação independente do país com o activo apoio e encorajamento dos povos do Mundo».

VISITA AO LAOS

VIENTIANE, 2 — (R) — Philip Habib, subsecretário de Estado norte-americano para questões do Sueste Asiático e d Pacífico, chega hoje a Vientiane numa visita de 24 horas, coincidindo com um período de pressão exercida sobre comiatriotas seus que continuam no Laos.

Habib será recebido em audiência pelo primeiro-ministro neutral Souvanna Phouma, durante o dia de hoje, para conversações que espera foquem o futuro do euxílio norte-americano neste país.

VIOLÊNCIA NO LÍBANO

BEIRUTE, 2 — (R) — Foram ouvidos disparos em vários bairros de Beirute, às primeiras horas de hoje, após um fim-de-semana de paz podre.

O balanço trágico da onda de violência que tem assolado o Líbano atinge já, pelo menos, 110 mortos em duas semanas.

FAVOR DA C.E.E.

LONDRES, 2 — (R) — Quase três em cada quatro britânicos votarão para permanecer no Mercado Comum Europeu quando se realizar na quinta-feira o referendo, segundo revelam hoje os resultados de uma sondagem publicados pelo jornal «Sun».

O inquérito feito junto de 1539 eleitores mostrou que 61 pr cento eram a favor da Europa, 24 contra e 15 não tinham opinião.

O jornal diz que o número de mulheres a favor da continuação do país no Mercado Comum aumentara dos 52 por cento, há uma semana, para 58.

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

48 horas no Mundo

Onze mortos e quinze feridos é o balanço dos graves incidentes ocorridos no domingo na capital rodesiana. Ao que informam as agências noticiosas, militantes de duas organizações de libertação — o Z. A. N. U. e o Z. A. P. U. — envolveram-se em desordem num bairro negro. A Polícia interveio, disparando contra os manifestantes, do que resultaram cinco mortos e oito feridos. A agitação alastrou a mais três bairros negros, tendo-se registado incêndio e cenas de pilhagem.

Nova intervenção da Polícia: mais seis mortos e sete feridos. Não explicam as agências noticiosas a origem dos recontros entre as duas organizações nacionalistas Têm ocorrido ultimamente incidentes de extrema gravidade com estes movimentos, sem que as suas causas tenham ficado esclarecidas. Lembremos a morte de Herbert Chitepo (da Z. A. N. U.) na capital zambiana, e a prisão, pelas autoridades de Lusaka, de grande número de militantes do movimento de Chitepo. Recorde-se que a Z. A. N. U. é produto de uma cisão da Z. A. P. U. Ambos os movimentos são pró-socialistas e contrários a qualquer forma de racismo. No entanto, o primeiro (mais orientado para Pequim) prega a necessidade da confrontação imediata, enquanto o segundo (mais pró-soviético) é pela consciencialização das massas. Depois das esperanças suscitadas no Mundo pela aparente abertura da Rodésia ao diálogo, as autoridades de Salisbury procederam a um recuo, sendo-nos lícito supor — embora nenhuma informação tenhamos acerca disso — que as rivalidades entre os dois movimentos estejam a ser habilmente exploradas pelo regime racista. O facto de todas as notícias virem por intermédio de agências ligadas aos interesses neocolonialistas prejudica gravemente a compreensão do que acontece em África, na Ásia, na América Latina. A tentativa actualmente em curso de se criar uma agência noticiosa dos países não alinhados é um bom caminho para a descolonização da Informação.

Só esta descolonização poderá permitir o entendimento do que se passa com os povos colonizados.

A. N.

■ Um periódico soviético revelou que cientistas da U. R. S. S. provocaram duas explosões nucleares subterrâneas para estimular um maior afluxo de petróleo em jazidas já exaustas pelos métodos tradicionais.

■ O presidente Gerald Ford encontra-se presentemente em Salzburgo (Áustria) onde decorre a cimeira com o presidente egípcio, Anwar Sadat, depois de uma breve visita a Espanha.

■ À margem da cimeira da N. A. T. O. que decorreu em Bruxelas, os primeiros-ministros grego e turco tiveram uma conferência de três horas, no fim da qual selaram a sua reconciliação.

■ Segundo o «New York Times», o Irão requisitou pessoal norte-americano dos serviços secretos para constituir uma vasta rede de espionagem na área do Golfo Pérsico.

■ A U. R. S. S. acusou o secretário norte-americano da Defesa, James Schlesinger, de ignorar a política de desanuviamento do seu Governo e tentar continuar a manter a tensão no Mundo.

■ Cinco juizes de Cuzco (no Peru) foram afastados dos seus cargos por irregularidades em detrimento dos camponeses e a favor dos grandes latifundiários dessa região peruana.

NOVAS JORNADAS EM ESPANHA DE "LUTA PELAS LIBERDADES"

MADRID, 2 — (FP) — A Junta Democrática de Espanha lançou um apelo às associações operárias de Madrid e arredores, que se tinham manifestado quando da primeira jornada de «luta pelas liberdades» em 20 de Fevereiro passado, para organizarem nos próximos dias 3, 4 e 5 outras jornadas idênticas.

Estes novos «dias de luta pelas liberdades» atingirão o ponto máximo em 4 de Junho, dia que será assinalado por greves, paralisações, diminuição de cadências, greves das donas de casa nas suas compras, que também são convidadas a não enviar os seus filhos à escola.

A jornada de 20 de Fevereiro teve um sucesso mitigado embora fosse um êxito pela coordenação entre os numerosos grupos, muitas das vezes em oposição, e pela mobilização das forças da ordem que provocou.

Esta acção corresponde ao programa da Junta, tornado público em 11 de Abril passado, o qual preconiza movimentos populares democráticos não violentos, devendo culminar em dia aprazado numa greve geral colocada sob o signo da reconciliacão.

Em conformidade com as directivas da Junta, são as comissões de base dentro das comissões operárias que tomam a iniciativa do movimento. Mas parece, segundo várias fontes, que a comissão coordenadora da Junta tomou o comboio em andamento para tentar impor as suas directivas ao movimento.

Esta maneira de proceder foi apreciada diferentemente nas comissões operárias de algumas grandes empresas madrilenas, onde estão presentes — embora em minoria — elementos não marxistas.

Estes grupos censuram a Junta por querer ir ao «combate pelo combate», como em Fevereiro passado, com poucas esperanças de resultados concretos, a não ser de propaganda em seu próprio benefício. Por fim, estes elementos decidiram participar activamente, mas dando a conhecer as suas razões nas empresas em que trabalham, considerando muito vaga a palavra de ordem «luta pelas liberdades».

Uma outra tentativa de recuperação do movimento foi lançada pelos «sindicatos oficiais, onde uns 150 quadros da organização provincial anunciaram em 24 de Maio que desencadeariam um movimento de greve no dia 4 de Junho», se não fossem concedidas satisfações económicas que contrariem os efeitos da inflação. Desta vez, a Junta «trabalhou em grande». Não há empresa ou bairro onde não se esteja ao corrente dos «acontecimentos» desta semana. O aparelho de propaganda funcionou a fundo.

Ontem o jornal monárquico «ABC» indignava-se pela distribuição maciça nas caixas do correio de Madrid, atacando «o comunismo» instigador destas «desordens» em potência. Pelo menos num dos bairros da capital os propagandistas actuaram abertamente de dia, espalhando nas ruas numerosos panfletos.

Oficialmente não foi tomada qualquer medida especial, anunciando-se apenas que foi adiada de 4 para o dia 14 de Junho a corrida de touros da beneficência a que assistirá o general Franco.

Outro facto significativo foi um advogado ligado à Junta, dr. Raul Morodo, ter-se encontrado na sexta-feira passada com o conde de Barcelona a bordo do seu iate, ancorado em Palma. Em 11 de Abril um outro emissário da Junta já se tinha encontrado com o conde para lhe entregar um «importante documento», tornado público no próprio dia em Madrid e Paris. Tratava-se evidentemente do «programa de acção da Junta».

REVOLTA NA CADEIA

SIRACUSA, 2 — (R.) — Quatro presos esquerdistas conservavam hoje como reféns seis guardas, após uma revolta sangrenta numa cadeia desta cidade.

Os reclusos amotinados ameaçaram matar um guarda de hora a hora se não lhes for permitida a fuga — revelou a Polícia.

Os presos, para demonstrarem que falavam a sério, feriram gravemente um guarda da penitenciária.

Espectáculos

Crítica de Música

Mário Vieira de Carvalho

Da pesquisa estetica à acção revolucionaria

A tarefa da Revolução Cultural — istó é, a luta na frente ideológica, na cidade e no campo, nos locais de trabalho, nas escolas, nos centros mais desenvolvidos segundo os padrões do capitalismo monopolista ou nas regiões mais atrasadas dominadas ainda por uma espécie de terrorismo feudal — não nos deve fazer esquecer a necessidade de nos mantermos atentos à investigação pura, à pesquisa tecnológica, mesmo quando se trata de arte e, neste caso, de música. Não devemos deixar-nos cair no simplismo de rejeitar toda e qualquer experiência artística que, aqui e agora, não possa contribuir em cheio para o processo de dinamização cultural revolucionária do povo. É também através do estudo e da pesquisa, do intercâmbio de conhecimentos com os artistas de outros países, da assimilação crítica dos dados imediatos da cultura e da arte burguesas, mesmo nas suas formas aparentemente mais alienantes ou esotéricas, que os nossos criadores musicais hão-de encontrar, dialecticamente, face à realidade portuguesa, o seu próprio caminho, a sua própria originalidade, as características revolucionárias da sua intervenção. Para isso é, porém, necessário, que a realidade portuguesa e os objectivos revolucionários a atingir joguem de facto dialéticamente com todo esse apetrechamento teórico e prático da oficina do artista. É preciso, enfim, quebrar o ciclo vicioso que faz da arte dita «mais avançada» um objecto de consumo dos próprios intelectuais que a produzem.

A vinda a Portugal de Karel Goeyvaerts, um dos mais representativos nomes da moderna escola belga, director do estúdio electrónico de Gent (onde, por sinal, Peixinho produziu, em 1973, a «Elegia a Amílcar Cabral» e, em 1974-75, «Luíz Vaz» — um extenso poema electrónico sobre «Os Lusíadas»), enquandra-se nessa perspectiva de renovação da informação no plano oficinal e no plano estético, dos compositores, críticos, estudantes, instrumentistas e de um certo número de musicófilos portugueses. Karel Goeyvaerts veio a convite da Universidade Nova de Lisboa, para ministrar um curso e realizar alguns concertos e colóquios, tendo como tema central a sua obra.

No concerto a que assisti ontem no Conservatório ouviram-se duas obras: a Sonata op. 1 para dois pianos, na interpretação de Olga Prats e Jorge Peixinho, e «Parier sur huit chevaux» («Apostar em oito cavalos»), esta última composta em banda magnética. A peça de piano pertence nitidamente a uma linha «bouleziana», na sua estrutura rigorosamente determinada, serial e puntilhística. A segunda obra interessou-me muito mais, quer como discurso musical em si, quer como intenção expressiva, de feição lírica e dramática, ainda que Goeyvaerts tenha acentuado na sua explicação prévia os «elementos lúdicos». Do ponto de vista da estrutura da obra, esta «aposta em oito cavalos» tem que ver com as oito pistas sonoras em que ela se desenvolve: três pistas com sons electrónicos (obtidos directamente de geradores de som), um apista de sons improvisados no interior de um piano (portanto, com exclusão do teclado), uma pista com vezes femininas, outra com vozes masculinas, e uma última, também vocal, com «as notícias do dia». A obra comporta várias versões, conforme a grandeza do espaço em que é realizada. Numa sala como a de Conservatório, Goeyvaerts optou por uma versão para quatro pistas, veiculadas por outros tantos altifalantes, colocados nos quatro cantos da sala. Nesta versão, figuraram apenas as pistas com sons electrónicos e a pista com os sons improvisados do interior do piano, talvez precisamente aquelas em que a expressão lírica e dramática prevalece sobre o tal elemento lúdico.

Na sala viam-se umas vinte a trinta pessoas, entre as quais professores e estudantes do Conservatório, músicos e compositores. Lá estava, além de Jorge Peixinho e Olga Prats, Filipe Pires, Florinda Santos, Francine Benoit, Artur Santos, Clotilde Rosa, Manuel João Afonso, Luis Cília, etc. Foi portanto, um concerto para quem já estava «dentro da jogada». E não há mal nenhum nisso, à luz das considerações acima se fazem. O que é preciso é que esses professores e esses estudantes, esses músicos e esses compositores saibam aproveitar daí o que julgarem conveniente para, enquanto artistas, intervirem junto do seu povo e no centro do processo revolucionário. E se quiserem exemplos de que nada na música — nem mesmo a chamada «música electrónica» — é privilégio da burguesia ou de meia dúzia de intelectuais entendidos basta pensarem em Cuba, na Revolução Socialista Cubana. Que grande tarefa a de responder ao desafio!

CONCERTOS PELA ORQUESTRA GULBENKIAN E QUARTETO PARRENIN

O Quarteto Parrenin

Quase a atingir o seu termo, a temporada musical da Fundação Gulbenkian oferece-nos nos próximos dias 4 e 5 de Junho, às 18 e 30, dois acontecimentos de grande interesse artístico: na quarta-feira, dia 4, um concerto pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção de Michel Tabachnik, em que serão executadas a **Sinfonia Italiana** de Mendelssohn, a **Sinfonia Concertante em si bemol maior** de Haydn, e (em 1.ª audição absoluta) **Es Webt** de Emanuel Nunes; na quinta-feira, dia 5, um concerto pelo Quarteto Parrenin, preenchido com obras de Roussel, Debussy e Ravel.

Es Webt, a nova obra orquestral de Emanuel Nunes — um dos valores mais destacados da moderna geração de compositores portugueses — apresenta a particularidade de ter sido escrita com base na sobreposição de duas outras peças do mesmo autor: **Purlieu** para 21 cordas e **Dan Wo** para 13 sopros. Esta sobreposição havia sido prevista logo quando da composição das referidas peças, as quais aliás obtiveram caloroso acolhimento do público e da crítica na altura da sua estreia, ocorrida respectivamente em 1971 e 1973.

ALGUMAS NOTAS SOBRE O QUARTETO PARRENIN

Pelo que diz respeito ao Quarteto Parrenin, trata-se de um dos mais famosos agrupamentos de câmara da actualidade. Constituído em Paris, há trinta anos, em breve alcançava um lugar proeminente no panorama musical europeu. A sua apresentação do ciclo integral dos Quartetos de Bartók, em 1955, foi considerada o acontecimento mais importante da temporada parisiense. A gravação deste mesmo ciclo valeu ao conjunto Parrenin a conquista de um Grande Prémio do Disco.

Fiéis à tradição de um repertório que, de Haydn a Boulez, abarca todos os estilos e todas as épocas, os Parrenin estão regularmente presentes nos grandes festivais europeus. Têm actuado várias vezes na América do Norte e do Sul, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Japão e União Soviética.

Vítima de um trágico acidente, em 1970, o Quarteto tem vindo a recompor-se gradualmente. A entrada para o agrupamento de dois jovens artistas dotados de grandes possibilidades, dá-lhe novo impulso; a crítica volta a tecer ao Quarteto as melhores referências.

O Quarteto Parrenin inclui no seu reportório os ciclos integrais de Quartetos de cordas de Bartók, Beethoven, Alban Berg, Brahms, Honegger, Schoenberg, Schumann e Webern.

O Hot Club apresenta o catalão Tete Montoliu

O Hot Clube de Portugal (organismo que há 25 anos se dedica à divulgação não comercial do «jazz», vanguarda da música afro-americana) desta vez com a colaboração e apoio da Junta de Turismo da Costa do Sol traz a Lisboa, para uma série de concertos, o pianista Tete Montoliu.

Solista e acompanhante de excelente reputação aquém e além Atlântico, tido como um dos melhores pianistas europeus neste tipo de linguagem musical, nascido e a viver em Barcelona há 42 anos, Tete Montoliu nunca tocou em Portugal.

Há no entanto, quem afirme que Tete passou há uns anos completamente despercebido como acompanhante de Juan Manoel Serrat na Figueira da Foz.

Exclusivamente influenciado por grandes músicos negros norte-americanos, como Art Tatum, Bud Powell, McCoy Tyner, o nosso vizinho Montoliu, catalão cego e um pouco surdo, é um músico de muito boa técnica, preciso e decidido em solo, totalmente à vontade como acompanhante, dado que domina ao pormenor a forma, é íntimo do mundo emocional desta expressão sonora. Está «por dentro» desta música, como se costuma dizer «traiu» o seu passado cultural, é mestre numa música estranha à arte da sua região. Contrariando o regionalismo, a micromúsica, Tete prova que o jazz é uma via do internacionalismo musical, linguagem universal, e isto podem testemunhar músicos europeus e mestres americanos que o exigem como companheiro na criação colectiva: Ben Webster, Dexter Gordon, Anthony Braxton, Elvin Jones, Archie Shepp.

Tete Montoliu, «um dos seguedos de Espanha», como lhe chamou um crítico, vem a Lisboa proporcionar uma série de espectáculos de som.

Noites 4, 5 e 6 de Junho no Hot Clube de Portugal, Praça da Alegria, 39 em Lisboa, noite de 7 de Junho, no Pavilhão dos Congressos (ex-Casino) no Estoril.

"PIRIN" NO BARREIRO

A Associação Portugal-Bulgária (Núcleo do Barreiro) leva a efeito no dia 4 de Junho, pelas 21 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo da CUF, um espectáculo de danças e cantares da Bulgária, pelo conjunto Pirin.

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

A RAÇA DOS OPORTUNISTAS

A RAÇA DOS SENHORES
TÍTULO ORIGINAL: La Race des Seigneurs
REALIZAÇÃO: Pierre Deferre, 1974 (França)
ARGUMENTO: Pierre Granier Deferre e Pascal Jardin, segundo romance de Félicien Marceau;
MÚSICA: Philippe Sarde;
INTÉRPRETES: Alain Delon, Sydne Rome, Jeanne Moreau, Claude Rich, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Exclusivos **Triunfo;**
ESTREIA: Cinema Tivoli (28.5. 1975).

1. Pierre Granier Deferre fora, nos últimos anos, uma agradável surpresa no panorama demasiado pretencioso ou abúlico do cinema francês. Filmes como **O Gato, A Viúva Couderc, O Filho** ou **O Comboio** documentaram o trabalho seguro e sóbrio de um cineasta que conseguia impor um estilo e definir uma personalidade.

A Raça dos Senhores parece ser um passo em falso, ou, se se preferir, um passo atrás. Trata-se de uma obra totalmente falhada, de um ponto de vista estilístico e bastante ambígua (pelo menos) num plano ideológico e político.

Como estrutura narrativa **La Race des Seigneurs** é particularmente ridículo, assemelhando-se perigosamente ao toucinho entremeado: uma dose de política, uma dose de amor e sexo, uma dose de política, outra de sexo e amor. Se aqui tivéssemos a liberdade dos «anarcas» nas paredes de Lisboa, poderíamos dizer que Julien Dandieu estava possuído pela febre do poder e do... Bom, basta de jogo de palavras e prossigamos na análise da obra.

Pois Julien Dandieu (Alain Delon) é o secretário-geral do P.R.U. (Partido Republicano Unificado) e principia o filme por receber do presidente da República francesa, que vai formar governo, o convite para se ocupar de um ministério. Mas, para aceitar a oferta, Julien necessita do apoio do seu partido que não está disposto em colaborar com a «maioria». Afirmam algumas vozes que **associar-se à «maioria» no Senado será ser assimilado.** Julien vai, portanto, ter que mexer os cordelinhos, por portas e travessas, para conseguir o que quer: o ministério e, através dele, quem sabe, o início de uma triunfal carreira.

Enquanto nas sequências ímpares se vai desenvolvendo essa corrida política contra relógio, nas sequências pares Julien vai recordando o seu amor, Creezy (Sydne Rome) um manequim vedeta que aparece invariavelmente despido. Mas, para além dessa amante, Julien tem uma vida particular fértil em peripécias: uma mulher legítima, numa casa de saúde; um filho de 17 anos, nos combates de rua contra a polícia; uma velha mãe; e para além de tudo isto, Renée (Jeanne Moreau), viúva de um antigo **leader** do P.R.U., que se apresta a tomar o lugar de Creezy, em troca de uns pequenos favores pessoais. Como se pode calcular, Julien é um megalómano, mas é igualmente um homem sem descanso.

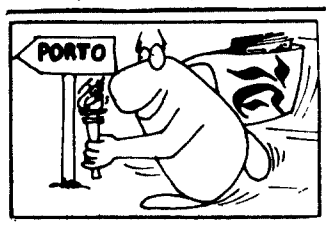
Ora o filme parece querer demonstrar que a vida particular e a vida profissional são inconciliáveis, porque a solução para todos os problemas que Julien atravessa resolver-se-iam se, em lugar do lugar de ministro, ele preferisse uns dias à beira-mar com a bela Creezy. Também pode querer dizer que Julien é um ambicioso que não recusa uma traição por uma recompensa. Ou ainda que a democracia burguesa, dita parlamentar, é uma merda, feita de pequeninas e grandes pulhices. Mas tudo isto é de tal forma mal conseguido e mal desenvolvido que o melhor será pensar, simplesmente, que Pierre Granier Deferre se espalhou, pelo menos desta vez. O resto a ver vamos.

OH! CALCUTTA!
TÍTULO ORIGINAL: Oh! Calcutta! (Oh, quel cul que t'as!)
REALIZAÇÃO: Jacques Levy,
MÚSICA E LETRAS: Robert Dennis, Peter Schickele e Stanley Walden,
INTÉRPRETES: Raira Barratt, Samantha Harper, Bill Macy, Gary Rethmeter, Nacy Tribush, **etc.**
DISTRIBUIÇÃO: Sofilmes;
ESTREIA: Cinema Império (22.5.1975)

Versão repugnante de um espectáculo musical que percorreu algumas das principais capitais americanas e europeias. **Oh! Calcutta!**, tal como nos é apresentada em cinema, é mil vezes piores que qualquer das piores revistas portuguesas. O Vilhena português (cuja graça pode por vezes ser pelo menos discutível, mas que até sabe escrever quando quer..) seria genial ao pé disto.

Cinematograficamente, **Oh! Calcutta!** é um perfeito vómito. Parece um filme captado em **video**, a cores, ou rodado clandestinadamente em 16 milímetros e posteriormente ampliado para 35, com aplausos e gargalhadas **off**, como nas séries de televisão. Tudo isto com uma cor leitosa e delambida que faz mal aos olhos. Depois, passa-se tudo num palco, a câmara à frente, tal como se se tratasse da transmissão de um espectáculo teatral, por dia TV. Que os senhores e as senhoras apareçam nus e que ao longo dos diálogos abunde o calão, eis o que não nos preocupa. Que isto tudo não esteja ao serviço de nada, que tudo isto nos seja apresentado pela forma como é, isso sim, é que nos preocupa.

Os nus e o calão não são vergonhosos; o que é vergonha é a mediocridade dos responsáveis por este espectáculo.



Televisão

OPERAÇÃO MAIO-NORDESTE

LEVAR A ARMA DO TEATRO AO VERDADEIRO CAMPO DE BATALHA (1)

Acompanhámos, durante o último fim-de-semana, o Teatro Independente de Loures (ex-TAB) que se deslocou à região de Bragança para participar na Operação Maio-Nordeste, uma das mais importantes e complexas campanhas de dinamização efectuadas pelo M.F.A., como o «D/L» tem referido por intermédio dos nossos camaradas Lurdes Féria e Augusto Vilela. Partimos de Lisboa convencidos de que a nossa viagem pouco mais seria do que um passeio turístico, por ser demasiado restrito o tempo de que dispunhamos. Ao iniciarmos a redacção destas notas, não só nos sentimos inibidos de fazer o balanço da viagem numa perspectiva puramente turística como não temos dúvidas em afirmar que estas 18 horas transmontanas constituíram uma experiência fundamental. E isto não pelo facto de dificilmente se poder considerar turístico passar 30 horas, em 60, num autocarro, e praticamente não dormir 2 noites, em 3, mas sim porque tivemos a possibilidade de verificar, no próprio tecido vivo que o constitui, o significado da expressão *país real*, e de analisar, embora inevitalmente de forma não sistematizada e incompleta, a capacidade do teatro em penetrar nesse tecido, em fornece-lhe novos meios de resistência e de renovação.

Não podemos pretender transmitir aos leitores o que houve de radical nestes encontros de um grupo de teatro, que não se situa nos parâmetros do Monte Carlo e da Brasileira, com algumas centenas de pessoas que, na sua maioria, nunca tinham visto teatro, nem o que houve de comovente nessa osmose que se estabeleceu instantaneamente entre pessoas que aparentemente nada ligava (a própria linguagem por vezes surgia desfasada) a não ser a vontade, que verificámos mútua, de um re-conhecimento que participava sicultaneamente do humano, do social, do político e do lúdico. Talvez exageremos mas se o fazemos não é por nós, se dissermos que tivemos a sensação de estar a viver qualquer coisa de que, aliás, só temos conhecimento literário: de estarmos, em algumas horas, a viver, quatro dezenas de anos mais tarde, a aventura que Lorca viveu com «La Barraca». Ao vermos algumas fotografias dessa maravilhosa aventura de teatro popular, e ao compará-las com as imagens que tivemos à nossa frente, os mesmos elementos ressaltam: o mesmo povo (embora outro) absorvendo alegre, atenta e serenamente, as facécias que os cómicos idos da c i d a d e longínqua lhes tinham levado.

Se nos pedissem uma síntese de carácter político sobre este breve contacto com uma zona limitada do Nordeste, diríamos que o processo revolucionário que se iniciou com o 25 de Abril se situa política e sociologicamente à margem desse povo, e que não poderá esse processo ser autêntico e profundo como se deseja, nem poderá conquistar a vitória integral que se pretende, se não conseguir dominar essa marginalização de forma a que todo o Povo Português, desde o lisboeta hiperpolitizado ao camponês que não sabe ler de Trás-os-Montes, nele inteiramente participe. Seja ele próprio esse processo. Diremos, por outras palavras, que o processo revolucionário surge mutilado através de um dos mais poderosos vícios da sociedade portuguesa: a macrocefalia. Que o M.F.A. tem consciência da gravidade da situação prova-o o simples facto de ter metido ombros à tarefa gigantesca de transformar este país através das campanhas de dinamização (que alguns sectores políticos se permitem atacar!), das quais esta operação Maio-Nordeste contitui um dos seus pontos mais ambiciosos. Não basta, contudo, que o M.F.A. o faça: o M.F.A. não pode (nem deve) fazer tudo. Todos nós (pelo menos aqueles que acreditamos na possibilidade de fazer uma revolução neste país) temos, mais do que uma palavra a dizer, uma tarefa a desempenhar. Teremos, para isso, que combater a tendência acomodatícia e imbecilizante, que tolhe a nossa boa-vontade, para perder tempo em falácias de salão (quer seja, por exemplo, a má-língua das assembleias sindicais de teatro; quer seja, outro exemplo, discussões bizantinas sobre se devemos descer ao povo ou se o povo deve subir até nós; quer seja um terceiro exemplo, desgastar energias em casos como o da «República»). Teremos, para isso que arregaçar as mangas — como possivelmente diria o Primeiro-Ministro — e trabalhar a sério.

Desde Abril de 1974, e mais concretamente no recente Congresso de Escritores, um dos pontos quentes das nossas discussões, é o que diz respeito à participação dos intelectuais no processo revolucionário. O dilema que citámos acima, dessa participação obrigar o intelectual a **descer** ao povo, ou implicar um esforço no sentido de criar condições para que o povo **suba** ao intelectual, parece-nos, agora mais do que nunca, um absurdo. Bastam alguns momentos de contacto com o povo, encarnado em dezenas de pessoas cujas condições infra-humanas de vida não implicam nenhuma espécie de desumanização ou de degradação, para o verificar. O que acontece é que esse contacto se situa a um mesmo nível, por assim dizer, antropológico, pelo simples facto de que nem o analfabetismo nem a elementaridade de experiências sociais e culturais nem a ignorância dos maquinismos políticos e económicos i m p l i c a r qualquer espécie de inferioridade por outro lado nem o facto de se ter alfabetizado de se tratar Marx por tu, de se conhecer os mecanismos socio-históricos, de se poder explicar o que é uma coop erativa confere qualquer espécie de superioridade. As pessoas encontram-se numa outra espécie de terreno. Para isso, basta querê-lo; basta ter a inteligência suficiente para cada um se situar nesse terreno. Por isso, poderemos dizer que esta experiência valeu para nós, sob o ponto de vista humano (se é que esse ponto de vista permanece aceitável), como o reconhecimento de um terreno cuja geografia os anos citadinos nos tinham feito esquecer quase totalmente.

Nada do que verificámos constitui novidade. Simplesmente, como uma revolução é sempre original (e muito mais rica) em relação ao que sobre as revoluções se aprendeu nos manuais, também uma experiência deste tipo, mesmo tão modesta como foi a nossa, contitui na prática qualquer coisa de único, como um organismo vivo cuja imitação artificial é sempre empobrecedora.

Falávamos da necessidade de todos nós nos inserirmos neste processo de dinamização que deve atingir todos os domínios e todos os pontos do País. Para isso, contudo, competirá ao M.F.A. impor (a palavra não nos assusta) um tipo novo de comportamento àqueles que possam ser úteis na concretização desse objectivo. Como já calculávamos, o teatro é um instrumento estraordinariamente fecundo e eficaz, para abrir caminho nesse sentido. Devemos, pois, começar por aí, ultrapassando, ao mesmo tempo, o impasse em que vive o teatro português. Na nossa opinião, a nova política do teatro — aliás, neste momento em discussão pública — deverá ter em conta prioritariamente a necessidade de conferir ao teatro a função de arma ao serviço da revolução. Propomos que cada trabalhador de teatro (que cada intelectual) se transforme num soldado apto a fazer fogo não apenas sobre a reacção, também sobre o atraso em que vive, a todos os níveis, grande parte do povo português. Vamos pôr de parte, por agora, a legítima ambição do perfeccionismo, vamos deixar o trabalho (necessário) de laboratório, vamos abandonar por algum tempo as audiências cómodas de amigos, inimigos e adjacências — para sermos simplesmente a chave que aperta um parafuso da revolução. Vamos — todos nós (autores, actores, encenadores, técnicos, críticos). Há um mundo de coisas para fazer, e até acontece o seguinte: esse mundo é o nosso mundo e essas coisas podem ser maravilhosas.

O T.I.L. (Teatro Independente de Loures, exTAB) apresentou dois espectáculos com a peça de Jaime Salazar Sampaio, encenada por Carlos Paniágua, «A Inauguração da Estátua». Como escrevemos no comentário ao espectáculo, o problema fulcral da peça é o problema do papel do intermediário na agricultura portuguesa. Compreende-se que o próprio tema bastaria para alertar os responsáveis das campanhas de dinamização do M.F.A. sobre o interesse em integrar o espectáculo numa operação em que esse tema interessa tão claramente. Acresce ainda o facto de o espectáculo constituir uma experiência de teatro popular em que sendo teatro didáctico é ao mesmo tempo teatro de divertimento. Este estatuto ambíguo — numa acepção fecunda dos termos — deu admiráveis provas neste duplo teste. As centenas de camponeses que assistiram aos espectáculos, na sua maioria ou nunca tinham visto teatro, ou tinham visto um ou outro grupo de saltimbancos há já muito tempo (alguns conheciam aquilo a que chamvam filmes a correr; numa das aldeias que visitámos nem sequer havia televisão). Por isso, decobriam ao mesmo tempo a magia do teatro e o facto de essa magia conter ensinamentos que abriam novos horizonte às suas vidas.

Podemos dizer — lamentando que para a maioria desses espectadores, esses novos horizontes já não estão ao seu alcance, por serem eles demasiado velhos para poderem atingi-los — nem por isso este acto de convívio, esta descoberta mútua da alegria e da liberdade, esta operação de desbloqueamento de relações humanas, que estes espectáculos constituíram, deixaram de ser qualquer coisa de muito importante.

CARLOS PORTO

JORNADAS DE TEATRO DE VIGO

Inicia-se hoje, 2 de Junho, em Vigo, as Jornadas de Teatro que desde há alguns anos se efectuam naquela cidade galega. As Jornadas prolongam-se por uma semana e incluem espectáculos e colóquios. A sessão inaugural estará a cargo do crítico de teatro do «DL» que falará sobre o teatro português antes e depois do 25 de Abril. Entretanto, os organizadores das Jornadas — o Teatro Popular Keyzan — tentam ainda a inclusão de um grupo português.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 44/75

CONCESSÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO PARA A OCUPAÇÃO COM BARRACA DESTINADA À VENDA DE SUMOS DE FRUTAS, NA PRAÇA LUÍS DE CAMÕES

Processo n.º 5/75/HP/DSTE

Faz-se saber que no dia 18 de Junho de 1975, às 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição - Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171 (a Alcântara) a hasta pública supra.

As condições serão publicadas no «Diário Municipal» e o processo encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida Repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 21 de Maio de 1975.

O PRESIDENTE
DA COMISSÃO
ADMINISTRATIVA

Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

ANO SANTO em ROMA
1 SEMANA
PARTIDAS:
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
Julho 3, 10, 17, 24 e 31
Agosto 7, 14, 21 e 28
Setembro 4, 11, 18 e 25
Preços excepcionais desde* 5.200$
INCLUINDO:
● Viagem em avião a jacto DC9
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita turística de Roma
● Taxas hoteleiras
● Acompanhante abreu
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telef 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados 207 • Telef 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota,2 • Telefs 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar,65 • Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Hoje

I PROGRAMA

19.00 **TV Juvenil** — «Marco Polo» 1.º episódio
19.25 **O Mar é de Todos** — documentário
19.55 **Teledesporto**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Antologia** «O Cancro». Uma obra de Eugene McCaba. Produção e realização de Deirdre Frisl. Intérpretes J.C.Devlin, Louis Rolston, Wesley Murphy e Dennis Brennan.

A guerra civil na Irlanda do Norte (superficialmente conhecida como uma «guerra de religiões»), todos os dias nos jornais desde 1969, data em que recomeçou, não tem sido tema vulgar no cinema, no teatro ou mesmo na TV, abstraindo, claro está, as reportagens de actualidade. E, todavia, é um conflito que se mantém aqui ao pé da porta, em plena Europa. «O Cancro» é o primeiro trabalho dramático para TV inspirado nos acontecimentos da Irlanda do Norte. Escreveu-o Eugene McCabs, realizou-o Deirdre Frial e a produção é da RTE (Radiotelevisão Irlandesa). Trata-se, pois, de uma obra integralmente concretizada, em termos de espectáculo televisivo, por quem está nas fronteiras físicas e sentimentais de um dos graves problemas da história contemporânea. Dinny e Joady MacMahon são agricultores, católicos e pobres. Sobrevivem nas suas parcas terras, à força. O futuro está para eles parado, como uma larga pedra inamovível. Mas, à força, sobrevivem. Até que Joady, com um cancro, se encontra à beira da morte. A amargura quotidiana vê-se nele substituída por um profundo receio, um medo íntimo. O mesmo não acontece, porém, com Dinny. A sua enfermidade é o ódio. Surdo, permanente. O filme que preenche esta «Antologia» não mostra a violência literal, visível a olho nu. É uma violência de tensões que remontam longe, de um ódio que não pode deixar de existir «nesta» Irlanda. O cancro é isso.

22.15 **Concerto para Piano e Orquestra de Ravel** Pianista: Leonard Bernstein. Gravação no Royal Convent Garden.
22.55 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e o episódio da nova série filmada **«Karino»**
20.25 **Desenhos Animados**
20.40 **Vivendo o Futuro**
21.00 **Escrever é Lutar**
21.15 **Teatro** — «No Alto Mar». Um original de Slawomir Mrozec na tradução de Fernando Gusmão. Cenários de Moniz Pereira. Produção: Grupo 4-Sociedade de Autores. Encenação de Fernando Gusmão. Realização de Pedro Martins. Intérpretes: Rui Mendes, João Lourenço, Morais e Castro e Gilberto Gonçalves.
22.20 **Telejornal** em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
23.00 Fecho

DESTAQUES
I PROGRAMA
Antologia (21.00)
II PROGRAMA
Escrever é Lutar (21.00)
Teatro (21.15)
SIEMENS
ESTORIL

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Desenhos Animados; **13.00**: Comida, Dinheiro e Saúde; **13.30**: Telejornal; **13.45**: Série filmada «Fish»; **14.10**: Logo à Noite; **14.20**: Ciclo Preparatório TV — Educação Religiosa; **14.45**: Português; **15.10**: Educação Visual; **15.35**: Educação Física; **16.00**: Iniciação à Língua Portuguesa; **16.25**: Ciências da Natureza; **16.50**: História e Geografia; **17.15**: Português; **17.40**: Trabalhos Manuais; **18.05**: Iniciação à Língua Portuguesa; **19.00**: TV Infantil «Volta ao Mundo em 80 Dias»; **19.30**: Dó, Lá, Si; **20.00**: Relatório Internacional; **20.30**: Telejornal; **21.05**: «Resistencia» — com Ulrich Thein e Monica Gabriel; **21.40**: A Gente que Nós Somos; **22.55**: Telejornal; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Fish»; **20.25**: Desenhos Animados; **20.40**: Comida, Dinheiro e Saúde; **21.05**: Noite de Cinema. — «O Beco», de Roman Polansky, com Françoise Dorleac, Donnald Pleasance e Lionel Standard; **22.45**: Telejornal; **23.15**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Nacional

ACADEMIA MILITAR ABERTA ÀS MULHERES

— anunciou o general Carlos Fabião

Continuação da pág. 1

meu apoio incondicional como sempre contou. Nunca neguei nada a esta casa, e o general Pinto Soares sabe porque eu já lhe prometi, os apoios de que ele precisar, no sentido de que nós vamos realmente produzir aqui gente capaz, gente com possibilidades de se pôr desinteressadamente ao serviço do seu povo e de construir a tal sociedade socialista por que esse povo aspira e que esse povo acredita que nós sejamos capazes de fazer. É uma responsabilidade muito grande. Todos os alunos daqui serão a seu devido tempo inseridos no processo. Para já eles têm que formar o espírito desta Academia. É um trabalho colectivo de alunos e de professores. E vocês sabem perfeitamente que todas as universidades marcam pelo espírito que nelas reina. Nós não temos ainda formado um verdadeiro espírito universalista e humanista dentro desta universidade militar. Vamos formá-lo. Além disso vamos começar a caldear aqui a ligação entre os vários ramos das Forças Armadas.

. . O Exército e a Força Aérea formaram-se aqui conjuntamente e vão continuar a formar-se. Segundo suponho já no próximo ano a Marinha também colocará aqui os seus alunos dos primeiros anos, isto é, virão aqui também fazer o princípio da sua preparação antes de passarem à Escola Naval. É esse o seu desejo. Penso tìmbém para o ano abrir esta universidade a raparigas uma vez que este processo é um processo que deve envolver todo o povo português. É uma autêntica revolução aquilo que vai ser processado dentro da universidade militar, de dentro da nossa Academia Militar.

. E mais adiante.

. «Estamos em estreito contacto com o M.E.C. para nos dar as equivalências dos cursos que aqui se processam. De maneira a que todos os rapazes que daqui saiam, o façam com uma preparação equivalente às universidades civis. Eu dizia equivalente, mas não. Tem que ser superior. Nas universidades civis talvez não seja ainda possível fazer-se o socialismo integral. Eu aqui posso realizá-lo.

«Poderei meter dentro desta Universidade aqueles que realmente estejam dispostos a servir a sua Pátria desinteressadamente.

«Posso meter operários, camponeses, quem quiser. O ensino aqui é gratuito como vocês sabem. Portanto eu não sou obrigado a meter aqui dentro quem desejar mas sim quem eu desejo, quem eu saiba que realmente oferece as garantias de pôr acima dos seus próprios interesses, de se pôr ao serviço do Povo de que venho».

Assistiram à cerimónia o general Otelo Saraiva de Carvalho, o capitão Vasco Lourenço e dezenas de oficiais da Academia Militar.

Usando também da palavra no decorrer da cerimónia o general Pinto Soares afirmou:

. «Sempre tive em conta que, em cada militar estará sempre o Movimento das Forças Armadas e não o militar em si, e que os seus actos e atitudes jamais poderão prejudicar a pureza das intenções desse M.F.A. quando elas, em síntese respeitam ao nosso Povo e ao nosso Portugal».

Apresentou o brigadeiro Francisco Maia Balacó como o primeiro classificado do seu curso e um dos melhores alunos que porventura terão passado por bancos de universidades, agora investido no cargo de segundo comandante. Salientou que se sentia mais satisfeito ao saber que a escolha do brigadeiro Balacó correspondia ao desejo da maioria dos camaradas da Academia Militar e prosseguiu: «Quando na preparação do 25 de Abril teve pela primeira vez lugar nesta casa, algures num quarto de um dos edifícios, o primeiro encontro bilateral entre o Exército e a Força Aérea, aqui vim encontrar como porta-voz da Força Aérea o major Balacó. Nunca nos ocorria que as circunstâncias mais tarde nos trariam ao desempenho das actuais funções. Desejamos continuar a servir o processo com o mesmo entusiasmo de então e sem quaisquer outros interesses que não exclusivamente os da Revolução».

E prosseguiu:

. «Sei que só posso e deverei ser um coordenador de esforços internos. Sei que esses me conduzirão às decisões que serão resultado de vontades colectivas. Por isso também espero e exigirei, com lealdade o digo, o maior senso, esforço e sacrifício de todos, alunos, oficiais, professores, sargentos, soldados e civis. Fá-lo-eincerto de que terei de responder pelos futuros oficiais que o Povo espera venham a ser os continuadores da Revolução Socialista já iniciada. Tenho consciência dos meus 32 anos e de que por tal o meu espírito corresponderá ao de um major que sou mas estou seguro de que exigirei o respeito pela função que só por ela me vejo temporariamente elevado a general. Espero que à mesa do Conselho da Revolução o meu contributo enriqueça a procura de soluções e aprendizagem que agora também aqui farei convosco. Criarei condições para constante enriquecimento, político, cultural e técnico militar e colherei também frutos destas mesmas condições. Serei intransigente na manutenção de apartidarismos políticos como condição obrigatória de respeito pela isenção do Movimento das Forças Armadas. Por fim espero que, quando no vosso entender perder a capacidade de luta e dignidade de todos quantos aqui estejam nesta casa, Academia Militar, no que respeita a militares ou civis vos leve a propor o meu afastamento».

PRESOS DO M.R.P.P. EM GREVE DA FOME

Arnaldo Matos, secretário-geral do M.R.P.P. e Fernando Rosas, igualmente do Comité Lenine (Comité Central do M.R.P.P.), iniciaram anteontem uma greve da fome pela sua libertação imediata e incondicional, segundo informa a Comissão de Imprensa daquele movimento.

Ao contrário da quase totalidade dos outros presos transferidos para Pinheiro da Cruz, Arnaldo Matos e Fernando Rosas ficaram retidos na prisão de Caxias.

As mulheres, em número de 59, permanecem detidas em caxias. Segundo informação da A.F.A.P. entraram também em greve de fome, a qual só terminará quando duas delas, uma com ataques epilépticos contínuos e outra com traumatismo craniano, sejam transferidas para o hospital de Santa Maria.

A permanência destes presos no Forte de Caxias levou ontem a uma concentração de familiares junto à prisão com o intuito de conseguirem visitas. Tal não foi possível.

Cerca de 200 pessoas, na sua maioria familiares, também estiveram ontem às portas da prisão de Pinheiro da Cruz, afim de visitar os elementos do M.R.P.P. ali encarcerados.

Segundo informações prestadas pela A.F.A.P. (Associação dos Familiares dos Antifascistas Presos) as visitas não foram permitidas.

Os militantes e simpatizantes do M.R.P.P. ocupam dois dos quatro pavilhões, e estão todos em celas individuais.

PROTESTO DE NOVE ADVOGADOS

Um grupo de nove advogados tentou avistar-se, sábado passado, no quartel-general de Lisboa, com o general Otelo Saraiva de Carvalho, com o fim de protestar contra o facto do dr. Roque Laia, advogado constituído de alguns dos detidos, ter sido impedido de contactar com os presos e com o oficial responsável pelo Forte de Caxias.

Perante a recusa do general em recebê-los, o dr. Roque Laia apresentou um novo documento de protesto.

Também a A.F.A.P. dirigiu uma carta ao ministro da Justiça, protestando contra aquilo que considera «ilegalidades» nas acções desenvolvidas pelo Copcon na noite de 28 de Maio, contra as sedes do M.R.P.P. e contra algumas outras organizações legais, Associação da Amizade Portugal-China, livraria Vento Leste, sede do jornal Yenan e Associação dos Estudantes de Direito.

Estudantes da Faculdade de Direito enviaram um telegrama ao Presidente da República, Conselho da Revolução e ministro da Educação exigindo a libertação dos seus colegas presos e a suspensão dos mandatos de captura contra outros estudantes. Protestam também contra a entrada do Copcon naquela Faculdade na noite de 28 de Maio e manifestam a sua confiança na D.P.A. (Direcção Provisória da Associação) e no Conselho de Gestão, democraticamente eleitos.

MANIFESTAÇÃO DE HOJE

O M.R.P.P. mantém a convocação de uma manifestação para hoje, pelas 19 e 30, no Rossio, contra «a presença da N.A.T.O. nas águas portuguesas, contra o imperialismo e o social-imperialismo, pela independência nacional».

No sábado, à noite, efectuou-se um comício do M.R.P.P., dedicado fundamentalmente às prisões de militantes e simpatizantes daquele movimento.

JORGE CAMPINOS

. O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Jorge Campinos, chegou esta manhã a Bucareste, para uma visita oficial à Roménia. Foi convidado pelo ministro romeno dos Negócios Estrangeiros, George Magovescu — anuncia a agência romena «Agerpres».

RESPONSABILIZADO O M.P.L.A. PELOS INCIDENTES EM ANGOLA

. . A Comissão Nacional de Defesa de Angola, que reuniu extraordinariamente para analisar os incidentes em Cuanza-Norte e no Caxito, atribuiu ao M. P. L. A. a responsabilidade pelos mesmos, acusando o Movimento de «premeditação» e anunciando a possibilidade de virem a ser usados «meios aéreos» e forças especiais» para pôr cobro à situação criada.

. . Eis o texto do comunicado da Comissão:

. . «1. Os incidentes que ocorreram em Abril e Maio levaram a Comissão Nacional de Defesa, na execução da missão que lhe compete, a deliberar determinadas medidas já divulgadas, que visavam o restabelecimento da calma no país. O objectivo pretendido poderá dizer-se que foi atingido.

2. Durante as reuniões em que se discutiram as razões de tais incidentes, concluiu-se da necessidade de se vir a efectuar, com a brevidade possível, reuniões de cúpula, ao nível dos três presidentes dos movimentos de libertação, nas quais fosse possível encontrar melhores plataformas político-militares, para firmeza do processo de descolonização, que só pode ser conduzido com êxito se for efectivado em clima de paz, e com a participação leal e efectiva das quatro forças em presença.

3. Uma vez verificada a possível pacificação, em Luanda e em outros locais, onde se haviam verificado incidentes (sobretudo entre forças do M. P. L. A. e da F. N. L. A.), iniciaram-se os contactos preliminares imprescindíveis para que os primeiros responsáveis dos movimentos de libertação concluíssem da necessidade dessa «cimeira», e, em consequência, fixassem a agenda dos trabalhos e decidissem do local e data de tal ecnontro, tão ansiosamente esperado.

4. Quando tudo parece encaminhado, agora da melhor maneira, para a consecução do pretendido, e quando ainda mal são conhecidos os spelos à calma, que, com suposto fundamento, a Comissão Nacional de Defesa divulgou, irrompeu nova onda de violência nas áreas do Caxito e do Cuanza-Norte.

5. Este surto de violência foi mais ou menos simultâneo, em toda a zona atrás referida, foi desencadeado pelo M. P. L. A. contra a F. N. L. A., e poderá dizer-se que:

. a) Veio afectar profundamente todo o clima de entendimento laboriosamente conseguido, e que é essencial para a realização da almejada «cimeira».

b) Perturbou toda a população da área afectada, entre a qual há a lamentar mortos e feridos, alguns dos quais civis inocentes.

c) Afectou profundamente a economia da área, com reflexos que se não podem, de momento, avaliar mas que serão sem dúvida graves.

d) Provocou uma maior insegurança e instabilidade nas populações, às quais os primeiros responsáveis pelos movimentos de libertação vêm lançando sucessivos apelos, no sentido de se manterem nos seus postos de trabalho, cooperando na construção deste país.

6. A Comissão Nacional de Defesa, reunida em sessão extraordinária, no dia 29 de Maio, imputa a responsabilidade destas acções ao M. P. L. A., até porque, pelas características em que se desenvolveram, parece terem sido premeditadas e com comandamento único, e divulga que se vão considerar medidas de emergência, que poderão culminar com a utilização de forças especiais para fazer face à situação, incluindo o emprego de meios aéreos.

TOTOBOLA A CHAVE

Chaves - Sanjoanense	1
Gil Vicente - Famalicão	1
Vilanovense - Braga	X
Salgueiros - Varzim	1
Feirense - U. Coimbra	1
Oliveirense - Régua	1
T. Novas - Almada	1
Sintrense - Caldas	1
U. Montemor - Montijo	1
Peniche - Esteril	1
Odivelas - E. Portalegre	1
Lusitano - União Leiria	X
C. Piedade - Sesimb.	1

PRIMEIRA VÍTIMA DO AUMENTO DAS TARIFAS DOS CORREIOS

O "DIÁRIO DO ALENTEJO" SUSPENDEU A PUBLICAÇÃO

BEJA, 2 — O «Diário do Alentejo» foi o primeiro jornal a interromper a sua publicação, por não poder «suportar as novas tarifas dos C.T.T.». Para este diário de Beja, a subida das tarifas dos C.T.T. significa um aumento de encargos (avenças) de 2 para 40 contos mensais.

Com um agravamento nos encargos de 900 por cento, a administração do «Diário do Alentejo» decidiu interromper a sua publicação ontem, precisamente no dia em que completava 43 anos.

Mais de 60 trabalhadores que ali trabalham estão em risco de ir para o desemprego. A menos que, tal como sugeria a Associação da Imprensa Diária, «a portaria seja suspensa imediatamente no que se refere aos encargos das avenças aos jornais» e pedia «providências imediatas para que não venhamos a lamentar prejuízos irreparáveis».

REABERTURA DE PROCESSOS

. Um decreto-Lei oriundo do Conselho da Revolução estabeleceu que, no caso de serem detectados processos envolvendo membros da extinta Legião Portuguesa em que estes tenham sido isentos da pena ou havidos como tendo agido en legítima defesa por virtude do revogado Decreto-Lei n.º 44 062, seja a matéria processual reaberta obrigatoriamente.

Desporto

NACIONAIS SECUNDÁRIOS CHEGARAM AO FIM

O JOGO DO SOBE E DESCE JÁ TEM PROTAGONISTAS

Se algum interesse tinham as últimas jornadas dos campeonatos nacionais da 2.ª e 3.ª divisões, era o saber-se quais os clubes que desceriam ou subiriam de divisão, bem como aqueles que, por obrigação regulamentar, teriam de prolongar a época futebolística, Junho e Julho dentro. Com a realização (ontem) das últimas jornadas destes campeonatos secundários, tudo ficou a conhecer-se; o jogo do sobe e desce, conhece enfim os seus protagonistas...

Na segunda divisão nacional já se sabia que o Estoril tinha assegurada a sua presença no campeonato maior, na próxima época; e também que o Barreirense teria de prolongar o esforço para discutir com o Oriental, o Cacadémico eo segundo classificado da zona Norte, o direito de subir à divisão maior. Na zona Norte é que as coisas estavam mais complicadas: o Braga necessitava de um ponto para a subida automática, enquanto que o Beira-Mar, para usufruir dessa vantagem, teria de vencer o seu último encontro e esperar que o Braga não conquistasse um ponto que fosse no campo do Vilanovense. Mas, a turma de Hilário conseguiu um empate em Vila Nova de Gaia, pelo que lhe pertence o primeiro lugar na zona e a subida automática; ao Beira-Mar, resta o torneio de competência.

Em função de um campeonato que não lhes terá corrido da melhor feição, descem à terceira divisão: na zona Norte, Tirsense e Oliveirense; na zona Sul, Cova da Piedade e Odivelas ou Torres Novas: tudo depende da resolução de um protesto sobre o encontro Torres Novas-Estrela de Portalegre. É pena que, na hora de tudo estar esclarecido, haja ainda um diferendo para resolver. Uma acha para a tradicional fogueira de fim de época...

Entretanto, ficaram apurados para disputar a «liguilha» entre clubes da 2.ª e 3.ª divisões, os seguintes clubes Vilanovense e União de Coimbra (na zona Norte) e Torres Novas (ou Odivelas) e União Sport (de Montemor).

3.ª DIVISÃO

Na terceira divisão também quase tudo ficou resolvido: sobem ao escalão imediato os vencedores de cada uma das séries, ou sejam, Paredes, Sporting da Covilhã, União de Santarém e Esperança de Lagos. Descem ao campeonato distrital as seguintes 16 equipas, havendo que apurar (ainda) quais as duas que se lhe seguem: Vizela, Bairro Latino, Ponte de Barca, Moncorvo, Valecambrense, Mangualde, Ovarense, Pinhelense, Benfica e Castelo Branco, União Mirense, Nazarenos, Tramagal, Reguengos, Silves, Aljustrelense e Torralta.

Vão disputar a «liguilha» 2.ª/3.ª divisão os seguintes clubes: União de Lamas, Naval 1.º de Maio, Portalegrense Amora.

RESULTADOS

Para a história do campeonato, eis os resultados dos jogos da última jornada dos campeonatos da 2.ª e 3.ª divisões nacionais. Na 2.ª divisão:

Zona Norte:

Chaves-Sanjoanense, 1-0; Gil Vicente-Famalicão, 5-0; Alba-Fafe, 1-0; Vilanovense-Braga, 0-0; Salgueiros-Varzim, 2-1; Beira-Mar-Penafiel, 2-0; Lourosa-Paços de Ferreira, 2-1; Feirense-União de Coimbra, 2-1; Riopele-Tirsense, 3-2; Oliveirense-Régua, 1-0.

Zona Sul:

Torres Novas-Almada, 2-0; Marinhense-Juventude, 2-0; Marítimo-Torriense, 4-0; Sintrense-Caldas, 2-1; U. Montemor-Montijo, 3-0; Barreirense-Portimonense, 1-2; Peniche-Estoril, 1-0; Odivelas-E. Portalegre, 3-0; Lusitano-U. Leiria, 0-0; C. Piedade-Sesimbra, 2-1.

Na 3.ª divisão. Série «A»:

Sp. Lamego-Ponte Barca, 12-0; Leça-Vianense, 1-1; Rio Ave-Bairro Latino, 5-0; Freamunde-Moncorvo, 8-0; Paredes-Vizela, 6-0; P. Brandão-Cabeceirense, 1-1; Desp. Bragança-Desp. Aves, 3-0; Vila Real-Avintes,0-0;Esposende-U. Lamas, 1-1; Limianos-Monção, 2-1.

Na série «B»:

Sp. Covilhã-Febres, 3-0; Guarda-Penalva, 0-0; Esperança-Ac.º Viseu, 3-1; Cucujães-Águeda, 3-0; Lousanense-Anadia, 1-1; Marialvas-Valecambrense, 3-1; Ol. Bairro-Gouveia, 2-0; Lusitano-Ovarense, 4-1; Ala Arriba-Naval, 1-0.

Na série «C»:

Tramagal-U. Mirense, 5-4; Marrazes-Campomaiorense, 1-1; Portalegrense-Bombarralense, 2-0; Alcobaça-Cartaxo, 2-0; Alhandra-Almeirim, 2-3; U. Santarém-Vilafranquense, 5-0; Alverca-Nazarenos, fc.-v; Alcanena-Sacavenense, 4-2; Elvas-Pombal, 1-2; Ponte Sôr-Bf. Castelo Branco, 4-1.

Finalmente na série «D»:

Silves-S.L. Olivais, 0-0; U. Santiago-Seixal, 1-1; Lusitano-Casa Pia, 1-1; Odemira-Sambrazense, 1-1; Torralta-Luso, 2-0; Alcochetense-Desp. Beja, 2-1; Operário-Aljustrel, 0-0; Paio Pires-Reguengos, 0-0; Amora-Vasco da Gama, 3-1; C. Caparica-Esperança, 0-1.

Aveiro: a vitória do Beira-Mar só deu meia alegria

CLASSIFICAÇÕES FINAIS NA 2.ª DIVISÃO

ZONA NORTE

	V.	E.	D.	G.	P.
BRAGA	19	12	7	44-25	50
Beira-Mar	18	13	7	53-26	49
Riopele	20	7	11	67-42	47
Varzim	16	10	12	53-31	42
Salgueiros	17	8	13	62-54	42
Sanjoanense	15	11	12	38-43	41
Gil Vicente	16	8	14	49-37	40
Famalicão	16	8	14	48-43	40
Chaves	12	14	12	34-37	38
Lourosa	13	12	13	50-39	38
Régua	15	7	16	42-58	37
Paços Ferreira	13	10	15	50-48	36
Alba	16	4	18	39-55	36
Fafe	12	11	15	32-34	35
Penafiel	12	11	15	35-35	35
Feirense	13	8	17	38-55	34
União Coimbra	13	7	18	50-60	33
Vilanovense	8	14	16	31-49	30
Oliveirense	11	8	19	41-63	30
Tirsense	10	7	21	38-60	27

ZONA SUL

	V.	E.	D.	G.	P.
ESTORIL	26	8	4	89-26	60
Barreirense	22	10	6	64-31	54
Portimonense	21	8	9	70-39	50
Marítimo	20	9	9	73-39	49
Montijo	18	7	12	55-41	43
Torriense	18	5	15	60-53	41
Sesimbra	15	10	13	37-47	40
Marinhense	11	15	11	46-31	37
Caldas	11	15	12	50-42	37
Est. Portalegre	10	17	11	32-43	37
Peniche	11	15	12	35-31	37
Juventude	13	9	16	40-47	35
União Leiria	12	10	16	50-56	34
Almada	11	9	18	45-67	31
Lusitano	9	13	16	34-58	31
Sintrense	9	13	16	27-50	31
U. Montemor	12	7	19	38-53	31
Torres Novas	8	13	17	31-64	29
Odivelas	11	7	20	52-74	29
Cova Piedade	6	10	22	24-61	22

BENFICA: ABATER O PASSIVO

A Comissão de Estudo e Gestão do Sport Lisboa e Benfica torna público o seguinte comunicado:

. «Segundo o último apuramento, as verbas já angariadas nas Campanhas em curso, cifram-se em esc. 694.192$30.

As verbas parcelares, por campanhas, são as seguintes:

. Títulos de solidariedade benfiquista, 13.700$00

Sócios vitalícios, 497.500$00
Cartões vitalícios, 51.250$00
Núcleo dos mil, 123.550$00
Donativos, Campanha Popular, 8.192$30.

No exercício da gestão dos fundos recolhidos, a Comissão solveu encargos englobados no passivo do clube no valor de esc. 409.300$00.

Foram nomeados delegados regionais da comissão para os seguintes locais:

Porto: Custódio Dias Antunes;

Tomar, José António Claro Moreira;

Leiria, José Manuel Capristano dos Santos;

Odemira, dr. António Fortunato Viana Simões dos Santos.

Realiza-se hoje, pelas 21.30, na secretaria do clube, Rua Jardim do Regedor n.º 9, o sorteio dos números de ordem dos sócios vitalícios inscritos até 31 de Maio.

"TAÇA DA EUROPA" EM ATLETISMO

A 14 e 15 de Junho, Lisboa vai ser palco de uma das mais notáveis reuniões desportivas que se têm efectuado em Portugal: uma das eliminatórias da 5.ª edição da «Taça da Europa» (ematletismo) realiza-se na pista de «tartan» do Estádio Nacional. E poruq edesta eliminatória fazem parte paises positivamente credenciados em atletismo, a beuropa despostiva começa a concentbrar a sbua atenção novale do Jamor, aonde se deslocará apreciável número de jornalistas e onde estarão presentes grandes nomes do atletismo intenacional.

A implantação desta «Taça» nos Calendários Intenacionais Europeus não foi fácil: na realidade, Gaston Meyer noncebeu e divulgou pela primeira vez esta importante competição, antes da última Guerra Mundial, em «L'Auto», e desenvolveu a ideia; repetida e discutida, perto de 30 anos em «L'Équipe».

Mas, a «Taça da Europa das Nações» só em 1962 começa a ver as suas bases disnutides nos meios oficiais para, f nalmente, em 16 de Novembro de 1963, ser introduzida no Calendário Internacional, quando o Comité da Europa votou oprojecto do italisno Bruno Zauli.

Foi preciso esperar quase 30 que um apaixonado do atletismo, alma de grande e esclarecido dirigente, ascendesse à presidência do Comité da Europa para que a ideia, os projectos, os objectivos e os regulamentos fossem por fimuprovados.

A criação desta prova nolectiva, para além de outras finalidades, pretendia estimular o atletismo,mrdenar um calendário europeu anárquico e datasista e limitar a proliferação de reuniões privadas que abrissem a via ao falso amadorismo.

O leitor reconhece facilmente Lapa (Atlético) e Nelson (Sporting) e estranhará por certo, as camisolas que envergam e o facto de calçarem «ténis». Ora, acontece que, sempre que podem, eles dão o seu contributo ao Grupo Desportivo «Béu-Béus» (simpático conjunto de «rapazes» de Paço de Arcos, de que em breve falaremos) e do qual Peres, Amaral, Correia dos Santos, João Balão e outros são entusiásticos animadores

"Havemos de voltar" ganharam em Sá da Bandeira

Os jogadores angolanos que actuam em Portugal, agrupados numa selecção denominada «Havemos de voltar» estrearam-se ontem, em Sá da Bandeira, perante a selecção do M.P.L.A. (que patrocina esta digressão). O resultado final foi de 3-2 a favor dos jogadores que saiam de Lisboa, com golos de Seninho, (2) e Manecas. Os tentos da selecção do M.P.L.A. foram apontados por Tolentino e Barros.

As equipas apresentaram as seguintes constituições:

. SELECÇÃO DO M.P.L.A. do LUBANGO — Carlos; Nicola, Feliciano, Emílio e Firmino; Pedro e Tolentino; Barros, Carlos Manuel, Morais e Moutinho.

SELECÇÃO «HAVEMOS DE VOLTAR» — Benje, Sabú, Zezinho, Soares e Manecas; Lito, José Maria e Dinis, Laurindo, Juvenal e Seninho.

Substituições: Lito por Raul Águas, José Maria por Pavão, e Juvenal por Ferreira Pinto.

Manecas, que realizou excelente exibição, regressa a Lisboa para tentar ajudar a sua equipa (o Académico) a permanecer na 1.ª divisão nacional.

Liguinha maior começa domingo

Começa no domingo o «torneio de competência» entre os clubes da 1.ª e 2.ª divisões: na primeira jornada, defrontam-se Beira-Mar e Barreirense e Oriental-Académico. A segunda jornada cumprir-se-à na terça-feira seguinte (dia 10) com o seguinte programa: Barreirense-Oriental e Académico-Beira-Mar. No domingo, dia 15, jogam Académico-Barreirense e Oriental-Beira-Mar. A quarta jornada disputar-se-à no dia 22 de Junho e os jogos são os seguintes: Barreirense-Beira-Mar e Académico-Oriental. No último domingo de Junho, (29) jogam Oriantal-Barreirense e Beira Mar-Académico.

A derradeira jornada disputa-se a 6 de Julho e os jogos são os seguintes: Barreirense-Académico e Beira-Mar-Oriental.

Pormenor curioso: o Académico efectua três jogos seguidos no Municipal de Coimbra, o que pode ser uma vantagem

Notícias

DUDA

Duda, o brasileiro que esteve ao serviço do Vitória de Setúbal, estreou-se no Sevilha, perante os ingleses do Chelsea: ofereceu o 1.º golo e conseguiu o 2.º, tornando-se «a figura no terreno».

MONTIJO

O futebol montinjense acusou um impressionante «deficit»: 5000 contos, de 1971 a esta parte

JORDÃO

O Bétis (Espanha) está interessado no concurso de Jordão: o jogador pediu nove mil contos por um contrato de 3 temporadas, enquanto o Benfica solicitava 15 mil pela «carta de desobrigação».

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO)TELEFS.727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento.

Geral

O NOVO PAÍS QUE PERÓN ENCONTROU

Continuação da pág. 3

país. A sua fortuna pessoal é ainda hoje imensa.

José Alonso, ex-secretário-geral da Confederação Geral do Trabalho, que teve uma activa participação no golpe militar de 1966, dirigente máximo do Sindicato do Vestuário, possuia uma enorme fortuna pessoal e estava estreitamente vinculado à diplomacia norte-americana. Em 1970 foi executado por um comando montonero.

O movimento sindical, pilar fundamental do primeiro Governo peronista, era, pois, no momento em que Perón regressou, em 1973, uma estrutura totalmente dominada por uma burocracia amalgamada com os «serviços de informações» e as grandes empresas, salvo raras excepções.

A velha classe operária tinha-se marginalizado da vida sindical, as novas gerações viam nos burocratas amarelos os seus inimigos declarados.

Restringida enormemente a mobilidade social, importantes sectores da classe operária entraram na condição proletária.

O velho país liberal e semi-industrializado, com uma enorme classe média próspera, com uma classe operária que, nos seus estratos superiores podia dar o «grande salto» e ingressar na classe média, a Argentina pacífica e pequeno-burguesa agonizava inexoravelmente.

Surgia agora uma sociedade de consumo — industrial e subdesenvolvida — com uma democracia económica cada vez menor (e por isso com uma democracia política cada vez menor). Com uma classe superior de «executives», gerentes de empresas estrangeiras, oligarcas e militares norte-americanos, etc, uma classe média triturada por uma sociedade de consumo opressora; uma classe operária, cada vez mais empobrecida e rompendo com os seus velhos moldes sociopolíticos.

A DITADURA MILITAR DE DIREITA

Já em meados dos anos 60 a situação começava a decair. A crise da classe média manifestou-se a nível dos seus partidos políticos, que se desagregavam dia a dia. Por outro lado, as novas classes dominantes agiam à margem dos grupos políticos tradicionais.

Nesse momento, o Governo estava nas mãos do Partido Radical, que tendia a representar eleitoralmente os sectores das camadas médias urbanas e rurais liberais.

Este Governo tinha surgido de eleições, das quais o peronismo — maioritário embora — tinha sido proscrito. Apenas com 23 por cento dos votos, instalou-se um Poder débil, que não representava nem o povo nem os «factores do Poder» hegemónicos.

Grandes convulsões sociais se sucederam nesse período — 1964 foi o ano das mobilizações operárias. Num só dia, mais de um milhão de trabalhadores realizou uma impressionante operação de «ocupação de fábricas». Estas mobilizações de protesto iriam ser instrumentadas pelos dirigentes sindicais que começavam já a entrar em combinações com os militares em preparação do golpe de Estado. No fim desse ano, realizou-se a primeira tentativa de Perón para regressar ao país. Foi retido no Brasil e recambiado para Espanha, onde estava asilado.

No Norte argentino, em Tucumán, a agitação operária e estudantil crescia de mês para mês. Os meios de comunicação da direita começavam a falar do «perigo vermelho» que vinha do Norte.

Quando se deu o golpe de Estado de Junho de 1966, a classe média na sua maioria viu favoravelmente a liquidação do «caos liberal» e o aparecimento de um Governo de «ordem». A classe operária permanecia basicamente indiferente. A única oposição séria partiu das universidades, onde imediatamente se fez a repressão militar. Os partidos políticos (radicais, democratas-cristãos, etc.) volatizaram-se sem ruído.

O general Ongania assumiu o Poder e, em pouco tempo, dissiparam-se as ilusões existentes (3). No decorrer de 1967, a política económica tomou uma orientação abertamente pró-monopolista com redução dos rendimentos reais de todos os sectores (incluida a própria oligarquia latifundiária) em benefício do capital multinacional, que conseguiu apoderar-se de substanciais fracções do aparelho económico.

Em 1968, rebentaram as primeiras resistências de importância, lideradas por um conglomerado de pequenos sindicatos se constituiu em «C. G. T. dos argentinos». Esta oposição foi esmagada em pouco tempo. A táctica dos dirigentes oposicionistas (que procuravam combinar a agitação com certas perspectivas «golpistas» fracassou ante a unidade das Forças Armadas. Esgotados os canais «legais», inexistentes os partidos políticos, os sindicatos nas mãos de uma burocracia entregue ao Governo — o crescente descontentamento teve que encontrar novas formas de expressão.

Em fins de 1968, frustrou-se no «Taco Ralo», no Norte do país, uma tentativa de incrementar a guerrilha rural. Todos os membros do destacamento das Forças Armadas Peronistas (F. A. P., marxista-peronista) foram capturados. Algumas outras acções de guerrilha desenvolveram-se durante 1969. Mas nesse ano estalaram gigantescas insurreições populares. A mais notória, que se chamou «Cordobazo», desenrolou-se na cidade de Córdoba, no Centro do país. Até aos começos dos anos 60, esta cidade tinha sido um centro de estudantes, empregados e elementos das profissões liberais. Mas, a irrupção da indústria automotriz, primeiro e a aliança posterior da ditadura militar ao servico dos monopólios (ruina da pequena burguesia independente, liquidação das liberdades democráticas, etc.), as classes liberais, que anteriormente imprimiam o seu selo à vida política cordobesa, foram rebaixados por um proletariado industrial moderno, jovem, e por uma massa estudantil de classe média belicosa, acossada pela crise. Durante cinco dias, Córdoba foi cenário de violentos recontros. A repressão saldou-se por grande número de mortos e feridos.

Outras cidades do interior também se sublevaram: Rosario, Tucuman, Corrientes, etc.

O regime militar, ferido de morte, sobreviveu até 1973, mas com um espaço político reduzidíssimo, com todo o povo contra.

O ano de 1970 foi assinalado por intensa actividade de guerrilha: em todo o território sucederam-se centenas de acções.

Havia cinco grupos armados principais:

Montoneros: a sua origem é de classe médica católica de esquerda. Adoptou a bandeira do peronismo e passou a ser o núcleo mais popular.

Forças Armadas Peronistas: (F. A. P.): originado em velhos quadros da resistência peronista, muitos de raíz sindical. Ideologicamente marxista, a sua ala maioritária, a breve trecho, se apresentou como «alternativa independente», proletária, ante a «alternativa burguesa» da condução oficial do peronismo.

Forças Armadas de Libertação: (F. A. L.): originado em militantes dissidentes da Juventude Comunista, em pouco tempo foi praticamente desarticulado pela repressão policial.

Exército Revolucionário do Povo: (E. R. P.): de origem trotskysta é, até hoje, o grupo mais poderoso no que toca ao aparelho militar. No entanto, as suas posições sectárias impedem-no de alcançar pouco apoio entre as massas.

Forças Armadas Revolucionárias: (F. A. R.): guevaristas, pró-peronista, pequeno mas militarmente bem estruturado, fundiu-se em 1973 com os Montoneros.

Em 1970, produziu-se a substituição de Ongania pelo general Levingston, oficial dos serviços secretos militares, desconhecido do público. Nos princípios de 1971, produziu-se uma segunda insurreição popular em Córdoba, o «vivorazo». Mas, desta vez, não era uma massa totalmente desorganizada que entrava em acção — as organizações guerrilheiras estiveram presentes nesta jornada.

Entre 1971 e Março de 1973 (quando se realizaram as eleições), a ditadura militar realizou uma política dupla: abrandamento a nível dos partidos, por um lado, acentuação da repressão antiguerrilheira e antiperonista, por outro.

Contudo, os elementos da democratização que surgiram sob o «lanussismo» em particular durante toda a campanha eleitoral permitiram a irrupção de grandes massas que escapavam ao controlo dos quadros políticos e sindicais tradicionais.

Apesar de todos os intentos divisionistas, a proscrição do próprio Perón, etc., o peronismo triunfou nas eleições de 11 de Março de 1973 com mais de cinquenta por cento dos votos.

NOTAS:

(1) — Tratava-se de núcleos pertencentes a organizacões de extrema-direita («Comando de Organizacão etc.), membros dos «servicos de informacões» e nucleos paramilitares da direita sindical («Juventude Sindical Peronista», etc.).

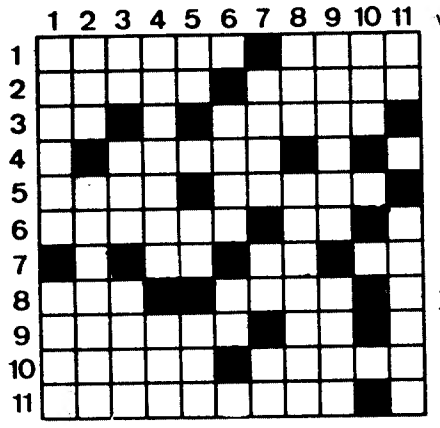
(2) — Por exemplo, durante a ditadura de Ongania (1966-70), a oligarquia rural viu estancar — e mesmo diminuir — o seu rendimento real em benefício dos grandes monopólios estrangeiros.

(3) — Estas «ilusões» eram alimentadas por certos círculos políticos e da burocracia sindical que especulavam com a consolidacão de um neoperonismo, quer dizer, de um nacionalismo burguês-populista «moderado».

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11098



HORIZONTAIS:

1 Ligo. Furna.
2 Sujai com baba. Pétala.
3 Artigo definido. Mencionei um texto, opinião, facto, como exemplo ou autoridade.
4 Mulher de idade avancada.
5 Nome de homem. Querido.
6 Verdejado. Cobalto (s q).
7 Solitário. Nome de letra. Rio de Itália.
8 Graca. Nome de mulher.
9 Cercar com arames. Artigo definido (ant).
10 Derrotes. Salpica.
11 Meteriam em mala.

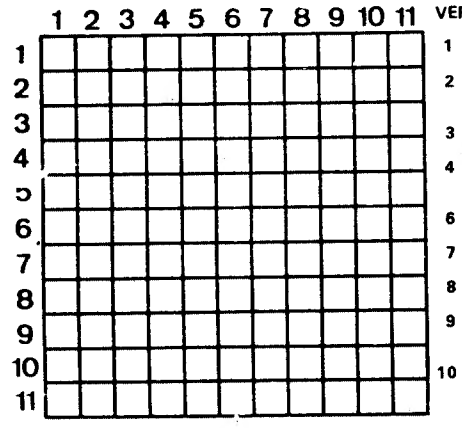
VERTICAIS:

1 Sacudir. Percebe.
2 Ruins. Repetiram.
3 Entre os Caldeus, o quinto mês. Caminha para cá. Folha de ferro estanhado.
4 O mesmo que remelas. Desgraca.
5 Zomba. Compaixão. Pega.
6 Sobrado. Viracão.
7 Vendem a credito. Plural. Cento e um em romano.
8 Rio de Franca. Anuira.
9 Encerado. O mesmo que alime.
10 Abraco. (pop).
11 Autores. Talhar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7256



HORIZONTAIS

1 Carne. Diminui o brilho de (fig).
2 Agúcar. Braco de rio por onde se desviam águas.
3 Fechar as asas para descer mais depressa. Raca.
4 Abreviatura da palavra inglesa (senhor). Conceder. Prata (s.q.).
5 Parte do Indostão, na costa do Decão, banhada pelo mar de Omana.
7 Costurei. Serra de Portugal.
7 Atmosfera. Olé. Centiare.
8 Lenda. Utensilio doméstico.
9 Do feitio de ovos. Composto.
10 Quinhão. Pesquisai.
11 Anel. Fechará com iacre.

VERTICAIS:

1 Espanha. Freguesia do concelho do Seixal.
2 Região do Oriente, aonde Salomão mandava buscar oiro. Salpicar.
3 Liga. Moderato. Jogador de bilhar.
4 Aves pernaltas. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
6 Larva das feridas dos animais. Vi..
7 Actínio (s.q.). Bondosa. Mil e duzentos em romano.
8 Ilha da Baia de Guanabara (Rio do Janeiro). Dar pios.
9 Mulher de baixa statura. Reis. Afasta! para fazer recuar os dois jungidos.
10 Cidade da India nas margens do Falgu. Antes de Cristo. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
11 Imundo. Aplaude.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11097

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Brava. Paras.	1 Bruta. NUNCA.
2 Reler. Risco.	2 Remar. Erais.
3 UM. Me. Os. Ua.	3 Al. Lesto. As.
4 Tal. MAL. Par.	4 VEM. Soo. Bia.
5 Ares. Fria.	5 Arem. Sa.
6 Socaria.	6 Acabaria.
7 Neto. Beatas.	7 Prol. Regar.
8 Uro. Sagrado.	8 Ais. Fiar. If.
9 Na. Bara. Ie.	9 Rs. Prata. SO.
10 Ciai. Irisar.	10 Acuai. Adiar.
11 Assaca. Fora.	11 Soara. Soera.

Provérbio: UM MAL, NUNCA VEM SÓ.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7255

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Sevilha. Ana.	1 Sala. Véu. Pá.
2 Ac. Miam. Rui.	2 Ecos. Ás. Mec.
3 Lotas. Açana.	3 Tais. Toso.
4 Asas. Credor.	4 Imás. Per.
5 Pairo.	5 Lis. Pratas.
6 Vãs. Ar. Cs.	6 Ha. Ca. Lares.
7 Es. Palmada.	7 Amariam. Ano.
8 Teta. Sova.	8 Cerras. AC.
9 Morara. Ras.	9 Arado. Dor.
10 Pés. Sena. Rã.	10 Nuno. Cavar.
11 Açor. Soca.	11 Aiaras. Asar.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14º
P. DOURADAS	7º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	16º
FARO	17º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ESTORIL
Máxima 24,5º

PENHAS DA SAÚDE
Minima 0.8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15º
Atmosfera 13º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.26	3,1 m	3.42	1,5 m
22.44	3,2 m	16.03	1,7 m
Dia 3			
11.27	3,1 m	4.44	1,5 m
23.44	3,2 m	17.08	1,6 m
Dia 4			
		5.40	1,4 m
12.22	3,2 m	18.05	1,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu temporariamente muito nublado; vento fraco ou moderado Noroeste; possibilidade de aguaceiros nas regiões montanhosas do Norte.

AMANHÃ

NASCER AS 6.16
OCASO AS 21.06

DIA 2 — DIA 9 — DIA 16 — DIA 23

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

PROGRAMAS — RÁDIO MFA

EMISSORA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira:
12,30 às 13,00
18,15 às 19,00
23,00 às 23,15
06,15 às 07,00
Aos Domingos:
10,00 às 12,00

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS
3.as e 5.as feiras:
21,00 às 21,25

BARS BOITES

ESTABELECIMENTOS DIVERSOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
a actuar GRAZIELA DE SIRTANAS (Argentina).

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO I-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Lealdade, Rua do Olival, 226 (tel. 663441)
ALTO DO PINA
Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (tel. 841912)
ALVALADE
Líbia, Avenida da Igreja, 4-B (tel. 711681); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 710331); **Aguiar**, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (tels. 768343/764629)
ANJOS
Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50 (tel. 47838)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (tel. 40592)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, Rua B, 75-A/B (tel. 683694)
BAIXA
Unifa, Rua da Vitória, 21 (tel. 323793)
CAMPOLIDE
Gomes, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (tel. 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (tel. 687949)
RESTELO
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (tel. 610280)
XABREGAS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (tel. 382470)

TURNO I-2

TODA A NOITE

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (tel. 633288)
ALTO DO PINA
Pais, Rua Abade de Faria, 22-A (tel. 723965)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente, Rua Lopes, 120 (tel. 843381)
AREEIRO
Galeno, Avenida Oscar Monteiro Torres, 38-A (tel. 774920)
ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (à Rua Pascoal de Melo) (tel. 43340)
BAIRRO ALTO
Barreto, Rua do Loreto, 24/30 (tel. 327284)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça Casas Novas, lote 66 (tel. 310172)
BENFICA
Marques, Estrada de Benfica, 648 (tel. 700096)
CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1/9 (tel 662838)
GRAÇA
Silva, Calçada de Santo André, 16 (tel. 862074)
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790942)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (tel. 832580)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Avenida Luís Bivar, 69 (tel. 47213)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R.Ernesto Silva, 81 (T.212048)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Toda a noite
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485)
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77 (T. 2471054). Toda a noite
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116)
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B. Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórdia**, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23 (T.938149)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841); **André**, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R.Capitão Leitão, 31-A (T.270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-A (T.2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.2073035)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T.230156)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (T.229471)
SETÚBAL
Normal do Sul, P.do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 7

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucrs., Praça Marquês de Pombal, 122; **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152; **Prelada**, Rua Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira, 236; **Ameal**, Rua do Ameal, 1227; **Campo Alegre**, Rua do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100; **S. Lázaro**, Avenida Rodrigues de Freitas, 297 e **Melo Taveira**, Rua Alcaide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS

Prelada, Rua Central de Francos, 316; **Martino, Sucr.**, Praça Marquês de Pombal, 122; **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 e **S. Lázaro**, Avenida Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

Nazaré, Av. João das Regras, **Figueiredo**, R.da Sofia; **S José**, Arcos do Jardim

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CIRCO DE MOSCOVO
21.30
Av. Fontes Pereira de Melo
NOSSO TEMPO
21.45 (13 anos)
«Insecticida»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-me a Tua Piscina»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O Homem dos Olhos de Gelo»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Cowboy virgem»
PARIS
21.15 (14 anos)
«O Chato»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Assassínio na Rua Morgue»
JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Se Disparas Mato-te»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Sexo Louco»

CASCAIS
Oxford
16.00 - 21.15
(Não acons. a menores de 18 anos)
«Primos Carnais»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A Carta do Kremlin»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Uma mulher e pêras»

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«O professor Ertomaníaco»

PORTO/Teatros

COLISEU
21.30 (13 anos)
Grupo Búlgaro «Pirin»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«A Gaiola das Loucas»

PORTO/Cinemas

S.JOÃO
21.30 (13 anos)
«Primeira Página»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Silêncio»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Woodstock»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Criado para todo serviço»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Irei como um cavalo louco»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Dorothea»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os Ambiciosos Também Morrem»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Cordeiro Enfurecido»

TERÇO
21.15 (10 anos)
«Os Boinas Verdes»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»

RIVOLI
21.30 (13 anos)
«Papillon»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Dorothea»

COIMBRA

S. TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«As Luzes da Ribalta»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Eva a Primeira Pedra»

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Um Crime no Expresso Oriente»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Lacombe Lucien»

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

cinemas ● cinemas ● cinemas

BERNA
T. 776098 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A obra mais provocante de Sidney Lumet
SERPICO
4.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O filme excepção de Mike Nichols
ARTIGO 22
3.ª Semana
Hoje às 24.00 - 18 anos
O ESTRANGEIRO

ROXY
T. 48560 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A carne cobica o espírito e o espírito cobiça a carne
O MONGE
c/Franco Nero e Nathalie Delon

PATHÉ
T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
com Sylvia Kristel
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
7.ª Semana

ALVALADE
T. 717480 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O último filme do imortal Bruce Lee
A FÚRIA DO DRAGÃO
2.ª Semana

CINEBOLSO
T. 573407 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
JOE HILL
de Bo Widerberg
Amanhã às 12.30
FALEMOS DE HOMENS
de Lina Wertmuller com Nino Manfredi

CINEMA 2000
T. 2100055 — 15.30, 21.15
para todos
Cliff Richard é **O SONHO DE UMA ESTRELA**

LIDO
T. 937593 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE

O JOÃO V
T. 971794 — 21.00
Grupo D (18 anos)
INICIAÇÃO CARNAL
Com Jack Nicholson

UNIVERSAL
T. 774402 — 16.30, 22.30
Não acons. a menores de 13 anos
A CORAGEM DO POVO
de Jorge Sanjines
Não acons. a menores de 18 anos
14.30, 20.30
A MORTE DUM LENHADOR

RESTELO
T. 610375 — 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
em 7.ª Semana
Uma obra-prima de Billy Wilder
A PRIMEIRA PÁGINA
com Jack Lemmon

EDEN
T. 320768 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O último filme do imortal Bruce Lee
A FÚRIA DO DRAGÃO
2.ª Semana

TIVOLI
T. 50595 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A história de uma ambição
A história de um amor
Alain Delon em
A RAÇA DOS SENHORES

CASINO ESTORIL
T. 264621 — 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
SEXO LOUCO
(Sesso matto)

ROYAL
T. 665037 — **15.30, 21.15**
Não acons. a menores de 18 anos
JUNTOS SÃO DINAMITE
c/ Terence Hill, Bud Spencer

POLITEAMA
T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
PUNIÇÃO DIABÓLICA
com Robert Stevens

ROMA
T. 727778 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CINESTÚDIO
T. 937593 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
PAPILLON
A projecção do filme começa imed. após o início da sessão

VOX
T. 720808 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Maiores de 10 anos
CAT BALLOU — A MULHER FELINA

LUMIAR
T. 795296 — 21.15
Grupo D (18 anos)
LUTAS SEM TRÉGUAS
Com Anthony Quinn

SATÉLITE
T. 562632 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
AS DUAS FACES DUMA HISTÓRIA DE AMOR

MUNDIAL
T. 538743 — 15.15, 18.30, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
SEX SHOP A LOJA DO SEXO
2.ª Semana de êxito

CALEIDOSCÓPIO
T. 794141 — 14.00, 17.30, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
3 dias de paz, música ... e amor
WOODSTOCK
4.ª Semana

CONDES
T. 322523 — 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen Dustin Hoffman
Do livro ao cinema — o maior êxito mundial!
8.ª Semana

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
A triunfal Comédia Brejeira
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
NA FALTA DO MARIDO... DESTRAVA COM «OUTRO...»

LONDRES
T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Ele tinha todos os vícios
FRITZ O GATO
Fritz é um gato sujo, boémio revolucionário, preocupado com a política e o sexo e...
5.ª Semana

S. JORGE
T. 54153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ALTA TENSÃO EM NOVA IORQUE
No «Metro» cada viagem pode ser a última...

AVIS
T. 47163 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
TÉCNICA DE ENGATE
c/Stephane Alidran

CASTIL
T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ALGUNS CHAMAM-LHE AMOR
Um filme de James Harris

CINEARTE
T. 660446 — 15,30, 21.30
(Grupo B-10 anos
EL CID O CAMPEADOR
Com Sophia Loren

ESTÚDIO
T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AMAR NÃO MATA
Um filme de Vilgot Sjoman

EUROPA
T. 661016 — 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UMA ESCRAVA É UM DESCANSO
Com Lando Buzzanca

IMPÉRIO
T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
«OH! CALCUTA»
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MONUMENTAL
T. 555131 — 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Jaqueline Bisset em
O GAFANHOTO

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 32115 4/5 32027 1/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

AUSTERIDADE NOS CONSUMOS

. Com o objectivo de restringir as importações de certos produtos, e a consequente saída de divisas para o seu pagamento, foram lançadas pelo Ministério do Comércio Externo e Turismo, novas taxas, de 20 e 30 por cento, sobre duas listas de mercadorias cuja comercialização em Portugal passará a ter preços bastante mais elevados, considerados dispensáveis (supérfluas ou que possam ser produzidas no país em maiores quantidades).

O conjunto de importações abrangido pela taxa mais baixa (os 20 por cento) refere-se a mercadorias sobretudo utilizadas pela nossa indústria ou bens de consumo que não são supérfluos (como sejam as máquinas de costura e de lavar roupa, motocicletas, aspiradores, óculos, etc). Os bens que, claramente, não são essenciais, ou aqueles que facilmente poderão ser substituídos pela produção nacional, são sobretaxados com 30 por cento. Das listas não constam os produtos de primeira necessidade (carne, peixe, açúcar, manteiga, etc) nem os que estão sujeitos a regimes próprios, como a gasolina, não sendo por isso os seus preços afectados.

O texto do decreto-lei materializa já, deixando antever medidas no msmo sentido, algumas bases para uma política de austeridade para aqueles sectores de consumo que, ainda a não pratica. Defendem-se, pois, «padrões de consumo mais de acordo com as possibilidades da economia nacional e, portanto, uma utilização mais racional dos meios financeiros de importações de que dispomos». Esta racionalidade, que é dizer, esta poupança, pretende evitar a repetição dos largos défices da balança de pagamentos de 1974: uma sangria de capitais da ordem dos 16,5 milhões de contos que este ano tende a agravar-se. E esta política debate-se entre a urgência de estancar tal hemorragia fiduciária e o perigo para a economia portuguesa de medidas mais drásticas. A sobretaxa criada vigorará até ao último dia do presente ano e, até lá, deverão ser tomadas «outras providências dirigidas à reactivação das actividades de produção», providências legislativas e executivas que hoje têm a sua expressão política nas campanhas psicológicas pela «batalha da produção». Relativamente aos sacrifícios que estas medidas imporão a largas camadas trabalhadoras, o M.C.E.T. considera-os temporários «uma vez que é de esperar que, rapidameme, a indústria nacional venha a estar em condições de satisfazer a procura». Alega-se que tais medidas trarão um encorajamento à produção nacional e fazem-se votos para que, não só dos consumidores, mas também «os gestores de empresas entendam e aceitem as presentes medidas como uma orientação no sentido da preferência pelo produto nacional».

CAMPO PEQUENO
M/6 anos
5.ª FEIRA, 5 às 22 HORAS
6 CAVALEIROS MATADORES NOVILHEIROS

C. ARRUZA / J. M. C. LOPES

Os novilheiros
José MARECO
António POEIRA
Gilberto BELCHIOR
Luís PEIXINHO
Parreirita CIGANO
Rafael CASTILLO (mexicano)

E ainda
FORCADOS AMADORES JUVENIS DE LISBOA
de Nuno Salvação Barreto

7 NOVILHOS-TOIROS DE DAVID R. TELLES 7

20 BANDARILHEIROS

MEMORÁVEL FESTIVAL A FAVOR DO SINDICATO DOS TOUREIROS

VASCO GONÇALVES

FUNDAMENTAL A BATALHA DA INFORMAÇÃO

. .«Pensamos que estando dentro da N. A. T. O. poderemos contribuir para o estabelecimento de uma paz duradoura na Europa e no Mundo», afirmou Vasco Gonçalves à sua chegada ontem a Lisboa, vindo de Bruxelas, onde juntamente com o almirante Rosa Coutinho participou na cimeira da Aliança Atlântica.

. .Uma impressionante manifestação popular assinalou o regresso do Primeiro-Ministro, que teve ainda, a aguardá-lo no aeroporto, a presença de Costa Gomes, membros do Conselho da Revolução e do Governo. Em representação dos partidos da coligação viam-se Salgado Zenha pelo P. S., Octávio Pato pelo P. C. P., Sá Borges pelo P. P. D. e Tavares da Cruz e João Vargas em representação do M. D. P./C. D. E. Também estiveram presentes vários membros da comissão promotora da manifestação unitária, nomeadamente César de Oliveira, Aníbal de Castro e José Carlos de Vasconcelos. Registe-se ainda que a manifestação mereceu a adesão da F. S. P., do M. D. P./C. D. E., do P. P. D., do P. C. P., do M. D. M. e da U. J. C. Sotto Mayor Cardia justificou a não-adesão do P. S. afirmando que «de acordo com a própria natureza da manifestação o Partido Socialista não entendeu dever tomar qualquer posição».

BATALHA DE INFORMAÇÃO

. .Nas palavras que proferiu à chegada Vasco Gonçalves salientou dois aspectos como fundamentais da missão que, acompanhado de Rosa Coutinho, desenvolveu na capital belga: «A afirmação clara, franca e firme» da posição portuguesa na N. A. T. O. e a «batalha da Informação» ali travada no sentido de esclarecer os aliados da N. A. T. O. e a opinião pública internacional sobre as verdadeiras realidades da Revolução Portuguesa.

. .Relativamente ao primeiro aspecto, Vasco Gonçalves, além de sublinhar o contributo que a posição portuguesa dentro da N. A. T. O. poderá ter no equilíbrio europeu, lembrou que «a substituição de um Estado fascista por um Estado democrático dentro da N. A. T. O. só lhe dá uma melhor imagem e mais crédito no sentido de prosseguir ideais verdadeiramente democráticos».

. .Referindo-se ao caso «República», o Primeiro-Ministro afirmou que «se esse caso entre nós foi exagerado, com fins que viesse a ter repercussões num momento destes, em que íamos à cimeira da N. A. T. O., e que daí viesse distorção dos acontecimentos que se passam em Portugal, se assim se terá passado, esses objectivos foram conseguidos porque nós tivemos que nos esforçar por explicar claramente aos nossos interlocutores, e a toda a gente, numa conferência de Imprensa que as liberdades não estão em perigo em Portugal».

Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho durante uma das reuniões da N.A.T.O.

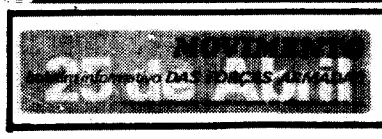
UNIDADE E SOCIALISMO

. .No final das suas declarações Vasco Gonçalves, acompanhado de Costa Gomes e restantes membros do Conselho da Revolução dirigiu-se, de uma das janelas do edifício do aeroporto, à multidão que o queria saudar. Longamente vitoriado o Primeiro-Ministro agradeceu a presença dos manifestantes, apelou para a unidade e terminou gritando «Vivam as massas trabalhadoras empenhadas na batalha da produção. O futuro de Portugal está nas vossas mãos... vamos construir Portugal».

. .Costa Gomes falou também aos manifestantes que clamavam «unidade, unidade» e «socialismo só há um, o do povo e mais nenhum», dizendo: «Estou plenamente convosco nesta altura porque o que nós necessitamos sobretudo nesta altura é de unidade. A unidade para podermos vencer a batalha do trabalho, a unidade para reconstruirmos uma nação onde a justiça e a fraternidade entre os homens e o amor não sejam palavras vãs.» E concluiu: «Nós também acreditamos que socialismo há só um.»

. .O general Carlos Fabião, solicitado pelos manifestantes, também se lhes dirigiu tendo dito, nomeadamente: «Na batalha da produção, os soldados que nos hão-de dar o socialismo são vocês, as massas trabalhadoras, são as vossas ferramentas, são os vossos arados, são os vossos tractores, as nossas armas e os nossos carros de combate (...) camaradas, todos unidos vamos vencer a batalha da produção, vamor fazer um Portugal socialista.»

Diário de Lisboa
Vende-se em toda a França
Transportado pela Air France (com a colaboração da escala de Lisboa da TAP) e distribuído pelas «Nouvelles Messageries de la Presse Parisienne»


Boletim Informativo do MFA, quinzenalmente, às 3.as feiras.

PROBLEMAS DA MADEIRA ESTUDADOS EM LISBOA

O secretário de Estado do Trabalho, Carlos Carvalhas, esteve esta manhã reunido com a Junta de Planeamento da Ilha da Madeira, numa fase preparatória para o encontro interministerial com a mesma Junta e que terá lugar amanhã, sob a presidência do ministro da Coordenação Económica.

Como se sabe, o arquipélogo da Madeira constitui, neste momento, um dos mais graves problemas sociopolíticos-económicos do País. Nesta série de reuniões tentar-se-á encontrar solução para os mesmos, através da adopção de medidas de política económica especialmente relacionadas com o sector das pescas, reforma agrária, problema das colónias, salários e rendimentos.

BATALHA DA PRODUÇÃO

Durante a semana útil que hoje se inicia haverá reuniões de trabalho entre delegados dos diversos Ministérios interessados na batalha da produção e representantes das comissões administrativas e de trabalhadores de várias empresas, entre as quais do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e a Empresa de Cimentos de Leiria.

CIDADE MARGINAL

ALICE NUM BAIRRO DE FOME...

. A criança de seis anos chegou a casa e durante o almoço não conseguiu engolir nem sequer mastigar a comida. Vómitos secos levaram-na a contrair o rosto e a esboçar amiude esgares de profunda indisposição. Julgando-a doente a mãe tirou-lhe a febre. Mas o termómetro marcou uma temperatura absolutamente normal. E só então Alice definiu a razão da sua inesperada falta de apetite, ao murmurar na sua vozita magoada «Não consigo comer porque me estou a lembrar duns meninos que vi hoje a chorar de fome». Alice tinha visitado nessa manhã um bairro de barracas, com a professora e os seus pequenos camaradas do jardim-escola.

UMA REALIDADE REVOLUCIONÁRIA

Moral da história: quando será que o grau de consciencialização (de índole visceral) da pequena Alice atingirá todos os habitantes deste espaço terráque? Um grau de consciencialização que os conduza a sentir «vómitos» ao colocarem em paralelo a sua abundância, quantas vezes escandalosa e corrupta, e a escassez desesperante que ainda flagela (até à morte) amplas massas humanas. Porque no dia em que tal suceder, estamos certos, o socialismo universal estará a um passo de se tornar uma realidade revolucionária.

DIAMANTES CLANDESTINOS

A Guarda Fiscal deteve dois jovens alemães na posse de pedras preciosas, passadas clandestinamente no porto de Faro, sem serem por isso sujeitas às taxas alfandegárias. Para a sua transacção os dois traficantes já tinham contactado um cidadão português. As autoridades policiais referem que o processo de aquisição dos diamantes e o seu envio para fora do País, dado o reduzido volume que ocupam, constitui mais um meio usado por quantos, na criminosa atitude de sabotagem económica, procuram colocar além-fronteiras os seus capitais.

EXPORTAÇÃO ILÍCITA DE CAPITAIS

O dr. Teixeira Pinto, presidente do conselho de administração da Sociedade Financeira Portuguesa, e presentemente em parte incerta, tem dez dias para se defender de uma acusação de exportação ilícita de divisas no valor de 75 mil contos, através do Banco Intercontinental Português (B.I.P.), ao reembolsar um empréstimo anteriormente obtido e parte dos juros respectivos, sem que tenha sido obtida autorização do Banco de Portugal.